# FRUCTOS DE VARIO SABOR

# FRUCTOS

DE

# VARIO SABOR

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1876

# PREFACIO

Ás pessoas amaveis e benevolas, que ainda lêem prefacios, são offerecidos estes fructos de vario sabor. Não os tomem, antes de provados, por ostentação de vaidoso pomareiro, que pretendesse inculcar-se como possuidor de preciosas e raras especies. É pequeno o pomar, o cultivador despretencioso e modestissimos os productos da sua colheita. Não se dão aqui d'essas maravilhas, que, por sua belleza, encantam quem as contempla e enchem de justificado orgulho o genio que as tornou perfeitas.

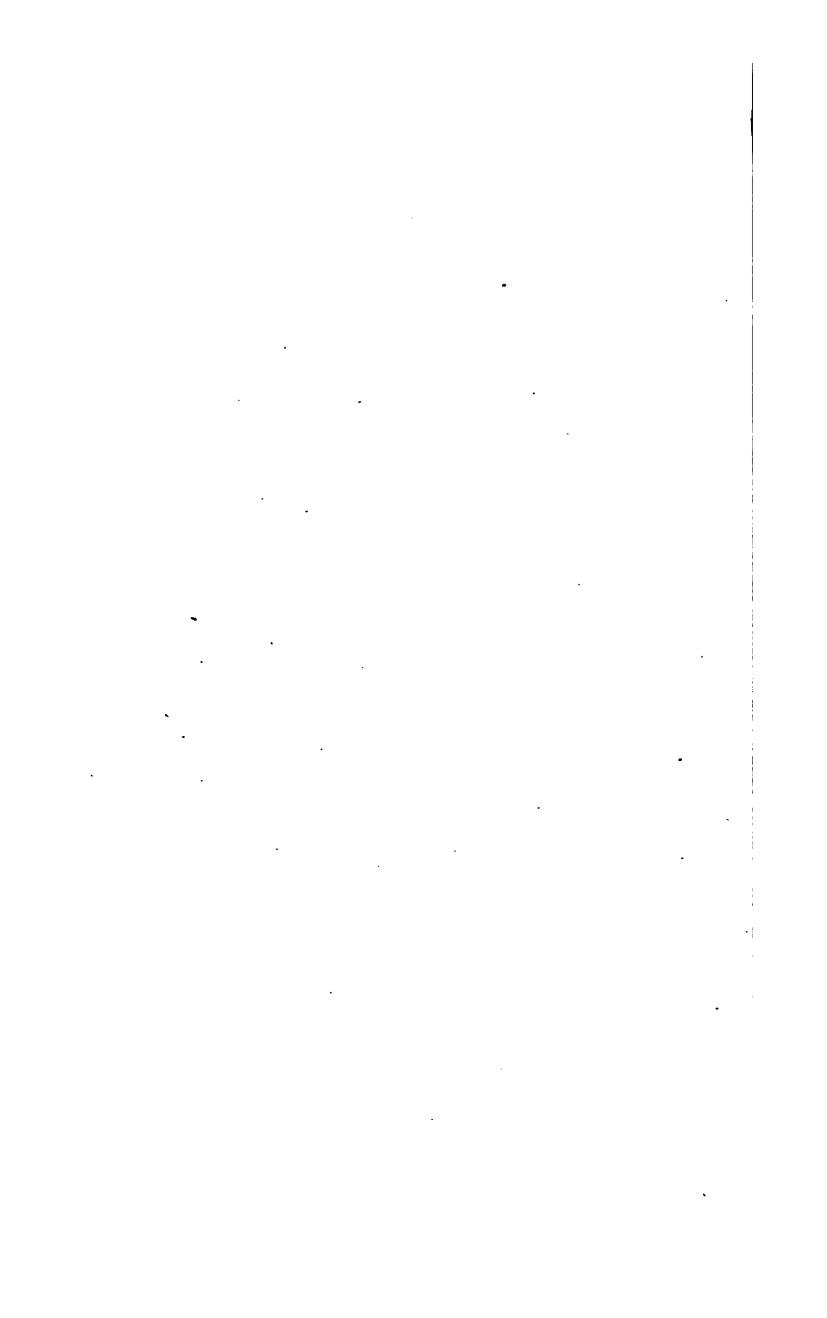
Nos terrenos pobres cria-se apenas o murtinho agreste, as rusticas amoras e os silves-

tres medronhos. Póde ser, comtudo, que uma ou outra d'essas pequeninas amostras, apesar do seu gosto acerbo ou agridoce, não desagrade de todo a certos paladares, que gostam da variedade. Para esses appello. Quando os ardores do estio os obriguem a trocar temporariamente os deliciosos acepipes da mesa cidadã pelos simples manjares campezinos, dignem-se pôr então á prova de frugalidade os seus delicados estomagos, acceitando estes fructos mesquinhos. É possivel que o ar vivo e salubre das montanhas, o cheiro dos matos floridos e a excellencia das aguas permittam que elles sejam digeridos sem incommodo notavel. Ha optimos logares para esta experiencia nas abas da serra de Cintra, onde estou escrevendo. Tentem, com paciencia e generosidade. Mas se, por infelicidade minha, sentirem absoluta repugnancia para os alimentos que de cá lhes envio, por não lhes acharem o sabor que imaginavam, creiam que de todo o coração lh'os

mandaria muito melhores, se os tivesse. A falta não é minha: é culpa do pomar, que ha muitos annos está com pêco.

Aos bons e fieis amigos, a quem fiz as dedicatorias, peço que me desculpem por ter, sem sua licença, associado os seus nomes a tão pequenas cousas. Os pobres não podem dar valiosos mimos... Mas ai da amisade se só lhe fosse permittido manifestar-se com ricas dadivas! Felizmente é com bagatelas que mais vezes se prova a memoria do coração.

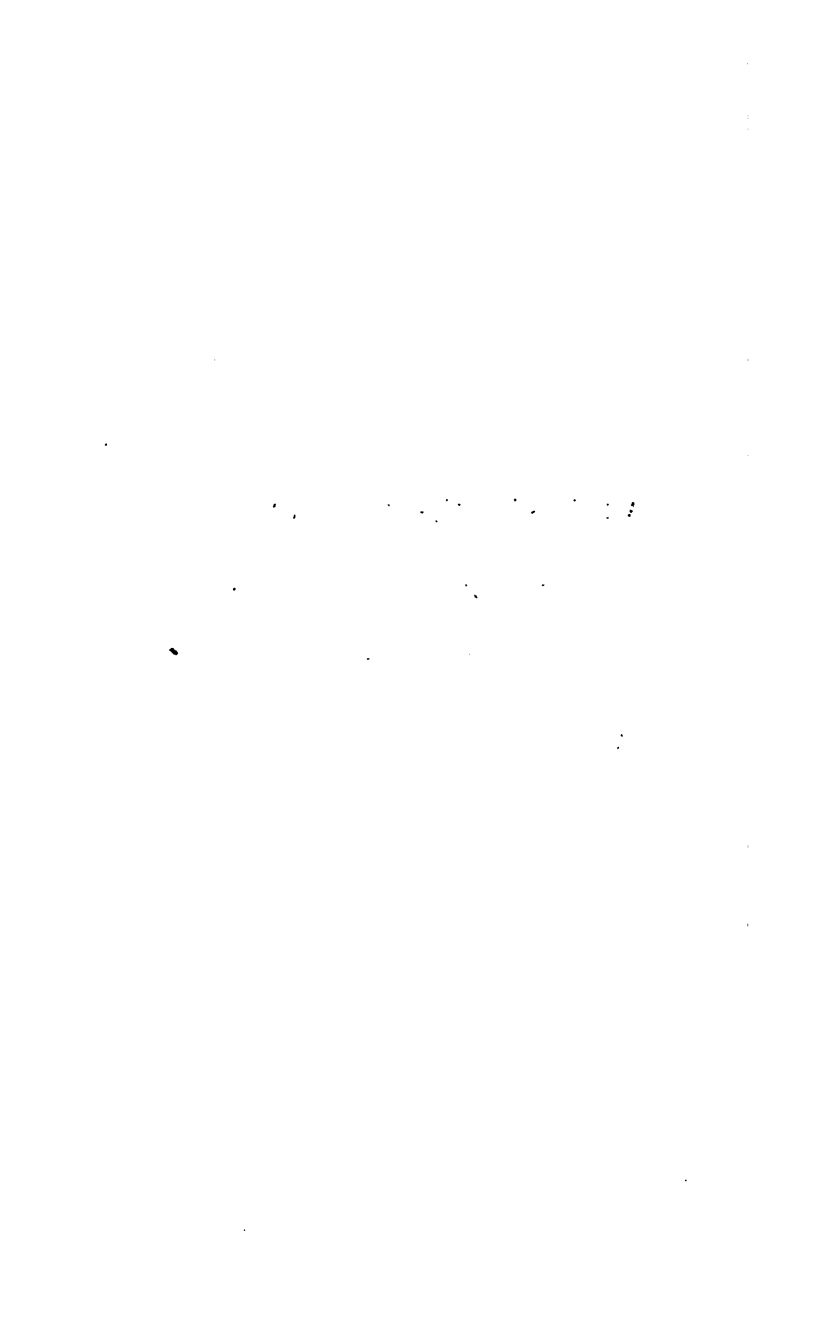
Villa Estephania, 8 de abril
de 1876.

*F. Gomes de Amorim.*

# I

# OS IMPERADORES DO BRAZIL

## EM PORTUGAL

---

AO BARÃO DE SANTO ANGELO

No dia 20 de junho de 1871, pelas onze horas da manhã, a população de Lisboa apinhava-se nas margens do Tejo, desde Alcantara até ao Terreiro do Paço, e a esquadrilha das galeotas e bergantins reaes, com as equipagens vestidas de gala, vogava na direcção do caes das Columnas, seguida por centos de embarcações de todos os tamanhos. Os navios de guerra, embandeirados em arco, tinham as tripulações em pé nas vergas, e nos topes as bandeiras de Portugal e do Brazil. Da borda do rio até á praça de D. Pedro formavam alas todos os corpos da capital, e os vivas que soltavam as guarnições no mar, casavam-se com os sons das musicas dos regimentos e com as vozes da

artilheria do castello de S. Jorge. A multidão, que enchia os caes, correspondia com gritos de enthusiasmo ás acclamações das marinhagens. Era um dia de jubilo sincero, em que todos tomavam parte, sem excepção de partidos ou cores politicas! Dir-se-ia que tinhamos voltado aos tempos felizes, em que as armadas portuguezas, regressando de suas navegações longiquas e aventurosas, desembarcavam as páreas do Oriente, com que vinham enriquecer o rei e o povo!

Mas as naus da India desde muito que perderam o rumo antigo, e preferem hoje levar para o enturvado Tamisa as ricas especiarias com que outr'ora perfumavam o soberbo Tejo. Não somos já senhores do oceano, nem vemos entrar a barra os galeões carregados com o oiro, que durante seculos nos permittiu adormecer nos braços da opulencia e da inercia. Demos aos inglezes a maior e melhor parte das nossas possessões da Asia; deixámos entregues á insubordinação ou á miseria as colonias, que fundáramos na Oceania; perdemos na Africa as mais valiosas praças, cujos alicerces foram cimentados com rios de sangue portuguez; não soubemos administrar o Brazil, a mais

formosa joia da nossa corôa; e, de erro em erro, chegou a grande nação, que foi dominadora em todos os mares, e que tocava com a ponta da sua espada gloriosa nos confins do mundo, ao triste abatimento de olhar com fria indifferença para a historia da sua grandeza passada, como se fôra a estatua de pedra, que do alto do mausoléu assiste ás pompas vãs, com que sob seus pés gelados se sepultam os mortos.

Porém, se tão esquecidos e tão mudados vivemos do que fomos, que extraordinario successo conseguiu arrancar á sua melancolica apathia, e pôr em alegre movimento os habitantes de Lisboa e seus suburbios no dia 20 de junho de 1871? Um acontecimento memoravel: a visita dos soberanos de um grande imperio, que nós fundámos alem dos mares! D'esta vez ainda, como nos bons seculos das nossas epopeias maritimas, havia, pois, rasão para regosijos e festejos. Se não celebravamos a entrada de esquadras carregadas com as drogas preciosas da Asia e da America, saudavamos a chegada de um principe, que, trazendo comsigo thesouros mais valiosos do que os diamantes da Bahia ou as perolas de Ceylão — a virtude e o saber —,

vinha, da distancia de duas mil leguas, visitar a terra, que foi berço de seus maiores.

Até hoje o imperio transatlantico dava-nos o seu oiro e as suas pedrarias; os oleos e as resinas de suas arvores odoriferas; as favas de cheiros suavissimos e as madeiras incorruptiveis; os productos de suas magestosas florestas e de seu riquissimo commercio; o agasalho fraternal a quantos lá íamos procurar trabalho á sombra de suas instituições liberaes: agora, como para coroar todas essas magnificencias e grandezas, concede-nos o mais precioso de todos os seus mimos — a visita dos seus soberanos!

Hoje, que o officio de reinar perdeu a prerogativa de direito divino e se tornou pesado encargo para os que sabem exercel-o, os povos querem ver no soberano um homem, que sirva para alguma cousa mais do que para gastar a sua dotação, fazendo da purpura um ridiculo ornamento de theatro. Não basta herdar o sceptro, é preciso illustral-o, demonstrar que elle está nas mãos mais dignas de o empunhar, e convertel-o simultaneamente em espada, com que se firme e defenda a liberdade; em fanal que

dissipe as trevas da ignorancia; e em fiel da balança da igualdade e da justiça.

Modelo de monarchas constitucionaes, amigo sincero de todas as liberdades, cultor esmerado das sciencias e das letras, iniciador de todas as idéas grandes e generosas com que se tem illustrado o seu reinado, o Senhor D. Pedro II foi acolhido com as demonstrações, que os povos reconhecidos costumam dar aos principes, que mais amam e respeitam. Ainda que o augusto viajante não fôra filho do immortal duque de Bragança e tio de el-rei de Portugal, a sua recepção teria sido do mesmo modo um verdadeiro triumpho; porém essas circumstancias imprimiram-lhe um caracter de familia, que mais affectuosamente attrahia os espectadores.

Era espectaculo digno de captivar os mais indifferentes, se indifferentes houvera, presenciar como o povo se commoveu ao vel-o descobrir-se ante a estatua de seu augusto pae; como o seguiu entre alegre e enternecido até á porta da que lhe fôra no berço mãe carinhosa; e como, calando os vivas clamorosos com que o acompanhava, ajoelhou, orou e chorou com elle em S. Vicente

de Fóra, junto ao tumulo do fundador do imperio! Parecia que até os mais rudes se compenetravam da singular piedade, com que tão grande principe, despedindo-se de todos os commodos e opulencias da sua alta jerarchia, emprehendêra uma viagem de duas mil leguas para vir fazer oração junto do sepulchro de seu pae, beijar com verdádeira ternura filial a mão da augusta viuva de D. Pedro IV, e ir em seguida expor-se a novas fadigas para recolher seus netos, deixados na Allemanha em recente orphandade! Ninguem ignorava que elle emprega todas as horas vagas do governo do imperio meditando na solução dos mais graves problemas sociaes; que estuda sem cessar para elevar a sua patria ao nivel das nações mais prosperas e cultas; e que nos seus estados acolhe e protege muitos milhares de portuguezes, e por isso a sua presença em Portugal foi saudada com mais affectuoso enthusiasmo. Não quiz festejos officiaes, mas eralhe impossivel esquivar-se ás homenagens unanimes de uma população inteira. A cidade de Lisboa, não podendo, por obediencia aos seus preceitos, dar-lhe mais solemnes demonstrações de respeitosa sympathia, illu-

minou á noite todas as suas casas, assim como durante o dia illuminára com alegria não fingida os rostos dos seus habitantes.

A virtuosissima princeza, que, conjunctamente com o Senhor D. Pedro II, preside aos destinos da nação brazileira, e a quem os portuguezes saudaram com religioso acatamento, não carecia do esplendor de um throno para ser universalmente respeitada. A fama das suas virtudes precedêra-a na Europa, e todos aqui se apressaram em prestar sincero preito e culto áquella, que sabe cobrir com a purpura os andrajos da pobreza, e que faz do solio imperial fonte inexhaurivel de consolo para todos os que padecem.

Nos paços de S. Christovão é uso pedirem audiencia os ministros, os embaixadores e os principes estrangeiros; mas para os desgraçados estão as portas sempre francas e abertas de par em par. Nenhum apparato, nenhuma formalidade, nenhum obstaculo veda o caminho aos que lá vão implorar auxilio; e tão simples, tão amoravel e tão naturalmente é feito o beneficio, que quem o recebe só pela grandeza d'elle conhece que o fôra colher na residencia de uma impera-

triz! Parece que mais para soccorrer do que para reinar a collocou Deus em tão elevada posição; e que ella, conscia do seu sublime destino, se compraz com inimitavel singeleza em provar que prefere ao titulo de soberana o de mãe dos infelizes!

Oh! formosa e hospedeira terra, que na infancia me acolheste! feliz és tu, que a par de todas as tuas maravilhas — dos teus rios gigantes e das tuas florestas enormes, das tuas flores prodigiosas e dos teus astros fulgurantes — vês, no throno dos teus imperadores, o saber e a justiça, o amor e a caridade! Quaesquer que sejam as provações por que tenhas de passar, nunca serás de todo infeliz emquanto a providencia te conceder monarchas, que assim te saibam amar e proteger!

«Fadado par! Ávante! Emquanto assim se enlaça
a piedade á justiça, á virtude o poder,
o throno abriga a turba, o povo o solio abraça,
medra a paz, cresce o amor á sombra do prazer.»

Disse Castilho.

De todas as terras, que os portuguezes descobriram e povoaram, nenhuma lhes foi nunca tão querida como o Brazil. Se os er-

ros successivos de uma administração ignorante apressaram a emancipação da colonia, nem depois da sua separação da metropole lhe perdemos a affeição, com que desde o seu descobrimento pretendemos crear n'ella uma segunda patria!

Proclamada e reconhecida por nós a sua independencia, a corrente da emigração portugueza não se desviou nem um momento do seu antigo curso. Em vez de ir fecundar os vastos dominios ultramarinos, que ainda possuimos, e que se finam á mingua de impulso protector, o nosso povo desampara os seus campos, a familia, o lar, e corre — não para as Indias, onde fomos tão grandes e ricos, nem para a Africa, onde poderiamos tornar a ser fortes e temidos — mas para o Brazil que é a terra dos seus sonhos doirados, o paiz da sua imaginosa phantasia!

E será só o desejo de ir procurar fortuna quem dirige esta corrente? O genio aventuroso dos portuguezes não se contenta unicamente com a perspectiva das riquezas: vamos para o Brazil porque lá temos todos — mais ou menos — um parente, um amigo, um conhecido; leva-nos, de envolta com o pensamento de melhor destino, a curiosidade,

a vaga esperança de vermos alem do Oceano reflorir-nos novos affectos, e talvez que tambem um presentimento remoto de que a patria, que deixámos, tendo visto sumir-se no occaso o sol da sua gloria, se cobre com a mortalha do opprobrio para desapparecer igualmente da lista das nações.

Teremos porventura n'este emigrar continuo do nosso povo a intuição de que os filhos do florescente imperio americano, apesar de serem nossos irmãos mais novos, se tornarão um dia os unicos depositarios das honradas tradições e da historia homerica dos nossos communs avós?! Oh! se os desvarios da politica ou as ambições desenfreadas e insaciaveis conseguirem apagar da carta do mundo o nome de Portugal, possam ao menos os restos do naufragio ir parar ás hospedeiras praias do paiz, que tanto amámos!

Já Garrett disse pela bôca de Camões moribundo:

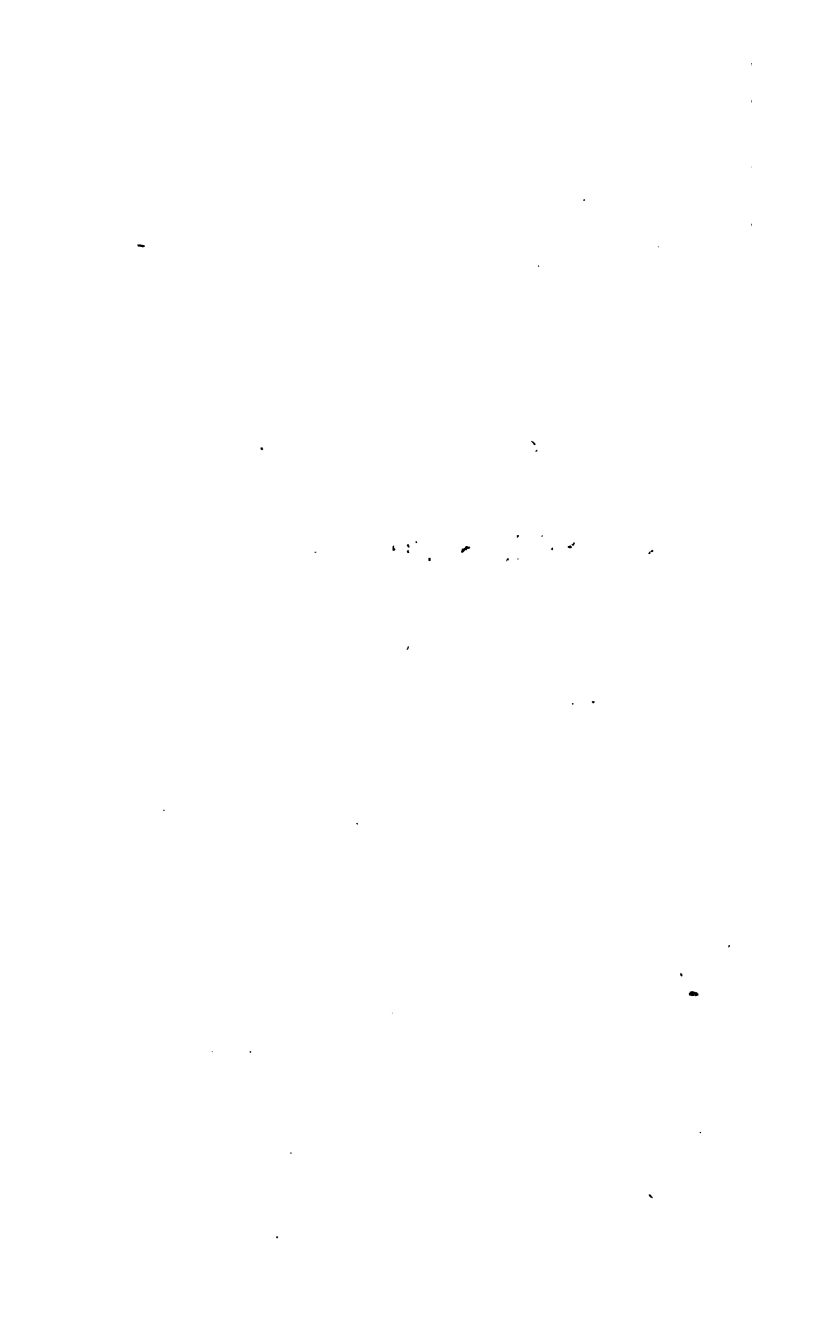
> «Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
> Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
> De teu renome?... Sim; recebe-o, guarda-o,
> Generoso Amazonas, o legado
> De honra, de fama e brio: não se acabe
> A lingua, o nome portuguez na terra.»

Não acabarão jamais! As obras dos poetas sobrevivem ás nações; e o povo, que nós creámos alem do Atlantico, não deixará nunca esquecer nem deshonrar a memoria de seus maiores, principalmente se tiver sempre a fortuna de ser governado por principes como o Senhor D. Pedro II.

# II

# AS ROSEIRAS DO AMOR

---

## AO VISCONDE JULIO DE CASTILHO

## I

### DUAS FAMILIAS

Pouco mais de dois kilometros ao norte da Povoa de Varzim encontra-se uma formosa aldeia, com o poetico nome de Avelomar. Estendem-se as suas casinhas brancas, de leste para oeste, desde o sitio chamado Lameiro até quasi á borda do mar; e ali, na parte mais elevada do areial, terminam por uma fileira de moinhos de vento, que são como a guarda avançada das primeiras habitações.

A aldeia é grande, e os seus moradores não passam a vida ociosos. A maxima parte emprega-se na cultura dos extensos campos que rodeiam a povoação; outros occupam-se na pesca, e alguns vão procurar fortuna longe da patria, em viagens aventurosas e longiquas, no Brazil, na India, na Australia,

em todas as regiões onde se acha oiro, e... um cemiterio para os que não voltam.

O logar em que são edificadas as ultimas casas ao pé do areial chama-se Aldeia Nova, que defronta com a praia de Esteiro. Os nomes das outras praias são, vindo do norte: Aradinha, Carreiro, Bôcas, Cannas, Quião e Chalo; e do Esteiro para o sul: Forcada, Amorosa, Fragosa e Lagôa, que já confina com a freguezia de Beiris.

A costa é, de espaço a espaço, povoada de extensas penedias, que em muitos sitios avançam mais de um kilometro pelo mar dentro. Nos intervallos de uns e outros rochedos formou a natureza pequenos canaes, por onde, nos dias de bom tempo, sáem os bateis de pesca, muitos dos quaes nem sempre tornam a voltar, se os encontram os temporaes nas grandes longitudes a que elles se aventuram.

Ha já muitos annos viviam no logar de Aldeia Nova dois pescadores vizinhos e amigos, socios ambos n'um batel, que era sempre dos mais felizes na pesca. Eram elles tambem os mais audazes de quantos ousavam distanciar-se até perder a terra de vista; e por isso o seu barco trazia sempre os

maiores congros, as pescadas mais agigantadas, os ruivos mais colossaes e mais saborosos, maior abundancia de arraias, de fanecas, de pargos, de peixes agulhas e de todas as variadas especies, que n'aquelles mares se encontram.

Casaram-se os dois pescadores, e a mulher de um teve um filho quasi ao mesmo tempo em que a do outro tinha uma filha. O contentamento das duas familias foi extraordinario. As mães, que eram igualmente amigas uma da outra, logo que se ergueram da cama correram a abraçar-se, e exclamaram ambas a um tempo:

— Fez-me Deus a vontade!

Exclamações que os maridos tambem tinham soltado um para o outro, logo que nasceram as creanças.

Os baptisados fizeram-se no mesmo dia, sendo padrinho e madrinha da menina os paes do menino, e d'este os da menina.

Ao jantar, perante os convidados e com as classicas malgas e canecas em punho, prometteram solemnemente os dois paes e as duas mães, que os pequenos haviam de casar um com o outro, se Nosso Senhor não manifestasse a sua santissima vontade

em contrario por alguma fórma inesperada. Choraram todos de alegria, contribuindo o vinho com boa parte das lagrimas; deram-se abraços a torto e a direito, com as melhores intenções; e todos se ajustaram para irem dansar na boda de Pedro e de Maria que devia ser d'ahi a dezeseis annos.

## II

### OS FILHOS

Cresceram os pequenos rapidamente, como se tivessem pressa de chegar á idade em que deviam começar a amar-se. Maria, para não gastarmos tempo com vãs descripções, parecia uma rosa das mais formosas e avelludadas, que nascem nas melhores roseiras. Pedro fez-se um gentil rapaz; e, sem que ninguem lhe dissesse as combinações feitas pelas duas familias, começou a gostar devéras da pequena. Aos quatorze annos cantava já por amor d'ella ao desafio com os mais illustres improvisadores da aldeia, e ensaiava-se a jogar o pau, com o vago presenti-

mento de que dentro em pouco teria de defender o seu thesouro á cacheirada.

Maria aprendeu a ler e a escrever com o padre Manuel, um santo homem, que passava a vida cheio de impaciencia a esperar pelo dia da boda dos dois rapazes, para saborear o jantar, que na sua candida imaginação concebia de concerto com os seus gostos, e com a sua inclinação pelas saladas de lagosta e de caranguejo monstro.

Pedro, em vez de olhar para a carta de nomes, olhava para Maria; e, quando a não tinha presente á lição, saía sem ceremonia da escola e ía atirar pauladas, para se exercitar, ao tronco de um plátano, que havia no terreiro. Estes exercicios eram feitos com tão consciencioṣa regularidade, que aos quinze annos o auctor d'elles confundia uma vogal com um algarismo, e o professor, que lia muito bem latim sem o entender, julgava o discipulo estupido como um carneiro, e aconselhava o pae a que o casasse quanto antes; porque talvez o casamento lhe aclarasse as idéas.

Os dois compadres achavam, porém, ainda muito cedo; e, para fazerem do moço gente, levaram-n'o comsigo ao mar.

## III

## A PRIMEIRA VIAGEM DE PEDRO

Está demonstrado ha muito tempo, e por isso se não trata de o provar agora aqui, que todo o namorado é poeta, admittindo que poeta seja synonymo de pedaço de asno. O nosso amigo Pedro improvisava ao desafio cantigas, que lhe davam direito a ser membro de qualquer academia, se porventura houvesse alguma na sua terra, ou se as de fóra admittissem socios, que andassem de tamancos e calças de baeta branca. Mas na aldeia não havia institutos sabios; e os da cidade, ou não tinham conhecimento sufficiente da vocação do rapaz, ou não quizeram no seu gremio um lapuz, que os assanharia com a sua simplicidade, e faria dar urros a diversos immortaes. O mancebo não foi academico, assim como não conseguíra aprender a ler correctamente. Mas, em compensação, nunca nenhum poeta, mesmo dos mais graudos, sonhou e viu as maravilhas, que brotavam da phantasia do joven pescador.

No primeiro dia que foi ao largo e perdeu a terra de vista, sentiu-se outro. A solidão do mar e dos céus fallou-lhe á alma, e revelou-lhe a grandeza do sentimento, que o dominava sem elle dar por isso: teve, ante o magestoso espectaculo da immensidade, como uma intuição do seu destino, e previu que tinha nascido para o amor e para a fatalidade.

Não comprehendendo nada do que estava sentindo, lançou os olhos em torno de si, e viu que de todos os lados, no mar, no céu, ao longe e ao perto, lhe apparecia sempre um ponto luminoso, uma estrella formosissima sob a fórma de Maria.

Deitou machinalmente as linhas; e, como os outros pescadores, segurou-as nas extremidades, á espera que picasse o peixe. Este veiu e levou-lhe os apparelhos, sem que elle fizesse diligencias para os apanhar. O pae zangou-se e quiz bater-lhe; mas o padrinho interveiu sorrindo, e os outros companheiros riram á farta da admiração em que ficára o moço quando caiu em si.

O barco foi-se carregando rapidamente; a fortuna acudia, como de costume, ao chamamento dos velhos pescadores. Pedro in-

stava pela partida, porque, dizia elle, o sol ia abaixando muito depressa; mas a verdade era porque o chamava outra luz, que elle via na terra.

—Deitemos as linhas só uma vez mais e logo partiremos—disse o pae depois de ter reflectido um pouco.

—Compadre—observou o collega—vejo alem uma nuvemzinha, que não me cheira. Por hoje, temos já a nossa conta: nada de tentar a Deus! A ambição perde os homens.

O compadre Balthazar respondeu, ao mesmo tempo em que iscava os anzoes:

—Ó compadre, faz-lhe mal levar mais meia duzia de congros?

—Não; mas será bom deixarmos cá alguns para outro dia. Olhe que não os podemos apanhar todos; e a nuvem caminha e engrossa sobre nós.

—Ora, adeus!... Já cá sinto um a farejar a isca... zás! Elle cá vem!

E começou a alar a linha, que ora abrandava ora estendia com violencia, segundo os movimentos do peixe.

Em menos de um minuto estava o congro no batel. Era um peixe enorme, com o lombo cinzento, quasi negro, a cabeça aguda, como

a de algumas serpentes, e o ventre esbranquiçado.

—Bonito bicho!—exclamou o compadre Sebastião.

E, atiçado pela cubiça, iscou tambem os seus anzoes e atirou-os ao mar, sem se lembrar já da nuvemzinha, e das prudentes reflexões que ella ha pouco lhe suscitava.

## IV

### A NUVEMZINHA

O mar estava mansissimo; o batel quasi immovel; o céu sereno; o horisonte claro para todos os lados... menos do sudoeste, onde se via a mancha, que notára pouco antes o compadre Sebastião.

Essa nuvem, que parecia ao principio uma teia de aranha, esquecida pela vassoura dos ventos n'um cantinho do céu, foi crescendo lentamente, tomando de instante para instante fórmas diversas e caprichosas, como as das ondulações do fumo n'uma atmosphera calmosa, ou como as evoluções de um bando

de estorninhos, perseguidos pelo milhafre. Encolhia-se, estendia, alargava ou estreitava, similhando ora immenso farrapo côr de chumbo, ora castello cheio de torreões sobre monte cercado de valles profundos.

Pedro olhava fitamente para aquellas transformações, mas não as via. No meio da nuvem, como no mar e no céu, apparecia-lhe a imagem que elle tinha na alma; e era essa imagem que o moço cuidava estar observando.

O pae, o padrinho e os outros homens da companha já não reparavam para o horisonte. Os seis peixes que Balthazar desejára, tinham sido pescados; e os pescadores, sem se communicarem os seus pensamentos, julgaram todos ao mesmo tempo que era bom apanhar ainda outros seis, e continuaram a deitar silenciosamente as linhas.

A pesca afigurava-se a todos prodigiosa n'aquelle dia. Nunca ninguem tinha tido tanta felicidade. O peixe parecia supplicar que o apanhassem. Os velhos congros, que tinham vivido seculos, disputavam a vez de se atirarem ao anzol mortifero. Dir-se-ía que presentindo uma revolução proxima e terrivel no elemento em que habitavam, empenha-

vam-se para evitar, por meio de uma morte antecipada, as catastrophes da patria.

De repente a superficie do mar encrespou-se ligeiramente, como se fosse tocada por um corpo que lhe era repugnante. Os pescadores empallideceram e alaram velozmente as linhas; os peixes mortos, como que estremeceram no fundo do batel; os vivos, mergulharam para as profundidades do oceano, formando um redomoinho á roda do barco, com a violencia com que todos agitaram ao mesmo tempo os rabos e as barbatanas.

A agua é dotada de tão extraordinaria sensibilidade, que não creio que haja na natureza, a não ser a sensitiva, animal ou planta que possa comparar-se-lhe. Se podesse observar-se o fluido, que se suppõe circular dentro dos nervos do corpo humano, parece-me que se lhe encontrariam as mesmas propriedades da agua, com pequeninas differenças. Assim como ha mulheres que empallidecem e teem convulsões nervosas á vista de uma cobra ou ao contacto de um sapo, assim o mar ao contacto dos ventos, muda tambem de côr, torna-se livido, agita-se, espuma de colera, reage contra o ele-

mento antipathico, e, depois de manifestar todos os symptomas, que exprimem o sentimento animal, cáe nas prostrações, que succedem a todas as lutas.

Emquanto os pescadores, contentes com a sorte, estavam

> «N'aquelle engano d'alma, ledo e cego
> Que a fortuna não deixa durar muito»

approximára-se e crescêra a nuvem, que vinha do sudoeste, impellida por ligeiro vento. Atrás d'ella, e como para assignalar o seu caminho, ía-se forrando o céu de negro. O sol começava a tocar nas aguas, e a noite parecia esperar com impaciencia que elle desapparecesse, para arrancar das trevas o terror e o espanto.

Quando Balthazar e Sebastião viram o primeiro annuncio da procella, na face do mar que se enrugava, recolheram, como atrás dissemos, os apparelhos de pesca.

## V

## TEMPESTADE

Sebastião Palmeiro era um habil piloto e um homem cauteloso. Já vimos como a nu-

vem lhe parecêra suspeita, a tempo em que talvez tivessem podido ainda ganhar a terra; mas a ambição de Balthazar, e a d'elle tambem, fizeram com que se descuidassem de ser prudentes. Tanto os dois velhos como a tripulação eram homens de rija tempera, costumados todos, á excepção de Pedro, a lutar com os perigos constantes da sua profissão; por isso foi rapida a impressão que sentiram aos prenuncios da tormenta, e cada um correu para o logar que lhe era destinado como marinheiro.

Sebastião tomou o leme, e gritou:

— Larga depressa, emquanto o vento não puxa mais forte!

As duas vélas da lancha fòram soltas n'um momento, e o barquinho caíu á banda, começando a agua a cantar-lhe na prôa, que se poz no rumo da terra.

Sebastião olhou para o sul e fez uma careta, que equivalia a bater com um martello no coração dos companheiros.

— Duvido que lhe escapemos! Péga tudo nos remos, e é remar firme e sem grande movimento, para não fazer balanço que obrigue a bater o panno... Ao mesmo tempo, vão pedindo á Senhora das Neves que nos acuda.

Todos obedeceram em silencio; mas, ao sentarem-se nos bancos com os rostos voltados para a pôpa, viram o mar ferver ao longe, e a vaga, que se levantava já a grandes alturas, correr, bramindo, sobre elles.

Pedro, que não tinha remo e ia agarrado ao mastro de prôa, disse ao pae:

— Lá vejo a casa do padrinho Sebastião.

Ainda se não via a terra, mas todos olharam, primeiro na direcção que o rapaz indicava, e depois para este.

— Endoideceu de medo! — exclamou o pae. — Tomem conta, não se deite elle ao mar!

Pedro continuava a olhar; e como se não tivesse ouvido o que disse Balthazar, acrescentou:

— A Mariquinhas está em pé no areial a olhar para cá...

Uma rajada de vento, batendo nas vélas, mergulhou a lancha, de sotavento, pondo-a quasi meia de agua.

— Misericordia! — clamou a gente, largando os remos.

— Alija! — gritou Sebastião.

Peixes, redes, cantaros, cabos e fateixa, tudo se lançou n'um instante pela borda fóra.

Ao mesmo tempo Balthazar tentava esgotar a agua com um balde.

Pedro, na mesma posição, sorria, com os olhos fitos na direcção da terra. Era já sol posto, e a cerração crescia por todos os lados: principiava a chover, e o mar e o vento augmentavam de braveza.

O batel já não podia com as duas vélas: metteu-se uma dentro. O uso dos remos tornou-se impossivel, por causa do cavado do mar. A gente, agarrada aos bancos, orava; ora para si, ora com voz clamorosa e em côro, segundo o terror que lhe inspirava o aspecto da morte, mais ou menos proxima.

— Compadre Balthazar — disse Sebastião lentamente — a idéa dos seis congros foi uma tentação de Satanaz. Offendemos a Deus com a nossa ambição, e somos castigados. Jure-me, que, se escapar, servirá de pae a minha filha, e a casará com o meu afilhado, conforme tinhamos justo.

— Juro-lh'o eu, meu padrinho — interrompeu o moço, chamado á vida real pela voz do coração.

Os dois velhos tiveram desejos de se abraçar e de abraçarem Pedro; mas, não lh'o

permittindo a situação em que se achavam, contentaram-se com chorar em silencio.

## VI

## O REFUGIO

A noite avançava terrivel e assustadora. Por maior infelicidade, o vento rondára mais para a terra, fixando-se no quadrante do sueste, e desviando a lancha do rumo verdadeiro, sem que ninguem desse por isso. Com a prôa que levavam, iriam infallivelmente bater nos rochedos denominados Cavallos de Fão, se alguma onda maior os não submergisse primeiro.

Pedro, que saíra do extasis em que estivera tanto tempo, para jurar que desposaria aquella que amava, ía maravilhado, por não descobrir a terra, pois lhe parecia que a tinha tido sempre á vista. Não cessava de vigiar o horisonte, e, apesar de ser a primeira vez que fôra ao largo, era talvez o mais tranquillo dos tripulantes, e o que menos pensava em morrer. Quem é que se lembra

da morte, mesmo quando a vê perto, sabendo que tem quinze annos e amando uma mulher formosa?!

Repentinamente, afigurou-se-lhe que via alguma cousa a distancia. Poz-se em pé, abraçado com o mastro, e, depois de se haver affirmado, bradou:

— Navio por sotavento!

— Aonde?

Foi a pergunta de todos, olhando para o ponto que lhes mostrava o rapaz com o dedo. Viram e crearam alma nova. Era um raio de esperança. Mas o navio corria com o tempo e estava muito distante da lancha. Apesar de levar as gaveas nos segundos rizes, haveria porventura a probabilidade de o alcançar um fragil e pequeno barquinho, ameaçado continuamente de ser engulido pelas ondas, que brincavam com elle?

Tal foi a interrogação, que fez a si mesmo cada pescador, e todos reconheceram que era impossivel conseguil-o, sem auxilio divino.

Felizmente, foram vistos. O navio, que era um grande brigue, atravessou immediatamente, fazendo-lhes signal para que arribassem; mas, notando logo as difficuldades

com que elles lutavam, desfez a kapa e orçou para os soccorrer.

Depois de grandes riscos e trabalhos, conseguiram os pescadores ser içados todos para bordo do brigue, e a lancha, meia de agua, foi posta a reboque.

O navio era inglez, e vinha fugindo á tempestade desde as alturas da barra do Porto, onde não podéra entrar. Em breve se reanimaram os animos dos pobres tripulantes da lancha; os marinheiros inglezes emprestaram-lhes roupa enxuta, e o capitão lavou-os por dentro e por fóra com optima aguardente da Jamaica, mandando-lhes depois dar queijo e bolacha, emquanto o temporal não permittia accender-se o fogão.

Mesmo a bordo de tão grande navio, a noite não se passou sem receios e incommodos, porque o mar era muito, e o vento fortissimo e de refegas. Ao amanhecer, avistou-se a terra perto, e o vento deu um salto para o noroeste.

Em vista d'esta mudança, o commandante inglez, que demandava Vigo para refugiar-se, resolveu-se a virar de bordo e tentar novamente a barra do Porto.

Seriam duas para as tres horas da tarde

quando o brigue passava em frente de Avelomar. Sebastião, que fallava um pouco inglez, por ter sido já marinheiro em navios da Inglaterra, pediu um oculo para ver se avistava alguem nas praias, e notou que effectivamente por ali andavam muitas pessoas.

— Ó compadre — disse elle a Balthazar — desconfio que nos julgam mortos, e que andam a procurar os nossos corpos pelas praias.

Balthazar desatou a chorar.

Pedro pegou no oculo, e, depois de um instante de observação, jurou que via Maria ajoelhada na areia.

Todos, cada um por sua vez, quizeram ver tambem, mas não reconheceram pessoa alguma.

O navio passava muito longe da costa, com receio de que o noroeste o impellisse sobre os cachópos de que ella é povoada; e por isso não era possivel reconhecer-se a gente que estivesse em terra. Todavia, Pedro não se tinha enganado: não porque visse realmente, mas porque adivinhára, ou antes vira com a vista interior, esse phenomeno que os sabios não explicaram ainda bem, nem explicarão jamais satisfactoriamente.

Quantas vezes pensâmos em alguem que

não vemos ha muito tempo, e nos apparece immediatamente?! Quantas, andando pelas ruas, vemos atravessar diante de nós uma pessoa, que se nos afigura ser um amigo antigo, e, ao voltar a primeira esquina, topâmos com elle, com o verdadeiro, e não com o que de longe nos trouxe este á lembrança?! Quem poderá decifrar esses mysterios, essa relação do nosso pensamento com aquelles que amâmos ou conhecemos?! Será por acaso que se nos deparam os ausentes, no instante em que a memoria ou o coração os evocam?!

É a dupla vista, o magnetismo, não sei o quê... Existe o phenomeno; quem podér que o explique; eu recordo-o apenas.

## VII

### BALTHAZAR

Pedro affirmou ter visto Maria, ajoelhada na praia, chorando pelo pae, que não tinha voltado na vespera.

Os outros viram a gente que por ali an-

dava; porém, cansaram-se debalde, porque não poderam conhecel-a da distancia a que se achavam.

O compadre Balthazar meditou um momento.

Sem ser completamente estupido, este bom homem era infeliz todas as vezes que tomava uma resolução em resultado das suas reflexões. Quando seguia o primeiro impulso, não se distinguiam os seus actos dos das outras pessoas de igual esphera; mas quando obrava, depois de ter meditado o que havia de fazer, era asneira certa! Sabiam todos isto; e a familia tremia de o ver pensativo. Em cousas relativas ao barco, e aos negocios da pescaria, o compadre Sebastião nunca lhe dava tempo de reflectir. Quando lhe propunha qualquer innovação no contrato da sociedade, ou no concerto do batel, dizia-lhe sempre:

— Responda já: sim ou não?

A primeira vez que se afastou d'este uso prudencial, pagou-o caro. Tinham tido uma pesca feliz. Vendo o barco cheio de peixe, lembrou-se Sebastião de que não o venderiam tão bem em Avelomar como na Povoa, que é d'ali meia legua, aonde estava então

muita gente a banhos. Consultou o compadre Balthazar, e este meditou um instante, sem que o outro fizesse reparo. Depois respondeu:

—Em vez de irmos á Povoa, parece-me muito melhor que vamos ao Porto; n'uma grande cidade, sempre se vende bem o peixe; e as cinco leguas navegam-se depressa, porque temos vento norte. Ámanhã estaremos de volta com um bom par de moedas.

Quadravam bem a Sebastião estas rasões, que lhe afagavam a cubiça; e, sem pensar no mau séstro do compadre, endireitou a prôa para o sul.

Ali pelas alturas do Mindello começou o vento de escassear; entrou o panno a bater; o sol aqueceu; o batel não tinha toldo; e foi necessario deitar as mãos aos remos por um calor de rachar! Era já noite fechada quando abicaram á barra. Todos iam desesperados, quasi mortos de trabalho, aborrecidos, e praguejando contra a lembrança, da qual ao principio diziam maravilhas.

Ao entrar, o barco bateu com força n'uma pedra e abriu um rombo formidavel. Custou muito a suster a agua até chegarem á praia do castello da Foz, onde vararam; e, depois

de encalhado e escoado o batel, estiveram os dois compadres para se matarem um ao outro!

O peixe, vendido no dia seguinte, e já meio corrompido, não chegou para o concerto da embarcação. A gente voltou a Avelomar, tres ou quatro dias depois, esfomeada e magra, como se saísse de um carcere da inquisição!

A segunda vez que Sebastião se não insurgiu contra a meditação de Balthazar, foi á vista da nuvemzinha. Se tivessem partido logo para terra, em vez de deitarem novamente as linhas para apanhar mais meia duzia de congros, não teriam corrido tamanhos perigos e estariam em casa socegados.

Que sairia da terceira meditação de Balthazar, e como a receberia o compadre Sebastião?

— Compadre, vossê, que sabe inglez, peça ao capitão, que metta um pouco em cheio. O vento não está muito rijo, e, approximando-nos da terra, poderemos talvez ganhar com a lancha as praias da Fragosa ou da Lagôa. O navio é fino e vira facilmente; logo que nos largue, tornará a fazer-se ao largo; e nós escusâmos de ir ao Porto.

— Isso é bom, compadre Balthazar... isso é bom de dizer; mas o capitão quererá pôr em risco o seu navio, chegando-o para uma costa aparcellada como é a nossa?! Nem me parece que nós poderiamos alcançar a praia, sem nos levar a fortuna antes d'isso. D'aqui não se vê, porque estamos a boa meia legua; mas olhe que o rolo deve ser maior que uma torre; e se nos embrulhasse, fazia-nos em fanicos.

— Eu cá, parece-me que não haveria novidade... Não é por nós, bem sabe; porém a minha pobre Maria, coitada! que me julga morto, a mim e ao rapaz... E a comadre Anna... e a minha afilhada... que o Pedro diz que vê a chorar na praia pelo compadre?! Eu não duvido nada que veja: aquillo sempre tem uma vista!... Coitadinhas! Era só para as consolar, a todas as dos que vamos aqui!... Nanja por nós, torno a dizer; mas por ellas.

Os companheiros juntaram-se e fizeram côro com Balthazar.

Sebastião Palmeiro hesitára, por prudencia. O coração dizia-lhe, tambem, que era generosidade arriscar-se, para ir enxugar os prantos da esposa e da filha.

Occultou uma lagrima, e fez o pedido ao capitão. Este observou-lhe, que o mar estava muito levantado e o noroeste muito forte; que iriam expôr-se a uma morte certa, porque elle não podia, com aquelle tempo, approximar-se muito mais da costa; que reparassem como o batel jogava e mettia agua, apesar de ir tão seguido com o reboque dado pelo navio; e que peior seria quando fosse só com o seguimento das suas vélas.

Sebastião, reconhecendo a verdade de taes observações, e confessando-a, insistiu, todavia, pelo favor pedido.

Avelomar ficava já ao norte do brigue. O inglez, antes de se fazer no bordo da terra, virou varias vezes por d'ávante, como para experimentar se o navio mentia de alguma d'ellas; e, depois de se assegurar que elle obedecia fielmente ao leme, poz a prôa na terra, orçando sempre quanto podia para retomar a altura da povoação.

Chegando defronte da praia de Esteiro, que toma o nome de um pequeno rio que passa por Aldeia Nova, atravessou; e, apesar de descaír muito, fez abrigo para que os pescadores podessem saltar para a lancha. Esperou que mettessem os mastros e largas-

sem as vélas, e só depois que os viu ir seguidos é que retomou o seu rumo.

## VIII

### ULTIMAS MEDITAÇÕES DO COMPADRE BALTHAZAR

A fragil barquinha aguentou-se a principio quasi sem grande difficuldade. Os do navio, que se afastavam receiosos de a ver sossobrar a todo o instante, ficaram contentes quando notaram que ella se portava tão bem com o mar.

O compadre Sebastião preferiu correr á bolina, porque a lancha era dura de borda, e galgava melhor as ondas de soslaio do que atravessando-as. Poz a prôa nos penedos, que dividem a praia da Aradinha da de Carreiro, e andou assim menos mal por espaço de um quarto de hora.

A terra ficava ainda a distancia de um kilometro, pouco mais ou menos; porém, como o barquinho rolava muito, com as vagas que vinham por través bater-lhe no cos-

tado, íam-se approximando d'ella rapidamente. Os homens todos, á excepção do que ía ao leme, tinham-se agarrado á borda de barlavento, e ninguem dava palavra. De vez em quando ouviam-se as escotas, retesadas e batidas pela força do vento, résoar como bordões de viola; os mastros vergavam, dando estalinhos.

Balthazar ía pensativo!...

— Compadre Sebastião, o vento póde crescer ainda muito, e parece-me que estamos perdendo um tempo precioso com a navegação que fazemos.

— Porque diz isso, compadre?

— Porque á bolina adiantámos pouco caminho, e não chegaremos á praia com dia, se Deus Nosso Senhor permittir que nos salvemos. Pense o que será de nós, se nos apanha aqui outra noite, com o temposinho que está.

— Mas que quer o compadre fazer?

— Parecia-me bom darmos a pôpa ao vento e proejarmos para a Fragosa, onde chegaremos em poucos minutos, com a ajuda de Deus e da Senhora das Neves.

— Compadre Balthazar — replicou Sebastião gravemente — a lancha não aguenta o ba-

lanço com este mar. Se lhe dermos a pôpa, virá a primeira onda alagar-nos.

Balthazar abanou a cabeça.

— O compadre sabe que eu ando aqui ha quarenta annos, e que nunca me alaguei.

Sabastião córou ligeiramente, assoou-se, tossiu, e deixou passar alguns segundos antes de responder. Depois d'essa pausa, disse friamente:

— Pois eu já naufraguei sete vezes... em navios de alto bordo. A primeira foi no mar da China; a segunda nas proximidades do Maranhão; a terceira no mar Pacifico...

— Ta, ta, ta, ta! — exclamou Balthazar. — O compadre vae contar-nos a sua historia, que já todos sabemos. Ninguem duvida da experiencia do compadre, que tem visto muito mundo; mas isto aqui é outro cantar! Vossemecê póde entender as cousas lá dos navios grandes; mas cá das nossas catraias, ha de me dar licença, que eu saiba tambem um pouco. Esta lancha póde muito bem com o panno; e, se nós tivessemos vindo velejados a um largo, já estariamos provavelmente em terra.

A fatalidade dava sempre rasão a Balthazar.

Toda a companha, incluindo Pedro, pediu que se manobrasse para correr em cheio contra a terra.

Sebastião assumiu um ar solemne e respondeu:

—Quando fizemos a sociedade, foi com a condição de que eu tomaria o governo do batel, e que só se faria o que eu mandasse...

—É verdade, é verdade!—clamaram varias vozes—mas nós não queremos morrer.

—Pois eu affirmo—tornou o velho piloto—que morreremos todos, se tomarmos rumo differente do que levâmos agora. Tambem eu não quero morrer! Sou talvez o unico aqui que não sabe nadar!... Para que diabo me serviria teimar, se não conhecesse que só indo d'este modo nos salvaremos?

O Balthazar ficou um pouco atrapalhado, e meditou outra vez.

—Compadre Sebastião, nós não podemos estar todos em erro, e só vossemecê na rasão. Logo, isso é birra e emperramento para mostrar a sua auctoridade. Vamos aqui seis homens, todos maduros, e este rapaz, que não é por ser meu filho, mas parece-me que

ha de ter o miolo no seu logar, apesar do que diz o sr. padre Manuel, que o acha tapado. Ora, se nós seis, e com o rapaz sete, se nós sete pensâmos o contrario do que quer lá na sua o compadre, bem vê que não é de rasão, como o outro que diz, arrumar assim os pés á parede e dizer: arre p'r'ali!

O discurso de Balthazar produziu, como era de esperar, o effeito que sempre produzem os discursos dos oradores das maiorias, sejam quaes forem as circumstancias em que elles os profiram. Todos gritaram que Sebastião os queria matar de proposito; que se elle tinha vontade de morrer, a cousa era facil: entregasse o leme a Balthazar, e saltasse por cima da borda.

O compadre Balthazar saboreava o seu triumpho, como o deputado que derrota o ministerio.

A companha exigiu que elle tomasse a direcção do barco, e Sebastião entregou a pasta, isto é, a canna do leme, como o ministro caído entrega ao seu successor a secretaria de estado.

Apenas o compadre Balthazar pegou no leme, mandou logo folgar as escotas e arribou, tomando o rumo da praia da Fragosa.

Infelizmente, as previsões de Sebastião realisaram-se com tão fatal rapidez, que nem sequer houve tempo para se acabar de dar volta aos cabos!

Uma vaga immensa avançou para a pôpa da casquinha de noz, como o batalhão cerrado que investe um ponto estrategico insignificante, e passou por cima d'ella com tamanha violencia, que o grito de «misericordia!» que quizeram soltar os pescadores, expirou-lhes nos labios, abafado pela agua. Batel e homens, tudo desappareceu na voragem.

## IX

## MILAGRES DE AMOR

De terra tinham visto passar o brigue; e como acontece muitas vezes serem os navios que por ali andam a providencia dos pobres pescadores, que se acham no mar largo, toda a população correu ás praias.

Faltavam desde a vespera os chefes de sete familias, e o pranto corria á farta no momento em que a embarcação virou de

buidos. Recebia, sem nunca pedir, o que lhe davam os mais ricos, e repartia do seu com os mais necessitados. Na sua casa, administrada por uma sua irmã, havia sempre fartura, sem elle saber como, e por isso attribuia ao favor de Deus — no que se não enganava — os favores occultos dos seus amigos.

Tinha dois unicos defeitos: gostava de comer e beber bem, sem comtudo exceder os limites rasoaveis, e era caçador.

Este segundo vicio parecia-lhe um peccado terrivel; mas, não tendo animo para se vencer inteiramente, não era elle quem matava a caça. No intuito de conservar as mãos immaculadas de todo o sangue innocente, fizera com a consciencia o contrato de que caçaria sem espingarda, ou qualquer outra arma mortifera, levando sómente os seus cães. Se estes apanhassem a caça e a matassem, o crime era d'elles. Esta engenhosa combinação parecia-lhe diminuir a sua responsabilidade; e, fiado n'isso, arranjava sempre uns taes cães a que não escapava coelho nem lebre!

Quando o padre Manuel chegou ao areial, havia já minutos que a lancha se tinha afastado do brigue inglez. Maria beijou-lhe a mão

e encaminhou-se com elle para a borda do mar. O velho ía calado e a pequena chorava. A mãe d'esta seguia-os a dois passos, com o olhar fito na misera barquinha.

Foi n'esse funesto instante que Balthazar mudou o rumo, e que uma vaga fez sossobrar a catraia.

Um grito de immensa angustia retiniu por todas as praias e nos cimos de todos os rochedos, aonde estava parte da população. A mulher de Sebastião Palmeiro caíu fulminada, como se a tivesse ferido o raio. Maria foi a unica pessoa que ajoelhou e orou. Tão instantaneo foi o golpe que todos sentiram, com a desapparição do barco, que ficaram como extaticos. Nem mesmo o cura se lembrou de rezar!

Passaram-se assim alguns segundos. Ninguem ousava afastar a vista do sitio onde tinha mergulhado o batel. Todos os olhos estavam como pregados n'aquelle sinistro e movediço espaço, e nada mais viam fóra d'essa linha recta.

O padre sentiu cansar os seus primeiro, porque era velho, e baixou-os para chorar. Ao mesmo tempo avistou o corpo da pobre Anna e correu para ella.

— Agua! Soccorro! Acudam! Deitem-lhe agua na cabeça.

Maria precipitou-se para uma poça; mas, quando se levantava com as mãos cheias de agua, tornou-a a deixar caír e córou vivamente, deixando-se ficar immovel.

O padre, que a esperava ancioso, vendo-a estacar, seguiu-lhe a direcção da vista, e gritou immediatamente com todas as forças:

— Animo! animo, valente nadador!

Olharam todos.

Um homem approximava-se da terra, nadando com incrivel valentia sobre as maiores ondas.

— É Pedro! É meu filho!... Acudam-lhe pelo amor de Deus!

Era elle, com effeito; posto que ninguem o tinha conhecido senão a amante e a mãe, as que têem olhos, que nunca se enganam.

A mãe ajoelhou, sem reparar que o fazia dentro de agua, e que a resáca podia arrebatal-a comsigo. Foi preciso afastal-a d'ali á força.

Maria não se movêra do logar onde estava, tambem com os pés n'agua. Entretanto o nadador approximára-se. Não havia meio algum de se lhe acudir, porque a rebenta-

ção e o rolo do mar, nas immediações da terra, eram enormes, e esmigalhariam qualquer embarcação que se atrevesse a affrontal-os.

Quizeram deitar-lhe um corticeiro, e arrastavam-n'o já apressadamente, quando o mancebo acenou com a mão, dando a entender que não precisava. E sem esperar ao menos que passasse um grande vagalhão, que podia matal-o se o envolvesse, deixou-se ir sobre elle, e vendo-o proximo a formar o rolo, mergulhou e foi surdir aos pés de Maria.

A donzella lançou-lhe ternamente os braços ao pescoço; e o rapaz, tomando-a quasi ao collo, com o ardor com que a abraçava, afastou-se com ella da borda do mar, como se não acabasse de nadar tanto tempo contra ondas embravecidas!

Ao vel-o subír a ladeira do areial, levando a sua amada como se fosse leve creança de poucos mezes, com o fato a escorrer agua, o passo firme e o olhar brilhante, dir-se-ia que vinha de dar banho á donzella, e não de salvar-se de tão grave perigo. Os seus musculos de ferro não denunciavam o menor cansaço!

Apenas chegou á praia, rodeou-o o povo, chorando em altos gritos:

—E os outros? Os outros?—perguntavam de todos os lados e ao mesmo tempo as familias dos que faltavam.

Pedro como que acordou de um sonho. Pousou Maria brandamente na areia, e olhou para o mar. Depois percorreu com a vista a multidão e murmurou:

—Os outros!?

Tornou a voltar-se para o oceano, que continuava a bramir enfurecido, e arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas.

—Meu pae! meu pobre pae! E o meu padrinho?!

—Infelizes!—murmurou o padre.

A mãe, que chorava de alegria e de dor, perguntou-lhe, cortando as phrases com os soluços do pranto:

—E tu, como escapaste? Como podeste vencer tamanha distancia?!

—Foi Maria quem me salvou.

—Maria?!

—Sim. Quando o batel se arrasou de agua, pareceu-me ter a terra muito perto, e vi a minha noiva á beira do mar, chamando por mim. Não sei nada mais; nadei

com força, e aqui estou. Se não tivesse visto a cachopa, morria tambem.

—Podias lá vel-a de tão longe!—exclamou o padre cura.—Só por milagre!

—Pois foi um milagre—respondeu o moço;—um milagre de amor.

## X

### ORPHANDADE

Maria Custodia, a mãe de Pedro, lançou á afilhada um olhar de ternura e de inveja, e pensou em voz alta:

—Já os namorados valem mais do que as mães!

—Não se queixe—disse d'ali o padre Manuel—a não ser assim, não teria agora filho!

—É verdade. Louvado seja o Senhor!

—Amen!—respondeu o povo, soluçando.

Parecia impossivel a todos que ninguem mais escapasse. A distancia era grande e o mar immenso; comtudo a maior parte dos tripulantes eram tão bons nadadores como

Pedro. Apesar da vaga esperança, que ainda nutriam algumas pessoas, as familias dos que faltavam atroavam os ares com os seus gritos e lamentos, e percorriam em vão todas as praias.

Maria, que não tinha cessado de chorar, e de olhar para Pedro, lembrou-se de repente da mãe, e, voltando-se para o sitio onde a víra deitada na praia, correu para ella.

— É verdade! — disse o padre, seguindo-a. — Esquecia-nos inteiramente. Valha-nos Deus!

Tomou-lhe uma das mãos e achou-a gelada.

— Nossa Senhora tenha compaixão de nós todos!...

Reparou-lhe no rosto, e viu-lhe aos cantos da bôca uns ligeiros raios de sangue e espuma.

— E tambem da sua alma! — acrescentou, completando o seu pensamento, depois de verificar que Anna Palmeiro tinha deixado de existir.

Matára-a uma congestão cerebral. Ao ver o naufragio do batel, pensára, sem duvida, que o marido não sabia nadar, e caíra fulminada.

Os corpos dos naufragos vieram vindo á praia uns após outros. A população, apesar de serem frequentes por aquellas costas estes dolorosos espectaculos, chorou sem cessar durante a noite, e ninguem se recolheu antes de apparecer o ultimo cadaver.

O dia seguinte foi tristissimo. Os mortos cobriram muitos habitantes de luto; e ainda depois do enterro se ouviam por toda a parte os soluços, que arrancava a dor até aos menos sensiveis.

Anna Palmeiro foi para a mesma cova que seu marido; e a par d'elles enterrou-se o cadaver de Balthazar.

Pedro, referindo o modo por que tivera logar a catastrophe, evitou delicadamente que o odioso d'ella recaísse sobre a memoria de seu pae. Que remediaria agora a colera das viuvas e dos orphãos? Chamaria apenas gritos de maldição sobre uma alma que estava já na presença de Deus, e que só peccára por ignorancia.

Limitou-se portanto a pedir que os restos mortaes do auctor de seus dias fossem repousar ao lado dos de Sebastião e de Anna.

Parecia-lhe, em seu simples e ingenuo

pensar, que esta reunião, inspirada pelo amor e piedade filial, reconciliaria os mortos entre si, e evitaria futuras desgraças aos filhos que deixavam.

Maria foi recolhida pela madrinha; e a sua casa vendeu-se para pagar as despezas do funeral de seus paes, o luto e algumas dividas de familia.

O padre Manuel não votava por que se juntassem debaixo das mesmas telhas os dois namorados, que tinham já quinze annos; mas como não havia outro recurso, resignou-se, protestando lá de si para si que os casaria assim que findasse o luto.

Maria Custodia andava adoentada desde muito tempo. As perdas recentes do marido e dos compadres, a pobreza em que ia caíndo por falta de quem lhe ganhasse o pão quotidiano, o augmento das necessidades com a obrigação de sustentar a afilhada, que ella amava como filha, e sobre tudo isto a saudade do que fôra tantos annos seu esposo e companheiro amado, aggravaram-lhe os padecimentos, e a boa mulher caíu de cama.

Pedro vivia todo preoccupado de Maria, e mal prestava attenção ao estado da mãe. Tambem pouco se lembrava do pae, não

porque fosse mau filho, mas porque o amor enchia-lhe de tal modo a existencia que o tornava incapaz de se entregar a outros pensamentos, que não fossem os que lhe fallavam da sua companheira de infancia.

A moça não era assim. Amava o seu noivo, é certo, e desejava desposal-o, para dar satisfação ao sr. padre... e a si; mas via bem a sua situação e a dos que a rodeavam. Sabia que estava sendo pesada á madrinha; que esta já poucos meios tinha para manter a familia; e que a doença vinha agora peiorar a posição de todos, e podia levar-lhe talvez, de um instante para o outro, o unico arrimo que lhe restava. Afigurava-se-lhe provavel que surgissem ainda circumstancias mais difficeis, antes de se realisar o consorcio, e só Deus sabia o futuro!...

Era ella quem governava a casa, desde que Maria Custodia se recolhêra á cama. Conhecia por isso perfeitamente quaes eram os recursos de que podiam dispor e o tempo que durariam. Havia já um mez que ficára orphã, e Pedro não tornára ao mar, nem pensava em fazel-o. Convinha adoptar medidas serias a respeito do futuro; e a donzella,

apesar da sua pouca idade, reconheceu que lhe cumpria tomar a iniciativa.

Uma tarde, em que a febre parecia ter deixado um pouco de repouso á doente, Maria saíu do quarto, pé ante pé, e pediu a Pedro que a seguisse.

Foram sentar-se debaixo de uma figueira, que havia no quintal, e Maria tomou a palavra com grave simplicidade:

— Pedro, a nossa mãe está muito mal.

— Não acho. Deixámol-a agora a dormir tão bem!

— Eu não me fio n'aquelle somno!... Deus tenha compaixão de nós!... de mim, principalmente, que sou uma triste mulher!

— Maria!...

— Não me tomes a mal isto que digo, moço. Tu bem sabes que se tua mãe faltar, eu não posso continuar a estar n'esta casa...

— Porque?... ah! sim!... mas chamâmos o sr. padre e casâmos logo.

— Não digas isso!

— Porque não?

— E o luto?

— Pois elle impede que?...

— Cala-te com essas tontices, que offen-

des a Deus. Fallemos em cousas que são mais do agrado de Nosso Senhor.

—Então que é?

—Se tua mãe... se nossa mãe faltar, que has de tu fazer?

—Caso comtigo logo...

—Já te disse que não póde ser—tornou, sorrindo-se de triste contentamento e fazendo-se vermelha, a donzella.

—E tu que fazias?—perguntou Pedro.

—Eu ía servir. Bem vês que não podiamos ficar juntos.

—Servir?! Tu?! Isso nunca!

—Que remedio?! Era o unico recurso que tinha. Onde havia eu de ir morar?

—Aqui. Saíria eu, deixando-te a casa.

—Obrigada. Bem sei que ès capaz de o fazer. E é por isso mesmo que te quiz fallar agora, sem que tua mãe ouvisse a nossa conversa. Trabalharias para mim, depois de faltar a minha madrinha? Pois é preciso trabalhar desde já, para ella, e para nós, que estamos sem nada.

—Ora essa!

—Acabou-se o dinheiro, e eu não tenho mais que vender.

—Porque não o dizias?

—Esperava que tu désses por isso... e te resolvesses a ir trabalhar, sem que fosse necessario pedir-te eu que o fizésses; mas, como não vias o estado em que íamos caindo...

—Como havia de eu ver, cachôpa, se não vejo senão a ti, em toda a parte onde estou?!... Até mesmo quando te não tenho ao pé de mim! É uma cousa esquisita... mas é verdade.

Maria baixou os olhos, por não ter nada que responder a tão ingenuos argumentos.

—Á vista do que me contas—continuou o rapaz—ámanhã irei ao mar!

—Ao mar?!

—Pois onde? Em que hei de ganhar o pão que precisâmos?

—Olha, Pedro: nem tua mãe nem eu gostâmos que vás ao mar... Se houvera outro meio?...

—Qual?

—Eu sei cá!... Servir, talvez?... Em casa de algum lavrador rico... aqui per

Pedro levantou-se zangado.

—Sou pobre, rude e ignorante; sou estupido, como diz o sr. padre cura!!..

servir?... Não; isso não! Não nasci para servir. Antes morrer!... Só se.....

— O que?

— Só se tu me obrigasses.

— Então vae ao mar. Pede licença a tua mãe.

— E se ella não quizer?

— Irei eu servir.

A cachopa ergueu-se e caminhou a par do moço até ao quarto de Maria Custodia.

O rumor que fizeram, entrando, não despertou a velha. Os dois sentaram-se, e esperaram por espaço de uma hora que ella acordasse. Passado esse tempo, Pedro chamou-a brandamente.

— Minha mãe?

Após curto silencio, vendo que não obtinha resposta, perguntou-lhe:

— Dorme?

— Deixa-a dormir! — observou Maria em voz baixa. — Talvez este somno seja a sua salvação.

— É preciso pedir-lhe licença para ir ámanhã ao mar. Tenho de fallar ainda hoje com a gente de alguma companhia, que me admitta; e mais tarde póde ser que já não ache logar.

— Ó madrinha?... minha madrinha?... Ouve?....

Sempre o mesmo silencio!

Tomados ao mesmo tempo de uma idéa terrivel, os dois moços levantaram-se e apoderaram-se cada um de uma das mãos de Maria Custodia.

As mãos estavam frias.

Pedro abraçou-se a ella, gritando:

— Minha mãe? minha mãe?!

E ella não acordou!

Maria Palmeiro apalpou-lhe o coração, e, não o sentindo bater, caíu de joelhos, soluçando:

— Oh! meu Deus, meu Deus! Já não tenho ninguem no mundo!

Pedro pegou nas mãos da donzella, e fitou-a com os olhos arrasados de lagrimas.

— Eu não sou ninguem para ti?!

Maria ergueu-se com impeto apaixonado e disse, prestes a abraçal-o:

— Só tu me restas!

— E Deus! — acrescentou o padre Manuel que vinha entrando.

## XI

## SANTO ANDRÉ

Maria Custodia morreu como uma santa. No dizer do velho cura, em vez de rezar por ella, podia-se rezar a ella, para que intercedesse aos pés do Eterno pelos que deixava no mundo.

—Como ha de ser isto agora, sr. padre Manuel?

—O quê, meu filho?

—A respeito de... da Maria Palmeiro e de mim.

—A cachopa vae para a companhia de minha irmã, até vermos.

—Porém...

—Porém o quê, rapaz?!

—Eu dava-lhe esta casa, e mudava-me para a companhia da tia Joaquina Paranho...

—Isso é bonito da tua parte; mas não póde ser. O melhor é como eu digo.

—E quando poderá casar-nos?

—Homem!... tu tens perguntas!... Ainda ali está o corpo de tua santa mãe... De-

pois, veremos. Eu tambem tenho interesse n'isso. Anda d'ahi, Maria.

Os dois orphãos abraçaram-se na presença do velho cura, e separaram-se, suffocados em chôro.

Um dos lavradores mais ricos da terra solicitou para creada a cachopa; e, apesar da má vontade de Pedro, ella acceitou, e foi servir, tres dias depois do enterro da madrinha.

Pedro resolveu-se a seguir a profissão de pescador, como seu pae. Antes, porém, de tornar ao mar, quiz que o padre Manuel lhe dissesse uma missa por alma de todos os que Deus lhe tinha levado, e pediu que fosse rezada na capella de Santo André, situada no areial ao norte de Avelomar, porque sua mãe fôra mui devota d'aquelle santo.

Não era comtudo este o unico motivo que determinára a escolha do moço. A distancia da aldeia á ermida é de dois ou tres kilometros; e, como Maria tambem devia ir, passariam mais um dia juntos.

A capella de Santo André, como já se disse, está sentada n'um areial, e dista do mar cousa de um tiro de espingarda. O sitio é encantador. Do lado de leste vastissimos

campos verdejantes; ao norte copados arvoredos e sebes floridas; a oeste o oceano, emmoldurado por uma vasta muralha de granito, denegrido pelo tempo; ao sul as casinhas brancas de Avelómar.

Todos os annos se faz uma romaria muito concorrida ao santo, com festas que duram tres dias. E, como em quasi todas as romarias, ali se tratam muitos casamentos, e se começam n'um anno amores, que no anno seguinte se tornam em laços abençoados pela Igreja.

Pedro e Maria tinham lá ido no ultimo verão; e, no meio dos outros conversadores apaixonados, haviam feito, pela primeira vez, a promessa de se casarem. A morte cobrira-os, porém, de luto antes que tivessem tido tempo de satisfazer os seus votos.

Os dois amantes, pensando nas suas recentes desgraças, caminhavam adiante do padre Manuel, embebidos em doce melancolia. Ao approximarem-se dos sitios onde, havia poucos mezes, se tinham revelado mutuamente os seus castos sentimentos, sentiam como que dilatarem-se-lhes as almas. Não fallavam; mas os seus olhos diziam tudo quanto lhes ia no coração. O padre seguia-os,

tambem silencioso, contemplando-os e reflectindo nas vicissitudes humanas, que tão cedo os deixaram ao desamparo.

Chegados todos ao pé da capella, Pedro tomou a mão ao velho e disse-lhe com firmeza:

—É necessario que me diga quando poderemos casar-nos.

—Oh! rapaz dos meus peccados, tu és teimoso como a fortuna! Eu já te disse que é preciso esperar que passe o tempo...

—Desculpe, sr. padre Manuel: para eu ter animo de esperar, preciso saber até quando. Se m'o não diz, não sei o que será de mim. Decididamente eu nasci para viver por esta moça ou para morrer por ella. Não quero que Maria vá servir... por muito tempo. Senão, atiro commigo ao mar e acaba-se tudo por uma vez.

—Valha-me Deus! Que homem endemoninhado! E tu, cachopa?

—Eu... como o sr. padre quizer.

—Sim?! Isso é que é fallar, filha... mas tambem não se te dava que o casamento fosse breve? Ora, pois, deixem-me pensar um bocado.

E o bom do padre poz-se a olhar para

um vallado de roseiras, que estava na sua frente a uns dez ou doze passos.

—O diacho são os namorados!—resmungava elle por entre dentes.—Case-me! case-me! Sim, senhor, caso-o; isso é o que eu quero; mas é preciso que passe o anno do luto... Elle é capaz de... não; lá isso não! Comtudo... não ha que fiar. Aquella roseira está bonita!... Ora espera... boa lembrança! Vamos a ganhar tempo.

Tirou uma navalhinha do bolso, foi-se ao vallado e cortou duas estacas de roseira. Voltou com ellas para o pé da ermida, e disse aos namorados, dando-lhes os dois tronquinhos:

—Plantem-me cada um sua roseira, ao pé da capella de Santo André! Quando ellas deitarem rosas... caso-os.

—Mas isso é um logro!—gritou o rapaz.—Ellas não pegam agora, porque já estamos no começo da primavera!...

—Que entendes tu de primaveras? Pegam perfeitamente.

—E, se pegarem, já não dão flor este anno!

—É preciso um anno de luto—volveu o padre.—Apesar d'isso... se ellas florirem antes... veremos.

Maria pegou na sua haste de roseira e começou com a mão a fazer uma cova na areia. Pedro, meio colerico, meio a rir de escarneo, revirava entre os dedos a outra, sem se resolver a plantal-a.

—Faze o que eu mando, Pedro. Olha, a cachopa, mostra que tem mais vontade de casar do que tu. Que boa cova que ella já fez!

Maria tinha, effectivamente, aberto na areia o espaço necessario, e dispunha-se a enterrar n'elle a planta, quando Pedro a impediu, zombando:

—Outro logro ainda! Como ha de isto pegar plantado em areia?!

Reflectiu um instante, e virando-se para o padre, acrescentou:

—Pois deixe estar, que assim Deus me ajude em como lhe hei de fazer florir estas roseiras!

Dizendo isto, correu ao vallado proximo, encheu o chapéu de excellente terra preta, e veiu deital-a na cova feita pela sua amada. Repetiu as idas e vindas, tantas vezes quantas foram necessarias para encher o buraco; em seguida, enterrou ali as estacas de roseira, conchegou-lhes e apertou a terra, que

por fim regou abundantemente com agua tirada de um regato proximo.

O padre, que tinha visto todos estes cuidados e precauções, dizia comsigo:

—Olhem o espertalhão! É menos tapado do que eu o julgava, ao tempo em que lhe ensinei a ler! Oh! mocidade, mocidade! Para éstes casos de amores não ha lorpas!.. E o certo é—proseguiu, olhando para as estaquinhas, que estavam muito viçosas no seu canteirinho de terra fresca, e ainda a escorrerem da rega—o certo é que estão com cara de quem péga! O que me faltava agora era ter dado corda para me enforcar! Tinha graça!... Mas, não; estamos em março... já não é possivel. E se pegassem e dessem rosas até junho? Qual historia! Comtudo... se acontecesse? Então... se eu visse similhante milagre... era Santo André que se pronunciava, e não havia remedio senão casar os rapazes d'aqui a tres mezes.

Pedro e Maria tinham entrado já na capella, e oravam fervorosamente, pedindo a Santo André que intercedesse perante Deus pelas almas dos paes de ambos, e que fizesse pegar e florir as roseiras que acabavam de plantar sob a sua protecção.

O padre seguira-os; e, julgando adivinhar o que elles estavam pedindo, teve vontade de aconselhar ao santo, que não fizesse tal; mas, occorreu-lhe que não tinha auctoridade para tanto, e calou-se, contentando-se apenas com murmurar, ao entrar na sacristia para vestir-se:

—Santo André que faça o que quizer! Se as roseiras pegarem e florirem antes de um anno, é por conta d'elle, e não por minha.

## XII

### OS DOIS JARDINEIROS

Passou a primavera, e começou um estio secco e ardente, que transformou os campos do Minho. A terra despiu o seu manto verde e florido; as searas amadureceram prematuramente; mal se desenvolveram os fructos; as fontes seccaram quasi todas; a calma e a sêde faziam diariamente succumbir os animaes e as plantas. O sopro queimador do vento suão devorava tudo por onde passava!

Tres ou quatro mezes depois da missa re-

zada em Santo André, foi o padre Manuel chamado alta noite, para confessar uma velhinha, que morava na casa do cerrado proximo á capella.

A doente, depois de confessada, sentiu-se melhor, e rogou ao cura que se demorasse até pela manhã. O velho cedeu sem custo, por estar caíndo de somno. Recostou-se n'uma cadeira e adormeceu como um justo. Ás quatro horas abriu os olhos, viu luzir o buraco, e despediu-se da velha, cujos allivios progrediam, para ir dizer em Avelomar a missa do costume, na capella da Senhora das Neves.

Ao passar pela ermida de Santo André, lembrou-se das roseiras, e disse comsigo:

— Devem estar bem mirradas as pobresinhas! Com o calor que tem feito!

Deitou a vista para o logar aonde julgava que as vèria mortas e ficou pasmado. Ambas as plantas se tinham enchido de rebentos, e cresciam como á porfia, tão viçosas e robustas que nem na primavera estariam melhores!

— Vontade de Santo André! — suspirou o padre, approximando-se. — Não podia ser senão por milagre, á vista da sécca enorme que...

Expirou-lhe a palavra nos labios; sorriu-se, e entrou a mexer com a ponteira da bengala na terra humida, onde vicejavam as roseiras.

—É boa! Eu a fazer do santo jardineiro, e foi o outro que... Ah! Pedro, Pedro! S. Pedro te valha, rapaz! Vejam lá que tal é a vontadinha que tem de casar, hein?! Apanha todos os dias uma caminhada d'estas, para vir regar as roseiras, antes de ir para o mar... porque é claro que tem vindo regal-as todos os dias; de outro modo, não estariam tão frescas e crescidas! O diacho é o moço! O que vale é que já não dão rosas este anno, senão... Esperem, que elle ahi vem!... Ouço passos na estrada. Pois vou encobrir-me ali com o vallado, para ver como aquelle manhoso puxa pelas plantas.

O bom velho correu quanto lh'o permittia a idade, e foi esconder-se entre uns sabugueiros, que serviam de tapume ao cerrado vizinho.

Ao mesmo tempo chegou ao pé das roseiras a pessoa, cujos passos elle tinha ouvido antes de a ver, por causa de um cómoro que dividia o areial da estrada.

Era Maria Palmeiro.

O padre Manuel esteve para soltar uma exclamação de espanto e saír do esconderijo. Conteve-o, porém, a curiosidade.

A moça, que trazia á cabeça uma infusa cheia de agua, olhou á roda de si, e começou a regar as plantas, fallando ao mesmo tempo em voz alta:

—Hoje não posso vir ver-vos de tarde, minhas queridas roseirinhas. Já não temos herva para os bois n'estes sitios, e vou com elles para o Agro Velho. Disse em casa, que tinha deixado hontem a foucinha na bouça, e por isso é que venho deitar-vos agua fresca a estas horas. D'aqui em diante não nos veremos senão aos domingos... Oh! meu rico Santo André, tomae-me bem conta d'ellas, coitadinhas!

Depois de as regar e de lhes ter catado e lavado cuidadosamente as folhas, dos insectos e da poeira, approximou-se da porta da ermida, ajoelhou, e poz-se a rezar uma oração. Ainda não tinha acabado, quando Pedro appareceu ao pé d'ella, vindo do areial, tambem de cantarinho ás costas.

Ao conhecerem-se, a donzella sentiu arder a cara, como se a tivesse esfregado com

mostarda; e o rapaz começou a tremer, em riscos de quebrar o cantaro.

—Estás ahi, cachopa?—interrogou elle parvamente.

—Eu, estou... E tu?... tu vinhas...

—Sim... é verdade... eu vinha...

Pousou o cantaro no chão, tirou o barrete, e calumniou a cabeça, coçando-a, como se ella tivesse hospedes suspeitos.

Maria sentou-se na areia, olhou para o cantaro e disse comsigo:

—Por isso eu as achava todos os dias encharcadas!

Pedro tomou animo com o silencio da moça; pegou no vaso da agua e approximou-se das plantas.

—Não lhes deites mais!—gritou Maria. —Olha que as apodreces!

—Ah!—exclamou o rapaz, vendo os arbustos alagados e a infusa de Maria despejada ao pé d'elles.—Lá me quiz parecer, que, com o calor que tem feito, não podia a agua que eu deitava pela manhã ficar vinte e quatro horas sem seccar!

—Pois tu vinhas todos os dias, Pedro?!

—De madrugada... antes de ir para o mar. E tu?

—Eu... vinha de tarde... quando trazia os bois á bouça.

—E hoje?

—Hoje vou para o Agro Velho... não podia vir á hora do costume...

—Oh! cachopa, agora é que eu fico sabendo a verdade do teu coração! E bem vês que não te quero menos...

Maria tornou a córar sem responder.

Regando as roseiras todos os dias, ás escondidas, fôra apanhada em flagrante declaração de que tinha pressa de casar com Pedro. Que mais se poderia dizer de parte a parte?

O rapaz, que comprehendeu isto bem, apesar da rudeza que o padre lhe attribuíra outr'ora, sentou-se ao pé da donzella, tremulo de ternura e de medo.

—Ó moça, olha como estão lindas!... não achas?

—Estão, estão! Sempre teem um verde mais viçoso!...

O mancebo pegou-lhe na mão, e começaram ambos a tremer como se tivessem apanhado uma carga de maleitas furiosas.

—Gostavas de as ver com rosas, Maria?

—Se tu gostavas... eu... tambem.

— Santo André ha de fazer o milagre, ainda este anno, deixa estar.

— Como sabes isso?

— Tem-m'o dito o meu cantarinho... e a tua infusa tambem o afiança.

Olharam sorrindo um para o outro, baixaram os olhos, e ficaram assim por muito tempo, calados, e na mesma posição.

O padre, que tudo ouvia e via, estava contente com a sinceridade e pureza d'aquelle affecto, que a solidão não conseguíra desvairar.

— Eis à minha obra! — dizia elle comsigo. — Fui eu que lhes formei as almas innocentes. Ninguem tema que pensem sequer na possibilidade de um crime. Teem pressa de casar? Que mal ha n'isso? Só querem dever á Igreja a sua felicidade. Oh! innocencia! Bemdita sejas sempre!...

Só Deus sabe onde pararia a expansão de contentamento do excellente velho, se Pedro não tivesse passado um braço em torno do pescoço da sua noiva.

— Mau, mau! É tempo de intervir... Quem sabe lá! Ás vezes é assim que o diabo as arma!

Tossiu fortemente, o que obrigou o rapaz

a tirar immediatamente o braço de cima do hombro da moça, e saíu detrás dos sabugueiros.

—Bom dia, moços. Então que é isto? Por aqui tão cedo!

Pedro ergueu-se de um pulo. Maria quiz fazer o mesmo, porém as pernas faltaram-lhe e ficou sentada. Ambos se tornaram vermelhos, sem acharem palavras para corresponder á saudação do padre.

—Com que então, Pedro, não foste hoje ao mar?

—Ainda vou, sr. padre.

—Ah! ainda vaes?! E tu, Maria? vieste tão cedo para a bouça!

—Eu vim a... ia para... vim procurar uma foucinha que...

—Não mintas! Eu já sei a que vieram. Ora pois! As roseiras estão bonitas; bem se vê que lhes teem sobejado cuidados e agua! Estão tão bem pegadas, que, ainda mesmo que se puxe por ellas, já se não arrancam.

Dizendo isto, fez menção de querer ensaiar se os arbustos poderiam arrancar-se. Os dois correram para elle supplicantes.

—Está bom, está bom! Não tenham susto; uma vez que prometti, está promettido. Po-

rém d'aqui por diante escusam de cá tornar. Ellas agora não morrem. A muita agua é que as póde matar. Não se cansem mais; éste anno já não deitarão flores; e dentro em pouco principiam a perder a folha.

—E se seccarem?—ousou perguntar o rapaz.

—Affirmo-te que não seccam. E prohibo-lhes que tornem cá sem minha licença. Ouviste, cachopa?

—Sim, senhor.

—No dia em que fizer um anno que as roseiras se plantaram, estou prompto a casal-os, se me obedecerem.

—Jurâmos!

—Muito bem; vamos embora, que ainda vou dizer a missa das seis.

Partiram todos tres. Ao chegarem á estrada da aldeia, Pedro tomou o caminho de Finisterra, ou Finsterra, e foi para a pesca dos congros.

O padre acompanhou a moça até á porta do amo, e disse-lhe antes de se apartar d'ella:

—Não tornes a Santo André, nem me estejas só com o Pedro... por causa das más linguas. Olha que o melhor panno póde apanhar nodoas, e depois ninguem lh'as tira.

# XIII

## AO CAIR DAS FOLHAS

A vida dos dois amantes corria febril e impaciente, desde que deixaram de ir regar as roseiras á ermida de Santo André. Pedro amava sinceramente a moça: esta julgava corresponder-lhe com igual ternura.

Quando á tarde o joven pescador voltava do mar alto, da pesca do ruivo ou do safio, logo que se via a terra começava a acenar com o barrete para os sitios onde cuidava que andaria a donzella pastoreando os gados. Os companheiros motejavam-n'o amigavelmente, dizendo-lhe que endoideceria com aquelles destemperos de namorado; que a moça não podia ver de tamanha distancia, nem sequer o barco, quanto mais o barrete.

Mas, como todos estimavam o rapaz pelas suas excellentes qualidades, não íam os gracejos muito longe, nem elle os supportaria, porque era bom jogador de pau, e tido por valente.

Maria, se effectivamente andava com as

vaccas ao declinar da tarde, subia-se aos outeiros e collinas d'onde o mar se avistava; e mal via ao longe uma véla, tirava a roca da cinta e agitando no ar o seu lenço de ramagens encarnadas, cria corresponder aos gestos do amador distante.

Os campos tornavam-se de dia para dia mais aridos; a terra ia successivamente mudando de aspecto; as plantas desfalleciam; as arvores largavam lentamente, uma a uma, as folhas amarelladas; e o nordeste começava a esfriar a atmosphera. A natureza entrava n'uma das suas transformações—a mais melancolica de todas—para receber o inverno.

Uma vaga tristeza assaltou o espirito de Maria Palmeiro, diante d'esse quadro, que se lhe offerecia por toda a parte. O estado da sua alma casava-se bem com o outomno.

Das sepulturas de seus paes e padrinhos, fechadas havia seis mezes, erguia-se uma como nuvem, que lhe envolvia o coração e lhe arrasava a todos os momentos os olhos de agua: era a saudade. Via-se no mundo sósinha, e todas as suas esperanças apoiavam-se n'um sonho. Se algum dos mil acasos da vida impedisse o desejado consorcio, que seria d'ella?! Faltavam ainda seis mezes

para fixar o seu destino; seis mezes de anciedade e de incerteza! Como atravessaria um longo e aborrecido inverno, em casa de seus amos, que a estimavam, é certo, mas que não lhe eram pae e mãe, para a conchegarem ao seio quando, ás noites, o vento furioso sacudisse e abalasse as portas e as paredes das casas? Como supportaria o rude labor dos campos, nas manhãs de neve, e as chuvas geladas nos dias de tempestade? Se ao menos tivesse Pedro ao pé de si para a animar?!... Infelizmente, Pedro andava ainda mais exposto, sobre as aguas do mar, em risco de perecer a toda a hora, sem lhe poder ao menos dizer o adeus extremo!

Eram bem tristes e sombrias todas as reflexões que lhe inspiravam as proximidades do inverno! Só ao domingo é que tinha uns longes da sua antiga alegria, quando ia á Povoa de Varzim fazer as compras semanaes para a familia a quem servia. Pedro acompanhava-a então, na ida e na volta, com o pretexto de que tambem tinha que mercar, e porque preferia ir ouvir missa á igreja de Nossa Senhora das Dores.

N'essas occasiões conversavam os dois, sem nunca se fartarem, formando projectos

ácerca do seu futuro casamento, que, todavia, ainda éstava bem longe!

Um domingo, quando vinham a entrar na aldeia, disse o rapaz:

—Ó Maria, nunca mais tornaste a ver as roseiras?

—Eu não. E tu?

—Tambem não. Vamos lá esta tarde?

—O sr. padre Manuel prohibiu-nos...

—Vou pedir-lhe licença.

—Não t'a dá.

—Apósto que sim?

—Apósto que não!

—E se der, vaes commigo?

—Se der... mas não dá, que o sei eu.

—E se der?

—Vou.

—Está dito. Pódes pedir já a teus amos. Ás quatro horas passo por lá.

—Pois sim. Adeus, que é tarde.

Pedro foi direito a casa do padre, que estava jantando, e fez-lhe o seu pedido.

—Homem, eu tenho minhas dúvidas... Sósinho, não te pégo; vae quando quizeres.

—Só, não tem graça. Venho pedir-lhe licença... porque não queremos faltar ao que promettemos.

—N'esse caso, e para lhes mostrar quanto approvo o seu procedimento, irei eu tambem.

Pedro fez uma careta.

—Não gostas, hein? Velhaco! É assim que reconheces a minha amisade?!

—Oh! sou muito seu amigo!... mas...

—Mas dispensas a minha companhia, quando tens a de Maria Palmeiro? Bem sei. Não te chega o tempo dos passeios á Povoa para o que tens a dizer-lhe?

—É que...

—Sim, sim; não ponhas mais na carta. Dou a licença; porém, ordeno-te que não tornes a pôr o braço á roda do pescoço da cachopa, nem tomes outras familiaridades.

—O sr. padre viu?!—gaguejou o rapaz, rubro de pejo.

—Vi; e se torno a ver, quebro-te as costellas.

—Juro-lhe que nunca mais lhe bulo.

—Vão lá com Deus; e vê o que fazes.

—Sou um homem de bem.

—Estou certo d'isso. Acredita que se pensasse o contrario, moía-te com pauladas e não te dava aquella joia. Ouviste, meu pateta? aquillo é uma joia!

—Oh! se é!

Pedro saíu a correr; jantou á pressa; e foi buscar a moça, que, não esperando que o padre consentisse no passeio, ficou admiradissima com a apparição do rapaz.

—Então?

—Vamos.

—Pois elle?!...

—Consentiu.

—Ora essa! Estás certo do que dizes?

—Jurarei, se quizeres.

—Não é preciso. Como elle é que quer, vamos lá.

—E tu não querias?...

—Eu sei!... O sr. padre tinha-me dito... Emfim, vamos.

Partiram.

A tarde estava fria e ventosa, e o céu entre nuvens. A noite anterior fôra tempestuosa; e o mar, muito cavado, batia com impeto furioso nos rochedos.

—Parece-me que tão cedo não se póde ir á pesca—disse o rapaz, quando saíram de Avelomar pela estrada da Prálheira.—Se não estivesse o tempo assim, íamos pelo areial, que é mais bonito.

—Mas cansa muito. Eu só posso andar na areia por pouco tempo. Se gostares, vi-

remos á volta por lá; e quando eu cansar, mettemo-nos outra vez na estrada de terra.

— Pois sim. O vento está a querer saltar para noroeste. Se muda, ficam bem aviados os que vão n'aquelle navio.

— Porquê? Achas que haveria perigo para elles?

— E grande! Com o nordeste, lá vão andando afastados da terra e rompendo sempre para o norte, que é, ao que parece, o seu caminho; mas, se o vento rondar para o noroeste, ou para o oeste, é capaz de atirar com o navio sobre a costa, sem lhes dar tempo de se salvarem.

— Deus se compadeça d'elles!... E de todos quantos andam sobre as aguas do mar!

— Amen!

— É verdade: contaram-me que estiveste hontem em perigo?!

— Apanhou-nos o temporal muito ao largo; mas a Senhora das Neves ouviu-nos a tempo.

— Que susto que eu tive, Pedro!

— Por mim?

— Por ti... e por todos. Só agora ha bocado é que m'o disseram.

— Fez bem mal quem t'o disse!

Quando iam chegando á capella de Santo André, tornaram a ver o navio, já muito perto dos rochedos, que ali defronte são enormes, e entram no mar até grande distancia da praia. O vento tinha effectivamente dado um salto para oeste. Pedro notou logo o perigo em que estavam os navegantes, porém calou-se, para não assustar a moça, e foi com ella ver as roseiras.

Os arbustosinhos haviam por fim obedecido á lei commum: estavam ambos despidos, e pareciam dormir, encostados um no outro. O que fôra dado pelo padre a Maria não tinha já nenhuma folha; o de Pedro conservava ainda um olhinho verde, e cada vez que o vento o sacudia parecia querer abraçar-se no outro. Dir-se-ia um amante, que velava, tentando proteger a sua amada contra os rigores da estação.

Pedro chamou a attenção da sua companheira para esta poetica circumstancia.

— Até n'isto parece que eu te quero mais do que tu a mim! — dizia elle. — A minha roseira está sempre viçosa, e a tua já não dá signal de vida. A minha quer abraçar-se á tua, quando as sacode o vento; e a tua parece fugir-lhe ou recebe-a com indifferen-

ça. Deus permitta que não sejam estas roseiras as imagens do nosso amor!

A paixão tornava-o eloquente, e inspirava-lhe expressões delicadas.

Sem perguntar a si mesmo d'onde lhe vinham estes talentos imprevistos, o rapaz tentava enleiar a sua roseira na de Maria, de modo que o vento não podesse separal-as.

A moça ria, contente por se saber objecto d'aquelles esforços; e parecia gostar da resistencia que offerecia o seu arbusto.

— Amarra-a — disse ella. — Verás que não torna a fugir-te.

— Só assim! — volveu o namorado, aproveitando-se da idéa. — Só amarrada te poderei chamar minha!

E, meio despeitado meio orgulhoso, arrancou uma fita do collete, e atou as roseiras uma á outra.

— Só assim, certamente! — lhe tornou a moça. — Pois que é o casamento senão uma prisão? O sr. padre Manuel não amarra a gente na igreja?

Pedro ergueu-se mais satisfeito.

— Lembras bem, cachopa! E faça Santo André com que nós nos amarremos depressa, como estas plantas ficam amarradas.

—O tempo vae-se tornando muito feio! Vamos embora, Pedro, antes que nos apanhe por aqui alguma trovoada.

—Vamos.

—Queres ir pelo areial? Tu gostas mais do que pelo caminho, onde faz hoje muita lama.

—Vamos pela estrada.

—Pois não me tinhas dito?

—É que... se chover... por terra é mais abrigado.

—Lá isso é. E o navio? Já o não vejo!

Para que Maria não fosse testemunha do perigo que corriam os navegantes, quizera o rapaz evitar a volta pela praia; mas ouvindo a pergunta que ella fez, olhou tambem para o mar e não viu a embarcação. Os rochedos eram muito altos, porém não tanto que podessem encobril-a. Pedro correu, afflicto, para o areial; Maria seguiu-o de perto.

Apenas se afastaram da ermida e subiam os primeiros penedos, um espectaculo horrivel feriu-lhes cruelmente a vista. A escuna tinha batido n'uma pedra e partíra-se instantaneamente pelo meio. A parte da prôa desfizera-se logo, caíndo os mastros

do gurupez e traquete, com todo o panno e apparelho. A pôpa conservava-se ainda inteira, com o mastro de ré em cima, a véla grande atravessada ao vento, e uns poucos de homens, agarrados aos destroços, que de momento a momento iam desapparecendo. O mar andava cheio de fragmentos de madeiras, vergas, caranguejas, tábuas, moitões, cadernaes, pipas, caixas, e homens que tentavam em vão lutar com as ondas e vencer a distancia que os separava da terra. Essa distancia não era, comtudo, difficil de ganhar para bons nadadores; porém, infelizmente, a costa achava-se inaccessivel, pela braveza das vagas. N'aquelle ponto não ha senão penedias inabordaveis; e tudo quanto d'ellas se approximava era fatalmente esmagado.

Uma rajada furiosa inclinou o resto do navio, sobre a pedra, onde estava encalhado, e ao mesmo tempo uma vaga enorme cobriu-o todo, embrulhou-o no rolo, e fez com que desapparecesse.

Por espaço de alguns minutos não se viu mais nada, alem da espuma, que fervia em torno do rochedo; mas d'ahi a pouco surdiu um homem, nadando em direcção ao sitio

onde estavam Pedro e Maria. Todos os outros se haviam sumido para sempre.

Maria Palmeiro cobriu o rosto com as mãos, fugindo espavorida para longe do rochedo.

Pedro gritou ao nadador desconhecido, fazendo porta-voz da mão:

—Para o sul! Para o sul! Por detrás d'esses penedos ha um abrigo em que o mar não faz ondas.

O naufrago, ou não ouviu, por causa do ruido produzido pelos bramidos do oceano e do vento, ou não tinha já forças para seguir o conselho do moço pescador. Continuou portanto a nadar direito ás penedias, em cujo vertice estava o rapaz. A sua morte parecia inevitavel. Era difficil, se não impossivel, escalar o granito, a pique sobre o abysmo. E emquanto o misero procurasse qualquer saliencia ou anfractuosidade nas rochas, para se agarrar, esmagal-o-íam as ondas, como succedeu aos seus companheiros.

—Volte para o sul!—tornou a gritar-lhe Pedro.—Olhe que vae esmigalhar-se contra as pedras!

Era já tão perto, que o nadador respon-

deu, com voz que foi distinctamente ouvida:

— Já não posso!...

Maria, escutando esta declaração angustiada, subiu novamente. Ao mesmo tempo deixava-se o seu noivo escorregar pela rocha, que o mar e o tempo tinham polido como um espelho, e precipitava-se no abysmo.

A donzella, vendo-o sumir, soltou um grito pungente, faltaram-lhe as forças e teria rolado após elle, se providencialmente a não amparassem. Abrindo os olhos, reconheceu o padre Manuel.

— Animo, filha! Bravo, rapaz, bravo! Abato-te dois mezes na espera! Assim! Levanta-lhe mais a cabeça e nada para o sul!... Pedro?! Pedro?! Olha que ahi vem uma onda muito grande!... Não lhe escapa, e morrem ambos! Meu Deus!... Ah!... O diacho é o rapaz! Recebeu-a perfeitamente! Apósto que não ha peixe que nade melhor do que elle! Cachopa? torna em ti; olha que já estão quasi em terra. Anda; vamos acudir-lhes.

Desceram e foram correndo para a lingua de areia, ao sul das penedias, onde começa a praia da Aradinha.

## XIV

### UM RIVAL PESCADO NO MAR

Pedro arremessára-se ao perigo, dominado pelo generoso impulso de salvar o desconhecido, prestes a succumbir por falta de forças.

O nadador avelomarense, cujo vigor e destreza, para lutar com as ondas, já conhecemos, chegou ao naufrago no momento em que este se deixava afundar; empolgou-o pela gola do collete, suspendeu-o acima d'agua, e, nadando ora de lado com uma só mão, ora de costas, conseguiu dobrar o cabo formado pelos rochedos de Santo André e chegar felizmente á praia.

O padre Manuel metteu-se ao mar, de sapatos e batina, e recebeu nos braços o naufrago sem sentidos. Depois de o pôr na areia enxuta, voltou-se para Pedro, abraçou-o com as lagrimas nos olhos, abraçou Maria, que tambem chorava de gosto, e, apresentando esta ao namorado, disse:

—Pedro, meu filho, dou-te licença para que a abraces... e pódes dar-lhe um beijo.

O rapaz abraçou-se á moça e beijou-a castamente repetidas vezes. Ella corava... e deixava.

—Basta! Depois d'este premio não lhe tornes a tocar, antes do casamento... que será breve. Corre a casa, e traze algum do teu fato, para vestir a este pobre moço, que ha de andar pela tua idade. Arranja tambem uma garrafita de aguardente. Vae depressa; completa a boa acção que começaste.

Pedro foi ás carreiras: por satisfazer o animo generoso, e para poder voltar mais breve para junto da sua amada. O padre virou o desmaiado com o rosto para o vento.

—É um bello moço! Ajuda aqui, cachopa. Esfrega-lhe d'ahi esse pulso, emquanto eu esfrego este de cá. É perfeito! E que bem trajado! Talvez seja fidalgo?!...

—Ai! como é bonito!—exclamou Maria, que estivéra até então a olhar para o caminho que Pedro seguira.—Guapo homem! Nunca vi nenhum assim! Parece uma cachopa disfarçada!...

Tomou-lhe a mão, para lhe esfregar o pulso, como ordenára e estava fazendo o cura.

—Ih! Jesus! Que mãos tão finas! Não ha mercador da Povoa com ellas assim!... Tem as unhas côr de rosa!... Isto não são mãos de quem trabalha! Ai! Senhor! Que bôca tão pequena e que galante rosto!

—Deixa de m'o namorar e esfrega-lhe o pulso—disse o padre sorrindo—senão, olha que faço queixa ao Pedro!...

O naufrago abriu os olhos, que eram azues, grandes, e rodeados de longas pestanas. Fitou-os na moça camponeza, depois no padre, e tornou a fechal-os. Passados instantes, reabriu-os, volvendo a olhar para Maria, como se achasse prazer em contemplal-a.

Esta fez-se muito vermelha e largou-lhe a mão, sem comtudo tirar os olhos d'elle.

—Sente-se melhorzinho?—perguntou o padre Manuel.

—Muito melhor. Já estou bom... e bem.—Sentou-se na areia e olhou em roda de si.—Quem me salvou? Pareceu-me ter visto um moço, que me gritava do alto dos rochedos...

—Vem já. Foi buscar-lhe roupa e aguardente para o senhor se aquecer. É o noivo d'esta pequena.

—Ah!

Maria mudou novamente de côr, e abaixou os olhos.

— É meu noivo...—pensou ella, estranhando-se por sentir dentro em si um mundo de hesitações, dúvidas e reticencias.

O padre tornou a perguntar:

— Acha-se então mais animado?

— Um pouco... Onde estava eu? Que terra é aquella que se vê lá em baixo?

— É Avelomar.

— Bonito nome! Avelomar? A quantas leguas fica do Porto?

— Cinco.

— Valha-me isso! Não se salvou mais ninguem?

— Não, senhor... infelizmente! São frequentes por aqui estes desastres, quando faz tempo como o de hoje. E é raro que alguem escape. O senhor teria tido a sorte dos outros, se Deus não permittisse que se achasse ali...

— O noivo d'esta menina?—interrompeu o desconhecido.—É a quem devo a vida.

— Deve-a tambem em parte ao sr. padre Manuel.

— A mim?! Como?!

— Se tivesse negado a licença, que o Pe-

dre lhe pedia, não teriamos vindo a Santo André.

—Ah! sim!... é verdade.

E acrescentou mentalmente:

—Por causa das dúvidas, segui-os de longe. Não ha que fiar em rapazes... nem mesmo em raparigas, quando o diabo se lembra de bulir com ellas!

O moço naufragado ergueu-se cambaleando.

—Sinto-me um pouco frio—disse elle.—Se o sr. padre quizesse ter a bondade de me dar o braço, iriamos andando para a povoação. Tenho pressa de me aquecer e de escrever para o Porto.

O padre Manuel amparou-o, e pózeram-se todos tres a caminho.

—Seria bom mandar alguem vigiar estas praias—disse sorrindo o desconhecido.—Póde ser que as minhas malas se lembrem de apparecer por ahi á minha procura; e quem as achasse fazia-me um grande favor, trazendo-m'as.

—Não o diga brincando—respondeu o velho cura.—Muitas vezes chegam á praia os bahús fechados, tendo-se apenas molhado a roupa. Vou mandar recado ás auctoridades,

para que tratem de guardar a costa, e se arrecadem todos os objectos que apparecerem. Eu mesmo voltarei dentro em pouco.... Tenho que tomar providencias para o enterro dos corpos que vierem á terra. As suas bagagens levavam algum signal por onde possam distinguir-se das dos outros?

—Todos os volumes teem escripto com tinta o nome de Carlos Ferrão, e por baixo, Londres.

—Bem. Se forem achados, não perderá tudo.

—Carlos? É o seu nome?—perguntou timidamente a donzella.

—É. Sou filho de um negociante de Lisboa; e saí do Tejo, ha tres dias, com destino a Inglaterra. A noite passada quizemos refugiar-nos do temporal, entrando no Porto; mas como o mar era muito na barra, e não podémos tomal-a, resolvemos ir a Vigo. Seguiamos soffrivelmente o nosso rumo, quando se notou que o navio tinha agua aberta. Quizemos virar para commettermos novamente a entrada no Porto, porém o vento tinha saltado para oeste, e atirou-nos sobre os cachopos, no momento em que viravamos de bordo. O navio partiu-se em dois, desfazendo-se

logo a parte da prôa, onde estava metade da tripulação; a outra metade ficou a ré, com o capitão, o piloto, outro passageiro e eu. O capitão dizia, que se a pôpa se aguentasse até baixamar, saíriamos todos a pé enxuto. Infelizmente, apenas elle tinha pronunciado estas palavras, uma vaga muito grande esmigalhou os restos da escuna, como se fosse um cesto de vime! Eu fui arrastado, por entre mil destroços, com uma capoeira de gallinhas, a que me tinha agarrado. Vendo a terra perto, e confiando imprudentemente nas minhas forças e agilidade, larguei a boia que o acaso me concedêra e nadei com rapidez para a praia. Só muito perto, e quando já estava cansadissimo, foi que notei a impossibilidade de escalar os rochedos. Ía, pois, ser esmagado contra elles, quando o meu generoso salvador, com perigo da propria vida, se arrojou ao mar para me acudir.

Pedro, que chegava a correr, ouvindo-lhe as ultimas palavras, respondeu com alegre franqueza:

—Eu estava fresco de forças e o senhor muito estafado. Vossemecê, no meu logar, faria o mesmo.

Carlos abraçou-o cordialmente, replicando:

—Quem sabe? Os bons julgam que todos teem como elles nobres sentimentos: convem não confiar demasiado nas pessoas que não conhecemos. Em todo o caso, devo-lhe a vida. O que fez por mim, as palavras que ha pouco disse, e a ingenua franqueza do seu rosto, fazem-me aspirar á sua amisade. Dê-me a sua mão.

Pedro estendeu a mão, sem comprehender bem metade do que dizia o lisboeta. Este apertou-lh'a, proseguindo:

—De hoje em diante considere-me seu irmão. Chamo-me Carlos Ferrão. Sou filho unico, e meu pae é rico. Disponha de mim e de tudo quanto eu tiver. Cada vez que lhe for necessario um amigo verdadeiro, encontral-o-ha n'aquelle que a sua generosidade arrancou á morte.

Pedro ouvia-o maravilhado; o padre Manuel, enternecido; Maria, enthusiasmada.

—O sr. Carlos diz cousas lindas! Eu sou apenas um pobre pescador, que mal sabe ler; e o que fiz não é para esses agradecimentos. Qualquer da minha terra faria outro tanto.

—Pedro tem optimos sentimentos e nobre coração—disse o cura.—É em tudo digno

da sua amisade; e folgo de ver que o sr. Carlos Ferrão sabe apreciał-o.

Maria não se saciava de mirar o joven lisboeta, e de repetir comsigo a cada instante:

—Meu Deus! como é bem fallante e galhardo moço!

—Amigo Pedro—tornou Carlos, depois de ter bebido um golo de aguardente—visto que me pescou, previno-o de que tem de me aturar. Eu sempre fui muito affeiçoado á gente do campo e á do mar; e agora tenho motivos para amal-a até á morte. Permitta-me pois que eu viva em sua casa, durante o tempo que me demorar n'estes sitios.

—Homem—replicou o pescador—isso agora é mais serio!... Não me envergonho de confessar que sou pobre... E alem d'isso vou todos os dias ao mar. Vossemecê teria de viver mais tempo sósinho do que acompanhado.

—Eu por lá irei de vez em quando—observou o padre.

—Sendo assim...—volveu Pedro, constrangidamente—a minha pena é não poder tratal-o conforme desejo...

—Tudo se ha de arranjar. Olhem como

Deus é meu amigo! Deixou-me esta bolsa de prata na algibeira, com dez ou doze libras dentro! Já vê que não é preciso pensar em sacrificios.... por ora. Tenha a bondade de a guardar e de fazer as despezas como entender; póde gastar á vontade, que eu vou mandar vir mais dinheiro do Porto.

Maria pasmava d'aquella grandeza. Pedro pegou machinalmente na bolsa, abriu-a e exclamou:

— Mandar vir mais?! Isto dá para comer um anno!

— Haviamos de andar fartos! Isso gasto eu ás vezes em dois minutos.

— Santo Deus! Então que comeis vós lá por Lisboa?

— Muitas cousas... Com mais vagar lhe contarei. Agora, estou com frio.

— Podia já ter mudado a roupa ahi dentro de qualquer d'esses barcos — notou Maria.

— É verdade — confirmou o padre. — Em vez de estarmos todos embasbacados a ouvil-o fallar, deviamos ter tratado de o pôr enxuto.

— É porque elle falla tão bem!... — balbuciou a moça.

— Isso falla! O que não é motivo para o deixarmos constipar. Entre ahi n'essa lancha.

— Não — respondeu Carlos; — prefiro ir para casa.

— Então vamos depressa. Já não é longe, e o andar aquece.

Pedro, dizendo isto, deu o exemplo, encaminhando-se para Aldeia Nova, onde morava. O padre seguiu-o, offerecendo novamente o braço ao viajante. Maria caminhava pensativa ao lado d'este.

Carlos, que tinha notado a admiração e sympathia que lhe inspirára, dava ao rosto uma expressão de estudada melancolia, com o intuito vaidoso de produzir maior effeito.

A sua entrada na aldeia foi quasi uma ovação. O povo corria de todos os lados para o ver, e as raparigas exclamavam:

— Galante rapaz! Ai, Jesus! Como é bonito! Lindo moço! Olhem como é gentil! etc.

Maria teve, no começo, uma tal ou qual satisfação, com aquelles gabos e louvores, feitos á pessoa que seu noivo salvára da morte. Mas logo em seguida reconheceu que preferia não os ouvir; e acabou por se in-

commodar com elles, a ponto de achar insupportaveis e atrevidas as creaturas que elogiavam o viajante.

Quando chegaram á porta de Pedro, ia tão furiosa contra as suas amigas, que sentia tentações de as esbofetear, por julgarem o rapaz formoso. Se alguem lhe perguntasse o motivo de similhante colera, não saberia ella explical-o, e teria talvez de córar, antes de responder.

— Mysterios do coração da mulher! — diria, na sua philosophia ingenua, o padre Manuel, se o consultassem sobre este caso.

As amigas da joven affirmariam, simplesmente, que eram ciumes.

— Ciumes! — exclama o auctor indignado — ciumes! uma candida aldeã, que estava impaciente por casar com Pedro?!... Mudar assim de repente?!... Seria necessario que o coração feminino fosse... Não antecipemos.

## XV

### A FEBRE

Carlos chegou com febre. Quiz expedir logo uma carta para o Porto, mas Pedro

possuia apenas um tinteiro de chifre, que tinha perdido a memoria da existencia da tinta; e junto do tinteiro jazia uma penna de pato, por aparar, não havendo em casa canivete nem papel.

Procurou-se o necessario pela vizinhança, e não se achou por ali perto quem fosse mais rico ou mais sabio do que o nosso pescador. Resolveu por isso o padre Manuel ir buscar tudo a sua casa, que era muito distante. Entretanto, Pedro pediu a Maria que lhe fizesse a cama com roupa lavada, e saíu tambem, para ir comprar pão mollete, ovos e toucinho para a ceia do seu hospede.

A velha Joaquina Paranho, tia de Pedro, em terceiro ou quarto grau, foi de Finsterra, a rogos do padre, e com grande satisfação do pescador, installar-se em casa d'este, para fazer o serviço, durante o tempo que ali residisse o naufrago. Carlos pareceu contrariado, em vez de agradecer essa attenção. Emquanto a velha accendia o lume na cozinha, approximou-se elle da porta do quarto, onde a moça andava lidando nos arranjos domesticos, e disse-lhe, com voz tão suave que atravessou a alma da donzella:

—O seu noivo tem um coração leal e

generoso... seria indignidade tornar-lh'o desconfiado... e cobardia infame atraiçoal-o. Ame-o sempre. Elle salvou-me a vida, talvez para meu tormento... Quando recobrei os sentidos, os primeiros objectos que vi foram os olhos da menina, fitados nos meus, como duas estrellas funestas. Não sei o que se passa em mim, independentemente da minha vontade; mas reconheço-me ingrato para com o meu salvador! A febre que me abraza, matar-me-ha, talvez... Deus o queira!...

Maria Palmeiro largou no chão o travesseiro, que estava enfronhando, e sentiu-se quasi desfallecer. O lisboeta continuou:

— Se eu morrer, é provavel que a minha passagem por esta aldeia não seja assignalada por nenhuma outra catastrophe... Comtudo, quer morra quer viva, a febre produz delirios, em que se revelam ás vezes segredos, que nunca deveriam saber-se. Peço-lhe, pois, Maria, que nunca desampare a minha cabeceira, e que afaste do pé d'ella toda a gente, nos momentos em que eu delirar. Póde ser que o desvario me dê para proferir palavras, que, se fossem ouvidas pelo seu noivo, ou por quem fosse dizer-lh'as,

o tornariam a elle desgraçado. Se eu fizer confissões perigosas, e se ellas offenderem os seus castos ouvidos, perdoe-as á loucura que produz a febre. E se eu não morrer, faça de conta que não as ouviu, porque eu, de certo, não terei depois a consciencia de as haver dito.

Maria tremia, como as hastes das cannas que o vento açoitava no quintal. As phrases de Carlos Ferrão não eram completamente perceptiveis para ella; mas, com a intelligencia propria das mulheres para os casos do coração, e com a perspicacia especial das camponezas do Minho, adivinhava o que não entendia bem; e os vagos clarões de uma paixão nascente illuminavam-lhe os pontos que para outros seriam obscuros.

Pedro entrou.

—Está prompta a cama, cachopa?

—Quasi—respondeu Carlos, vendo que Maria ficára ainda mais perturbada.—E eu bem preciso d'ella, porque já não me posso aguentar de pé.

Fez-se a cama e o moço deitou-se. D'ahi a pouco chegou o padre com os arranjos para escrever. Carlos quiz dictar, mas as idéas baralharam-se-lhe, e não foi possivel

expediram-se para o Porto e para Lisboa as noticias de que elle tinha escapado ao naufragio da escuna ingleza.

Ao anoitecer cresceu a febre, e o rosto do doente fez-se rubro; os labios gretaram-se-lhe, como se estivessem expostos a um braseiro; a pelle tornou-se aspera e secca. Não havia agua que saciasse o enfermo.

Um medico da Povoa, que Pedro foi pessoalmente chamar, de madrugada, julgou a cura quasi impossivel; tinha-se declarado a febre cerebral, em virtude de resfriamento subito; se o doente melhorasse, ficaria doido.

Estes espantosos diagnostico e prognostico aterraram o padre, Maria e Pedro. A moça fez-se desde logo enfermeira assidua. Assim que o doente se recolhêra á cama, ficára ella installada em casa de Pedro, onde o padre Manuel ia todos os dias duas e tres vezes. A presença da tia Joaquina Paranho e a pureza dos costumes da aldeia, pareceram ao bom velho cura sufficiente garantia, para salvaguardar o credito de Maria Palmeiro em casa de seu noivo.

O pescador foi despendendo com as necessidades do hospede o dinheiro que d'elle recebêra. No fim de oito dias estavam con-

sumidas as dez libras. O padre emprestou as suas economias, que tambem se gastaram. Findos os recursos, Pedro resolveu-se a ir ao mar.

N'esse dia, que era o decimo segundo da doença, sobreveiu inesperadamente uma crise favoravel, e o doente dormiu quatro horas seguidas.

O medico, estupefacto, declarou lealmente, que a natureza se encarregára da cura, e que passados quinze dias poderia Carlos Ferrão levantar-se, entrando em segura convalescença.

Todos se alegraram sinceramente. E Maria dormiu pela primeira vez depois que velava o enfermo.

A febre caíu como por encanto; voltou o appetite, e Carlos Ferrão, pôde, emfim, dictar as suas cartas para o Porto e para Lisboa.

Maria Palmeiro, á medida que elle recobrava as fôrças, entristecia sensivelmente; e Pedro, que não dava por isso, continuava indo todos os dias ao mar, deixando-a no seu posto de irmã de caridade.

Carlos affirmava, que sentia vivissimo reconhecimento para com todos; e, fazendo

esta confissão, não despregava os olhos dos da camponeza. O medo da morte, ou a falta da consciencia do seu estado, impediram que durante a gravidade da febre elle tivesse os delirios que havia prophetisado. Mas, passado o perigo, renasceu-lhe a veleidade de querer captivar a innocente rapariga. A larga experiencia que elle tinha do coração feminino, advirtíra-o desde logo que para este caso não precisava de grandes esforços.

Uma tarde, em que Pedro tinha ido ao mar, e o padre fôra para uma festa distante da aldeia, o medico achou o doente mais agitado e receiou que houvesse recaída.

Maria assustou-se muito, pediu ao doutor que receitasse algum calmante, e, logo que elle saiu, foi sentar-se á cabeceira de Carlos, para lhe espreitar os menores movimentos e mandar logo aviso ao medico, se fosse preciso. A tia Joaquina sentára-se a fiar, cabeceando, á porta da cozinha.

O rapaz aproveitou aquella occasião para o delirio, desde muito prognosticado por elle. Começou, repetindo muitas vezes o nome da sua enfermeira e o do seu generoso hospedeiro; chamou-se ingrato e perverso, protestando porém que era por culpa do seu

coração... lutára inutilmente para dominar-se, e a febre cerebral fôra o resultado d'essa luta, imposta pela probidade, e não consequencia do resfriamento... sentia que o seu proceder era desleal e indigno, e promettia ir matar-se, no caso de não casar com Maria.

Tudo isto foi muito entrecortado com suspiros, ais, reviramentos de olhos, e gestos tragicos. Era, provavelmente, o fructo de estudos feitos na escola de algum actor do tempo.

A simples e ingenua rapariga não cabia em si de contente. Findo o delirio, o artista pareceu muito cansado, e disse que a febre se despedira em fórma de sezão. O facultativo, que voltava n'esse momento, condescendeu, depois de lhe tomar o pulso, em receitar sulphato de quinino, que esqueceu de se ir buscar.

Maria informou timidamente o rapaz de que elle tinha delirado. Carlos perguntou, com bem simulado receio, o que dissera e se alguem mais o ouvira. Ella respondeu, que fôra a unica testemunha, e fez, muito envergonhada, a descripção do delirio. Depois das indispensaveis explanações, descul-

pas e fingidos arrependimentos, confessou o lisboeta, que era indigno da vida, da hospitalidade, e do tratamento que recebêra de Pedro.

A donzella concordou tambem francamente que não parecia bonito similhante procedimento; acrescentando, todavia, em fórma de corollario, que o casamento e a mortalha no céu se talha.

— É verdade que estavamos promettidos — continuou ella; — mas era uma creancice... da minha parte... Casava-me, porque fôra isso tratado entre as nossas familias... Sinto, porém, que não seria feliz com elle; quero-lhe como irmão... e como tal hei de amal-o até á morte. Mas casar... duvido.

Carlos Ferrão declamou theatralmente contra a fatalidade; fallou nos deuses implacaveis; amaldiçoou o destino, porque não o deixára acabar no naufragio; representou, emfim, tão conscienciosamente o seu papel, que arrancou lagrimas á rapariga! Acabaram ambos, protestando que se amariam castamente emquanto se não casassem, e que não atraiçoariam por muitos dias o melhor dos amigos e o mais candido dos noivos.

Convem advertir, para que o leitor não

incorra em erros deploraveis, que os protestos da joven eram sinceros; e que o lisboeta, reconhecendo-os como taes, fizera, em áparte, uma careta horrivel.

## XVI

### O AMOR VERDADEIRO

Não passaram muitos dias sem que Pedro notasse, que entre o hospede e a sua futura havia excessiva familiaridade; mas, com a probidade propria do seu caracter, não teve sequer a mais leve suspeita de que podia ser victima de alguma negra perfidia.

Parecer-lhe-ía inadmissivel e absurda essa suspeita, se a podesse ter. Pois a mulher, que desde o berço lhe estava destinada, a quem dêra o seu amor, ao mesmo tempo que começou a amar sua mãe, que lhe juràra ser sua esposa, e que sabia quanto era adorada, havia de atraiçoal-o?

E o homem que lhe devia a vida, que lhe pedíra que o tratasse como irmão, que elle recolhêra em sua casa, a quem cedêra a pro-

pria cama, dormindo por amor d'elle no duro e frio chão e trabalhando como escravo, para que nada lhe faltasse n'uma terra pobre e sem recursos, esse homem poderia illudil-o e escarnecel-o cobardemente, roubando-lhe o coração da mulher amada?

Impossivel!

O doente levantou-se, pela primeira vez, n'uma bella manhã, em que Pedro tinha ido como de costume para a pesca dos congros. Inesperadamente voltou a casa o joven pescador. Entrou sem que dessem por elle, saiu ao quintal e ficou fulminado. Carlos, sentado a par de Maria, acariciava-lhe o rosto com as mãos. Ella, em vez de o repellir, correspondia, sorrindo, a essas meiguices!

O pescador, que trazia ás costas um bicheiro de ferro, porque resolvêra ír aos polvos em vez de se metter ao mar alto com vento da prôa, julgou-se victima de um deslumbramento. Esfregou os olhos com as costas da mão e encostou-se ao bicheiro para não caír. Depois, tomando uma resolução violenta, avançou para os perfidos hospedes.

Carlos levantou-se. Maria ficou sentada onde estava.

— O senhor enganou-me! — disse Pedro

gravemente, empunhando o terrivel ferro como se fôra um arpão. — Abusou indignamente da minha confiança, e eu devia matal-o, como se faz aos cães dammados... mas não sou da sua laia. Ahi tem esse bicheiro de ferro; defenda a sua vida como podér, porque um de nós ha de ficar aqui por força.

Atirou-lhe com o varejão aos pés e correu a casa, d'onde logo saíu com um pau de marmelleiro, ferrado de ambos os lados.

Carlos permanecêra impassivel.

— Não me defendo — disse elle tranquillamente; — não sei jogar o pau; e ainda que soubesse, não estou em estado de me defender. Reconheço que não andei bem; comtudo, dou-lhe a minha palavra de honra que não sou tão culpado como me julga. Se fiz mal, a culpa foi do destino, e do senhor, que me arrancou ás ondas.

— Porque não sabia que qualidade de homem salvava — atalhou o pescador; — senão, em vez de acudir-lhe, tel-o-ia impedido de juntar mais esta feia acção ás outras que, provavelmente, ha de ter já praticado.

A linguagem severa, que lhe era inspi-

rada, apesar da sua ignorancia, pela elevação do seu caracter, feriu Carlos Ferrão.

—Mate-me, porém não me insulte!—disse elle.—Tem direito para me bater e não para me affrontar!

—Tenho direito de tratar como eu quizer os ladrões da sua especie!

E, dizendo isto, Pedro ergueu o pau e teria esmigalhado o craneo de Carlos, se Maria não se lançasse entre elles, gritando:

—Perdão! A culpa é minha unicamente.

Foi só então que o moço attentou n'ella e se lembrou de que a vira, ao entrar, recebendo afagos e meiguices de um homem que não era elle.

—Perdão?! Pois realmente tu gostas d'este moço?!

—Se não casar com elle, tambem não serei mulher de nenhum outro. Quando entraste, estava-lhe eu pedindo para te dizer isto, antes que o soubesses por pessoa estranha.

Pedro arremessou o pau para longe e disse, voltando-se novamente para Carlos:

—Saia em paz, senhor. Por amor d'esta mulher, que eu amo mais do que a vida, e que nunca deixarei de amar, perdôo-lhe o

mal que me fez, roubando-m'a para sempre.

Os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Voltou-se, para que lh'as não vissem, e saíu para ir a casa do padre Manuel.

D'ahi a meia hora chegou uma carruagem do Porto, com dois sujeitos, um dos quaes era medico afamado da cidade invicta, e o outro negociante e correspondente de Carlos Ferrão.

Folgou o lisboeta, por se poder livrar, mais depressa ainda do que tinha imaginado, da má situação que creára. Um homem da sua qualidade não podia descer até ao ponto de desposar ingenuas de aldeia. Reconhecia, é certo, que por simples vaidade fizera uma acção vil, desvairando a pobre rapariga. A consciencia tratava-o cruelmente por isso; mas de um gracejo ao casamento vae grande distancia. Carlos era o que convencionalmente se chama rapaz da moda. Jogava, bebia, fumava, e fazia tudo o mais que é de uso entre os da sua idade, quando se lhe offerecia occasião para isso. Comtudo, não buscava de proposito esses divertimentos, ou extravagancias; não frequentava logares suspeitos, e dava esmolas a quem lh'as

pedia. Nunca fizera mal só para ter o gosto de ser mau; mas tambem não recuava diante de nenhum prazer que se lhe atravessasse no caminho.

Acceitava a existencia com tudo quanto ella tinha de feio ou de bonito, conforme se lhe apresentasse; e agradecia-lhe os gosos que d'ella recebia, com tanto que lh'os variasse constantemente. Quando praticava alguma patifaria, não tolerava que lh'a lançassem em rosto; e tinha a coragem de se bater, porque, segundo os principios da sociedade a que pertencia, o duello limpa de qualquer infamia a quem sabe manejar uma espada ou uma pistola.

Requestava Maria, pela achar formosa e lhe servir para distrahir-se durante a doença, e tambem por conhecer a fatal impressão que produzíra sobre a candida moça. Seduzil-a-ia, se podesse; mas nunca pensou em demorar-se mais um unico dia por amor d'ella; e ficou muito despeitado com as recriminações de Pedro, que reconhecia justas, posto que exageradas. Pezava-lhe ter de deixar atrás de si um homem com direito de o insultar, sem que elle podesse corrigil-o por esse atrevimento, sobre tudo não

podendo gabar-se senão de um insipido amor platonico, que o cobria de ridiculo.

Aproveitou, pois, a visita do seu correspondente, dizendo á donzella que elle vinha buscal-o por ordem de seu pae, e que já estava no Porto outro navio, esperando-o para leval-o a Inglaterra. Prometteu, porém, que d'ahi a dois ou tres mezes voltaria para casarem.

Bem facil se crê o que muito se deseja.

Maria pediu-lhe, que, quando passasse para o norte, mandasse bordejar o navio em frente da praia de Esteiro, e lhe acenasse com uma bandeira. E que á volta de Inglaterra, se chegasse de noite áquellas alturas, pairasse ali até pela manhã, e lhe fizesse então os mesmos signaes. Ella, por sua parte não deixaria passar embarcação nenhuma sem ir á praia reconhecêl-a.

Tudo o falso namorado lhe prometteu; e, depois de abraçal-a, partiu, chorando umas lagrimas, que ella tomou por si, e que o proprio velhaco não saberia porquê ou por quem as chorava.

Cousas d'esse aborto, que se chama coração humano!

## XVII

### ESPERANÇA E DESAMPARO

Maria Palmeiro foi bater á porta de seus antigos amos, logo que o moço lisboeta saíu para o Porto. Os amos responderam-lhe que já não precisavam dos seus serviços, e que fosse para onde tinha estado até então.

—Pois não sabem que estive a tratar de um doente?

—Sabemos—respondeu o tio Manuel Bento;—sabemos até de mais!... E é por isso mesmo que não convens cá em casa.

—Foi com o consentimento do sr. padre Manuel.

—O sr. padre Manuel é um santo; porém sabe menos do que toda a gente a respeito de... Emfim, não me serves para moça; procura outra casa.

—Ó tio Bento, olhe que eu não fiz nada que me esteja mal. Se gostei do moço de Lisboa, é porque elle o merece. Deus é que sabe o destino que pertence a cada um. Lá esteve sempre comnosco a tia Joaquina Paranho. Póde ir perguntar-lh'o.

—Pois sim, sim. Tambem d'antes gostavas do Pedro; e estavas contratada para casar com elle. Que eu digo isto por dizer; nanja porque me importe com a tua vida. Cada um é senhor das suas acções; e quem boa cama fizer n'ella se deitará.

Com este proverbio fechou o tio Manuel Bento a porta e a conversa.

—Deixem estar—gritou Maria com colera—que ha de vir ainda tempo em que vossês baterão á minha porta, e eu hei de tratal-os do mesmo modo!

—Ha de ser quando casares com o teu fidalgo?—perguntou ironicamente a tia Benta, mettendo a cabeça pelo postigo.

—Ha de ser, sim, porque então serei eu rica; e vossês parecerão pobrissimos, comparados commigo.

—Olha lá?—tornou mais sarcasticamente a velha.—Peço-te que para esse tempo me dês o teu linho a fiar.

Maria afastou-se, jurando que os havia de ensinar; e foi andando e ouvindo até grande distancia as gargalhadas da lavradora, que a ficára escarnecendo.

Tomou para a banda da fonte e foi bater á porta dos Serôdes, familia abastada da al-

deia. Ali responderam-lhe seccamente, que quem estava para casar com fidalgos não devia servir pobres lavradores.

Dirigiu-se ao tio Antonio do Outeirinho, que a despediu com as mesmas ou similhantes rasões.

Via-se claramente que toda a população estava bem informada dos seus novos amores, e que sem rasão os considerava ignominiosos. Pedro, que fôra até áquelle dia o maior interessado na reputação e honra da moça, tinha sido o ultimo a saber o que já para ninguem era novidade.

Assim succede sempre n'estes casos!

A situação tornava-se difficil. Ninguem queria receber a amante de Carlos, e a noite approximava-se. Mas porque a repelliam? A consciencia não a accusava; se tinha dado uma certa liberdade ao peralta, não era isso motivo para que a desprezassem, visto que, como ella firmemente acreditava, o rapaz viria d'ahi a tres mezes dar-lhe a mão de esposo.

Depois de breve hesitação, tomou o caminho que conduz a casa do padre Manuel. O velho cura tinha saído, e a sr.ª Rosa, irmã d'elle, não quiz, como as outras pessoas, recolher Maria Palmeiro.

—Pois quê? Tambem esta porta se me fecha?!—exclamou ella aterrada.

—Minha filha—lhe disse com bondade a sr.ª Rosa—o que tu fizeste foi muito mal feito! Enganares teu noivo, que é um moço brioso e trabalhador, para te namorares do sujeito que elle salvou da morte, é a vergonha das vergonhas! Desde que meu irmão é cura d'esta aldeia, ha talvez quarenta annos, nunca lhe succedeu um caso igual! É a primeira cachopa que se perde assim!...

—Que se perde, sr.ª Rosa?!

—É voz do povo; e voz do povo, voz de Deus.

—Calumniam-me!... E o moço vem d'aqui a tres mezes para casarmos.

—Vem?! Deus o queira! Que eu duvido...

—É porque nunca o viu; aquillo é um rapaz como se quer, e só falla a verdade pura!

—Oxalá que seja assim! Por ahi ninguem acredita que elle cá torne. E olha: ainda ha poucas horas que o viram partir, e já dizem isso!

—É por inveja.

—Inveja?!

—Porque não? Sabem que é muito rico; todas as cachopas o achavam bonito; e não póde ser senão por me quererem mal que dizem isso.

—Agora! Ai, filha! Meu irmão não te quer mal; porém disse o mesmo, quando Pedro Martins lhe contou...

—O Pedro esteve cá?

—Saíram ambos.

—Então já o sr. padre sabe?...

—Caiu das nuvens, quando tal ouviu. E chorou de pena!... Por tua causa, cachopa; vaes ficar por ahi desgraçada, sem ninguem fazer caso de ti!

—Oh! mas quando eu casar com Carlos, hei de vir de carruagem, e vestida de seda, a esta terra, e hei de mandar atirar lama pelos meus creados e pelos meus cavallos á cara d'essa gente, que hoje me maltrata.

—Pobre moça! Na lama caiste tu, coitadinha!

—Para esse tempo—continuou a Palmeiro com exaltação—hão de pedir-me dinheiro emprestado, para poderem fazer as suas sementeiras; hão de offerecer-se para meus creados e para minhas creadas, e eu

hei de mandar-lhes tambem dar com as portas do meu palacio na cara—que eu hei de fazer aqui um palacio;—e hei de dizer-lhes que não quero ser servida por elles, e que não empresto o meu dinheiro a gente vil e invejosa!

—Credo!—bradou a sr.ª Rosa, benzendo-se.—O tal homem metteu o diabo no corpo á rapariga!

Tornou a benzer-se, e, fechando a porta muito depressa, deixou Maria Palmeiro do lado de fóra.

A amante de Carlos voltou silenciosamente a esquina da rua, e caminhou por uma travessa, que vae ter á praia, por sitios onde não ha casas.

Era noite já quando entrou no areial. O céu estava limpido, estrellado e sereno; o mar quasi dormente. Apenas se ouvia o murmurio tranquillo da agua, que subia mansamente pela praia acima, com a maré de enchente.

Apesar de ter começado o inverno não fazia frio; os rochedos, ligeiramente humedecidos pelo relento, destacavam das sombras as cabeças, que reluziam com a luz dos astros. Não havia luar; mas a noite era

tão clara, que o espelho do mar reflectia o firmamento, e viam-se de longe como que bailar as estrellas na superficie das aguas.

Os moinhos, que povoam o areial, estavam todos immoveis, sem vélas, com os braços nús e estendidos para o norte, como a supplicar aos ventos, que viessem insufflar-lhes a vida.

Entre o mar e os moinhos, e fóra do alcance das maiores marés, via-se uma longa fileira de barcos, todos com as prôas voltadas para o oceano, em attitude de partir, similhantes ao regimento que só espera a voz de commando para cair sobre o inimigo.

Alem, as numerosas jangadas de cortiça, que ali chamam corticeiros, destinadas á pesca ou apanha do sargaço e betilhão, de pé, encostadas cada uma á sua vara, lembravam sentinellas apoiadas nas armas.

Mais adiante, montes de sargaço, um já secco e prompto para ir fecundar os campos, outro ainda em fermentação, e a maior parte estendido pelo vasto areial, para que o sol o despojasse das propriedades venenosas, que tornariam a terra esteril em vez de a fazer productiva.

Ao longe brilhavam os fogos da povoação, onde cada familia tinha o seu lar, a sua ceia, e cada pessoa a sua cama para dormir descansada.

Maria contemplou por muito tempo o espectaculo da natureza e os testemunhos da actividade humana, que de todos os lados a cercavam. A sua alma e o seu pensamento voavam incessantemente do real para o phantastico, do possivel para o impossivel. Pensou que era bom trabalhar para viver, mas que era preferivel ter com que viver sem trabalhar. Disse comsigo, que o destino da mulher era casar, e que a sua obrigação devia ser melhorar esse destino, casando bem; que um homem educado era superior a um bruto; um homem bonito a outro que o não fosse; e um rico a um pobre; que era melhor saber do que ser ignorante, e muito melhor ter dinheiro, para dar, do que pedil-o aos outros.

De raciocinio em raciocinio, foi subindo em aspirações, cada vez mais ambiciosas, e, no fim das suas meditações, concluiu por notar que não tinha onde dormir aquella noite, e que não comia desde muitas horas.

Lembrou-se então de toda a sua vida, tão

curta, e tão cheia já de acontecimentos e catastrophes; veiu-lhe á memoria o seu primeiro amor e a sua deslealdade, que lhe parecia justificadissima, porque gostava mais de Carlos do que de Pedro... Apesar de tudo, via que no fundo da sua consciencia havia uma sombra que a incommodava. Desejou n'esse instante que Deus a convertesse em rochedo, em concha ou em estrella... ou que lhe trouxesse immediatamente o seu novo adorador.

Sentou-se sobre o bailéu de um barco, e, toda entregue a estes sonhos, foi pouco a pouco adormecendo.

Quando acordou já o sol tinha nascido, e ella viu com assombro que se achava debaixo de um toldo, que não estava ali no momento em que adormecêra.

Quem se lembraria de a livrar assim da humidade da noite? Quem teria esse affectuoso cuidado, n'uma terra em que na vespera se lhe fecharam todas as portas, a que fôra pedir abrigo? Só podia ser o seu bem amado, que voltára durante a noite, como ella desejára. Mas onde estava? Porque não apparecia para receber o premio de seus ternos desvelos?

— Carlos! — chamou a joven com voz commovida, e erguendo-se.

Porém, em vez do amante por quem suspirava, só viu ao pé de si uma chave, que logo reconheceu, e um papel com as seguintes palavras, que, deve confessar-se, não davam ao auctor, calligraphicamente fallando, o direito de ser preferido ao lisboeta:

«O homem que te enganou não torna a vir; posso jurar-t'o. Quem é capaz da traição que elle me fez, não póde ser leal a uma pobre moça, que lhe serviu apenas para passar menos aborrecidamente o tempo da convalescença. Sei que me não acreditas; porém o tempo te dará o desengano. Emquanto esse não chega, é preciso que tenhas onde dormir, sem ser nas praias, e onde comer, sem ser de esmolas. Aqui fica a chave da minha casa. Estão lá vinte moedas, que o *outro* deixou, para pagar as despezas a que me obrigára. Tudo está pago.

«Gasta o dinheiro comtigo, porque vem d'elle. Se não fosses tu, e a lembrança de que terias maiores necessidades, iria, ainda que fosse até ao Porto, para lhe entregar o oiro com que julgou comprar a minha desgraça e a tua vergonha.

«Eu por ahi ando; se alguma vez te desenganares, chama-me, porque casarei comtigo, e ninguem se atreverá mais a boquejar, sem que eu lhe quebre as costellas. Se precisares de alguma cousa, ou de mim, manda, a toda a hora do dia ou da noite, a casa da minha tia Joaquina Paranho, com quem vou morar em Finsterra.=*Pedro Martins Paranho*.»

Maria decifrou, com incrivel trabalho, esta carta; assim como Pedro não era forte a escrever, a moça não o era a ler. Porém, á medida que ía percebendo o sentido de tão nobres palavras, o seu coração, que não estava pervertido, abriu-se ás lagrimas da gratidão, como a terra arida e queimada pelos ardores do estio se abre ás chuvas refrigerantes do outomno.

—Se o outro me não tivesse apparecido—pensou enternecida—casaria comtigo. És o melhor coração que ha n'esta aldeia!... Carlos ha de voltar; eu sei que elle foi sincéro commigo. Os que dizem o contrario é que se enganam. Pedro não será meu marido; porém juro e prometto a Deus de o amar e respeitar como irmão verdadeiro. Só d'elle ouvirei conselhos... Se... se o

virei logo na terra, e assentei que estava um bello dia pára ir aos polvos.

—Ah! E que tal? Correu bem? Eu o outro dia sempre vi um nas pedras de Chalo... de Chalo ou de Carreiro, tambem já não me lembro bem... Era tamanho que não cabia n'um poço! Forte bicho! Foi na Aradinha; agora é que me recordo que foi na Aradinha.

Pedro tornou a coçar na cabeça.

—Sim; elles por ahi são bastos... ás vezes... E prouvera a Deus que só polvos eu tivesse pescado n'aquella maldita praia!

—Então porquê, homem? Vens mordido da tarantula? O que foi que pescaste mais na Aradinha?

—Pesquei lá o ladrão que me roubou a minha felicidade.

—Hum!... Ciumes? É má doença.

—Não os tenho, sr. padre; já os não posso ter. A cachopa está virada; quer casar com o outro; e só Deus sabe até que ponto terão chegado as cousas entre elles!

O velho levantou-se indignado.

—Não m'a calumnies, Pedro! Olha que te não perdôo!

—Calumnial-a, eu!... Eu fui o ultimo

que soube a minha desgraça! Disse-me a Palmeiro, que se não casasse com o tal que eu pesquei, não casaria com mais ninguem!

—Disse?!

E o padre, não achando phrase que exprimisse sufficientemente o seu espanto, abriu o breviario, leu um trecho de latim em voz alta, e perguntou a Pedro:

—Entendes isto?

—Eu não, senhor!—respondeu o rapaz com pasmo.

—Pois é o mesmo que me acontece com a tua historia.

Fechou o livro, deu algumas voltas á roda da casa, gritou á irmã que lhe trouxesse uma infusa cheia de agua, e bebeu dois tragos, acenando a Pedro que o seguisse.

—Isto só pelo diabo!—ia elle resmungando.—Depois de quarenta annos que sou cura, acontecer-me uma d'estas! Estou aceiado! E então uma orphã, que eu tinha maior obrigação de vigiar e guardar! Mas quem havia de dizer tal?! Façam lá beneficios a esta canalha das cidades!... Vejam como está o mundo arranjadinho! Pobre Pedro! E eu que o julgava a elle capaz de... E antes fosse elle!... Antes, com mil diabos, por-

que ao menos casava com ella! E o outro?... O outro muda-se e não torna cá mais. Ora essa! Esperem por elle! Infame seductor! Pois ha de ouvir-me, que eu sou capaz de o casar já, agora mesmo, e á força, quer elle queira, quer não! Vou lá, e ainda que seja contra os canones, contra o direito e contra o torto... importa-me cá o rei nem o papa ou os concilios, quando me fazem uma d'estas! Na minha aldeia!... depois de quarenta annos! Anda d'ahi, rapaz; anda; corre, que vae tudo hoje com o diabo!

E galgava a passos agigantados o caminho que medeia da sua casa até á de Pedro.

O moço seguia-o com custo, espantado de tanta agilidade, e perguntando a si mesmo o que teria o padre feito aos seus setenta annos, que os levava tão leves como se fossem vinte.

Quando chegaram ao alto do caminho que vae da Salvada para a Cavalleira, viram ao longe uma carruagem, correndo ao trote de dois cavallos pela estrada da Povoa.

—Lá vae elle a fugir!—gritou o padre cura.—Aposto que tinha tudo preparado para se mudar, logo que fosse descoberta a sua tratantice?! Ah! cachorro, que m'a pregaste na menina do olho!

—Eu era capaz de os apanhar, ainda que os cavallos voassem!—affirmou Pedro.—Mas para quê, se não posso dar-lhe o castigo que merece?! Prometti deixal-o ir em paz.

—Tolo! Agora havemos de pegar-lhe com trapos quentes!.... Ora espera: e que papel fez em tudo isto a tia Joaquina?! Eu tinha-a posto lá de proposito...

—A tia Paranho está velha... só vê ou sabe o que lhe dizem. Foi esta manhã para a Povoa e ainda não voltou.

—Estupida! Desculpa, que é tua parenta. Ha de ouvir-me!

—Coitada! Não tem culpa nenhuma.

Apressaram outra vez o passo, e chegaram á Aldeia Nova, um quarto de hora depois da saída de Maria Palmeiro.

Encontrando em cima da cama um embrulho com dinheiro, Pedro teve desejos de correr atrás do fugitivo, para o punir d'essa nova insolencia; lembrou-se porém de Maria e ficou com o oiro. Resolveu-se tambem a ceder-lhe a sua casa, porque previu logo, pelo conhecimento que tinha dos costumes austeros dos seus patricios, que ninguem tornaria mais a abrir a porta á rapariga infamada. Entregou a chave a uma vizinha, com

ordem de a dar a Maria, ou á tia Joaquina Paranho, quando voltasse da villa, e foi novamente para a residencia do padre.

A amante de Carlos já ali tinha estado; e pela sr.ª Rosa soube o rapaz tudo quanto lhe acontecêra com os lavradores, a quem ella fôra offerecer-se. Escreveu então, com plena approvação do velho cura, a carta que atrás deixámos trasladada, e saíu em procura da joven.

Depois de correr inutilmente toda a povoação, passou casualmente junto ao seu barco e viu-a ali, adormecida, sobre o bailéu da prôa. Foi buscar uma véla, e, com as maiores precauções, para não a despertar, lhe fez um toldo; e, pondo-lhe ao lado a carta e a chave, retirou-se para casa da sua velha parenta, já instruida de tudo que occorrêra.

Maria pegou na chave, e foi com a maior confiança installar-se na habitação do seu ex-noivo. Esperava ella que a paixão de Pedro se extinguisse com a facilidade com que supprimíra a sua; e que dentro em pouco viveriam juntos como bons irmãos.

Decorreram, porém, quasi duas semanas sem que o mancebo tornasse. Ella ía todos

os dias para a praia, esperar o navio que deveria levar Carlos Ferrão; mas tambem este não dera signal de si.

N'uma d'estas excursões encontrou-se frente a frente com o pescador, que não pôde evital-a.

—Pedro?!

—Sou eu; é verdade. Como tu estás magra, cachopa! Falta-te alguma cousa?

—Falta-me a tua amisade... e a tua companhia.

—Que dizes?! Pois só isso te falta?

—Não; falta-me tambem... aquelle que... que tu sabes.

—Tu ainda acreditas?! Ainda esperas?!... Deus tenha dó de ti, moça! Vaes entisicando com essa canseira!

—Elle ha de vir; diz-m'o o coração, que nunca mente.

—Engana-te agora.

—Paciencia; não fallemos mais d'isso. Tu foges de mim?! Ha quasi quinze dias que te não vejo!

—Para que me verias? Disse-te que quando precisasses de mim, me chamasses; não me chamas, não vou. Adeus.

—Queres-me mal?

—Eu! Devia ser assim; mas não posso. Quero-te bem como d'antes, apesar de tudo.

—Serio, serio?

—Nunca brinquei com estas cousas, cachopa!

—Pois anda para tua casa; serei tua irmã, tratarei de ti, da tua roupa, de tudo que é teu. Não posso ser tua mulher, porém amar-te-hei como verdadeira amiga. Tu não sabes quanto vivo triste e aborrecida! Todos por ahi me vêem com maus olhos; ninguem me dirige a palavra; nem sequer me fallam as moças, que antigamente eram minhas amigas! No domingo fui á missa, e, quando sai, toda a gente me virou as costas! Quando se acabar o dinheiro que lá me deixaste, não haverá quem me dê uma esmola!

—Cá estou eu, que trabalharei para ti... se quizeres.

—Até as vizinhas me negam o lume, se ás vezes vou pedir-lh'o! Fingem receios de me tocar nas mãos, como se eu fosse leprosa ou empestada! Eu bem sei que tudo isto não póde ser senão por inveja; mas custa-me. É por saberem que hei de casar com um moço tão rico...

—Triste engano é esse em que vives,

Maria Palmeiro! Olha que já passaram quinze dias; e hão de passar quinze mezes, até quinze annos, sem que tornes mais a vel-o. Faze como entenderes. Visto que te posso ser util, irei viver na tua companhia; e farei com que te respeitem... ou me desprezem tambem.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas em voz baixa, e Maria não as percebeu, talvez pela alegria repentina que lhe causou a resolução do mancebo. Tomando-lhe em seguida um bello ruivo, que elle levava na mão, gritou com infantil contentamento:

—Vou cozel-o! Depois irei buscar uma cabaça de vinho ao tio Joaquim Silva, e ceiaremos juntos! Olha que será esta a primeira noite que os meus olhos não deitem lagrimas, depois que nos separámos.

—Tambem eu não chorarei—disse Pedro, escondendo uma lagrima que lhe caíra nas costas da mão. E, vendo a moça partir a correr, acrescentou:—Será possivel que ella não saiba o mal que me fez? É, de certo, pois que nem dá pelo damno que a si propria causou! Tanta innocencia, tanta bondade... e perdida!...

—Ainda a amas?—perguntou o padre

Manuel, vindo por detrás d'elle bater-lhe amigavelmente no hombro.

—Sempre! Cada vez mais!

—Isso é fraqueza.

—É amor, sr. padre Manuel. Sigo a estrella da minha vida; não a perderei de vista, nem a deixarei, até que ella se apague.

—Diacho! Está-me parecendo que te desnorteias, com essas divagações de poesia! O caso é que fallas como quem não me fez suar o topete para te ensinar a ler! Lá talento tens tu! Mas, se tivesses mais um poucochinho de juizo... seguias o meu conselho.

—Qual conselho?

—O de te casares com a Rosa Fernandes.

—Nunca.

—Patetice! Ella gosta de ti; e o pae diz que lhe dava um dote bem bom, porque tu és rapaz trabalhador e arranjado. Comtanto que nunca mais fallasses á Palmeiro...

—Vou morar com ella.

—O quê?!

—Vou para minha casa, onde ella continuará a viver, até que... que o outro venha, ou que a desgraçada se desengane.

—Perdeste a cabeça?! E eu consinto similhante escandalo?

—Estou resolvido.

—Mesmo contra minha vontade?

—É a vontade de Maria.

—E obedeces-lhe, tendo-te ella desprezado?! Estando perdida por outro!...

—Tem precisão de mim; desprezam-n'a, e eu vou fazel-a respeitada, declarando que approvo o seu casamento com Carlos Ferrão, e tomando-a, como se fôra minha irmã, debaixo da minha protecção, até que venha o seu noivo buscal-a.

—Dá cá um abraço, rapaz. Não me ha de esquecer a lição que me deste! Tu agora é que fizeste de padre Manuel; eu tenho estado a fazer de pedaço d'asno! Sou padre, e era mais implacavel do que tu, amante trahido e desgraçado! Eu nunca mais a quiz ver, nem ouvir fallar d'ella, quando a minha obrigação era protegel-a e chamal-a ao arrependimento da sua falta, se isso fosse possivel! Estou um forte padre, não tem dúvida! Isto são os setenta, que me vão virando o miolo! Dá cá outro abraço, meu filho. E segue sempre os impulsos do teu coração; vejo que elle é melhor do que o

meu; de hoje em diante principio a estudar com os teus exemplos.

— Ora, sr. padre... que está ahi a dizer!?

— Anda lá para diante; vamos vel-a. Eu agora é que sei quanto tu vales. Digo-te que has de vir a ser um grande homem... um homem ás direitas! Queres tu ser padre? Apromptо-te em pouco tempo; e acredita que morria descansado, se te visse no meu logar.

Pedro sorriu-se tristemente.

— Oh! se isso fosse possivel!... se eu podesse aprender latim!... mas não é. Eu seria sempre mau padre; pensaria mais n'ella do que em Deus. O meu destino, sr. padre Manuel, a minha vida ou a minha morte dependem d'ella. Sei-o desde que me entendo; e seria grande loucura querer mudar a sorte.

O padre tambem por sua vez se sorriu tristemente, e seguiu sem responder. Que poderia elle dizer-lhe? O apostolo de Deus, a alma celeste e candida, que viera á terra por missão divina, saberia acaso o que era a paixão de homens como Pedro? Como comprehenderia tão exclusivo amor quem amava a todos igualmente?

## XIX

### DESLUMBRAMENTO

O inverno tinha passado com todas as suas tristezas e melancolias: os prados revestiam-se outra vez de flores; os bosques toucavam-se de verduras; os passarinhos cantavam nas balsas, festejando a vinda da primavera; os rebanhos saltavam alegres sobre os novos pastos; e os pescadores percorriam os mares, já desassombrados das tempestades, que, todavia, vinham ainda de vez em quando dizer o ultimo adeus á estação que findára.

Pedro, a tia Joaquina e Maria viviam juntos, havia quatro ou cinco mezes. A moça definhava-se progressivamente, consumida pela esperança. Em torno dos olhos formaram-se-lhe dois circulos azulados; cavaram-se-lhe as faces; desbotou-se-lhe a côr mimosa e fugiu-lhe o avelludado do rosto, que n'outro tempo lhe merecêra o ser comparada a uma rosa. Perdeu a vivacidade e esplendor da juventude, que seis mezes antes a tornavam a primeira entre as mais bellas da sua ter-

rà. Deixou de ter appetite e de dormir bem. Os seus dias eram de lagrimas e as suas noites de insomnias.

E todos estes terriveis symptomas não provinham da dúvida! Ella cria firmemente, como no momento da partida de Carlos Ferrão, que este voltaria para desposal-a. A demora é que a matava. As paixões ardentes carecem de alimento; não o tendo, devoram quem as sente. Era o que acontecia á pobre moça.

Todos os dias, ao romper da manhã, ia sentar-se no alto do areial de Esteiro, com os olhos fitos no immenso espaço de mar, que d'ahi se avista, esperando o navio fatidico, em que devia vir o seu promettido.

Demorava-se até á noite n'aquelle sitio; e muitas vezes era Pedro quem, voltando da pesca, a trazia para casa, quasi á força. A gente da terra, que ao principio a escarnecia, acabou por julgar que a infeliz havia enlouquecido, e deixou de prestar-lhe attenção.

Pedro amava-a sempre; e não era raro seguil-a de longe, com o olhar humido e o coração oppresso.

O padre Manuel sentava-se horas inteiras

ao pé d'ella, tentando convencel-a de que fôra illudida e de que eram vãs as suas esperanças. Maria respondia-lhe, profundamente convicta:

— Ha de vir!

E nada mais dizia.

Pedro, nos dias em que não podia ir ao mar, por causa do mau tempo, acompanhava-a em sua pertinaz vigia, espreitando, como ella, o horisonte, e sentindo uma satisfação cruel por ver que todos os navios passavam, indifferentes, ao largo. Mas o rapaz era bom e generoso... e idolatrava cegamente a moça. Por isso acabou por compadecer-se d'ella, e quasi desejava que se realisasse a volta de Carlos.

— Ser amado assim e não tornar! — dizia elle comsigo. — Um mundo que houvesse entre nós, não me impediria a mim! Que Deus lhe faça a vontade... Embora eu tenha de estalar, vendo-a afastar-se do meu lado para sempre. Antes isso, do que tel-a aqui, a penar sem remedio!

Uma tarde regressaram os barcos mais cedo da pescaria. O mar estava levantado no largo, e o vento saltára ao sul, soprando com violencia.

Pedro ia subindo o areial, com os apparelhos ás costas, quando avistou Maria no cimo do mais alto cachôpo da praia da Forcada. Entregou tudo a um companheiro, e dirigiu-se para a moça, que fitava persistentemente os olhos no oceano.

— Vens d'ahi, Maria?

A joven não respondeu.

Pedro approximou-se mais, persuadido de que ella não o ouvira.

— Ó cachopa!

— Ah!... És tu?! Anda cá.

O pescador galgou de um pulo a distancia; e, seguindo com a vista a direcção do olhar de Maria, viu um grande navio, correndo no bordo de terra, em rebeca e papafigos.

— É elle! — disse a amante de Carlos.

— Pobre moça!

— Posso jurar-t'o; agora é o coração quem m'o diz.

— Ai, cachopa! Se o coração te fallasse verdade, já elle cá tinha chegado ha muito tempo.

— Verás.

O navio approximava-se rapidamente da costa.

— Olha! Não vês uma bandeira na ponta da carangueja? Dize que me illudo ainda! Provavelmente, passou de noite, quando foi para Inglaterra.

Dizendo isto partiu a correr, saltando de rocha em rocha, como fazem as camurças dos Alpes, até chegar á praia. D'ahi seguiu pela areia, direita ao sitio que parecia o ponto de mira da prôa do navio. O mar fazia grande ressaca n'aquelle logar; e, de cada vez que se quebravam as ondas, vinha lamber os pés da moça.

A maré enchia e o vento soprava do sul, com grande violencia.

Pedro deixou-se ficar onde estava, começando tambem a crer que o navio trazia Carlos Ferrão. A não ser assim, só se quizesse encalhar é que faria similhante rumo. É verdade que tambem podia andar bordejando, por se lhe ter posto contrario o vento; mas, n'esse caso, não tinha necessidade de tomar o bordo tanto á terra.

A gente das companhas dos bateis, que por ali andava, foi-se chegando pouco a pouco para a borda do mar; e os rapazes entraram a dizer uns para os outros:

— Querem vossês ver que é o tal sujei-

to da Palmeiro, e que a cachopa ainda casa rica?

—Quem sabe lá! O Pedro Paranho é um grande pateta! Pois não esperava casar com ella, se o outro não voltasse?!

—Sim?! Então parece-me que lhe póde dizer adeus! Que dianho viria cá fazer a embarcação tão perto, se não fosse para lhe fazer o signal que dizem que lhe promettêra?

Maria, ouvindo-os, estava triumphante. O navio trazia necessariamente piloto conhecedor d'aquelles mares, porque singrava por entre os rochedos como batel costeiro. Era um brigue portuguez, todo pintado de novo, com a cinta branca, e o panno sem um unico remendo.

Ao vel-o já tão perto, a amante de Carlos lançou um olhar orgulhoso sobre todos os individuos que estavam na praia, alguns dos quaes haviam mofado d'ella; e, volvendo outra vez a vista para o navio, foi entrando pelo mar dentro, como para ir ao seu encontro, sem ter bem a consciencia do que fazia. Repentinamente, o brigue, que só viera tanto á terra para ganhar mais o sul, virou de bordo, sem fazer nenhum signal e fez prôa de sudoeste.

Maria teve o mais cruel dos desapontamentos! Foi como se lhe varassem o coração com uma punhalada. Voltou-se para saír da agua, e viu o riso do escarneo nos labios de todos os que ella fulminára, momentos antes, com o seu ar victorioso. Ao mesmo tempo uma vaga enorme cobriu-a toda, envolveu-a na resaca, e levou-a para o largo, sem lhe dar tempo de soltar um ai!

O riso gelou-se em todas as bôcas; e muitos homens valorosos se precipitaram ao mesmo tempo para acudir á desgraçada. Infelizmente, as roupas, que tinham fluctuado por um momento á flor d'agua, desappareceram logo.

Pedro atirára comsigo ao mar, do cimo do rochedo distante, onde se achava. Nadando como um peixe, venceu rapidamente a distancia que o separava do logar do sinistro. Ali, ficou pairando, á espera de que a moça reapparecesse, para empolgal-a com a mão de ferro do marinheiro, e com o coração do amante.

As ondas cresciam com o vento e com a enchente; Pedro nadava sempre no mesmo sitio, sem descobrir cousa alguma.

—O rapaz afoga-se!—gritou um dos seus rudes companheiros.

—Nada para terra! A Palmeiro já não boia senão depois de morta—lhe bradou outro.

O amante incomparavel mergulhou, indo procural-a ao fundo do abysmo. Após instantes, voltou acima sem a ter encontrado.

—Bota um barco ao mar! Um barco! Depressa! Vamos agarral-o á força! É capaz de se deixar morrer por ella!

O batel de soccorro voou pelo areial abaixo, e seis homens robustos saltavam já para dentro, quando Pedro lhes bradou:

—Não se cansem: vivo ou morto, pertenço-lhe. Não quiz ser minha n'este mundo, vou pedil-a a Deus no outro.

Acenou, dizendo adeus aos amigos assombrados; olhou para o céu, poz as mãos, e mergulhou na eternidade.

## XX

## AS ROSEIRAS DO AMOR

Uma hora depois o mar depositou na praia dois corpos abraçados. Eram Pedro e

Maria. O padre Manuel, que nunca tivera dor igual á que lhe causou esta catastrophe, enterrou-os á beira da capella de Santo André, junto ás roseiras destinadas, havia um anno, para marcarem com rosas o começo da felicidade de ambos.

O velho cura deitou luto pelos desditosos noivos; e tomou o piedoso encargo de regar, emquanto viveu, os dois fatidicos arbustos.

Um d'estes, logo após o doloroso successo, começou a enroscar-se no companheiro, e cobriu-se de flores aos primeiros halitos da primavera. O outro ía crescendo sempre direito; mas logo que chegou á altura d'onde avistava o mar, inclinou-se para elle, e, em vez de rosas, por todos os ramos lhe nasciam olhos que borbulhavam lagrimas!

Este mysterio, das plantas recordarem tão claramente os sentimentos de quem as plantou, deu-lhes tanta celebridade, bem como á historia de Pedro e de Maria, que dura ainda hoje! E os amantes fieis, quando teem de separar-se temporariamente, vão primeiro em romaria a Santo André: e depois de se encommendarem ao santo, ajoelham ao

pé das roseiras, e ali renovam os seus votos de constancia e lealdade.

— Jura-me que serás sempre como elle!

— Jura-me que nunca serás como ella!

E, crentes de que as almas d'aquelles a quem alludem revivem nos arbustos, estendem sobre estes as mãos unidas, e juram com terna piedade:

— Pelas roseiras do amor!

# III

# ANGELO CARDONI

---

A JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

# I

A rua Nova da Palma terminava antigamente na rua de S. Vicente á Guia, formando ahi um pequeno largo. Ao fundo havia uma ermidinha, entre uma fabrica de sebo, pertencente a uma colonia de gallegos, e uma lojinha de chapéus.

Junto á ermida, consagrada a Nossa Senhora da Guia, via-se todos os dias de manhã o sacristão, a quem chamavam o sr. José Maria, homem baixo, de fallas brandas, oculos esverdeados, suissa grave, pitada entre os dedos, e nariz carregado como um morteiro. Era excellente pessoa.

Ao pé da fabrica mostravam-se a miude os compatriotas de S. Thiago, gracejando n'aquelle estylo ameno do sacco pela cara, puxado ás mãos ambas.

Á porta da chapeleria nunca faltavam chapéus a seccar, mettidos nas fôrmas, e um gato tigrino, que se comprazia muito com ver os vizinhos de Tuy engalfinhados uns nos outros.

Defronte da lojita, fazendo esquina para o largo e com portas para a rua de S. Vicente e para a rua dos Canos, havia um armazem de vinhos n'uma officina de carros.

A fabrica de carros n'uma venda de vinho daria que pensar aos philosophos, se os d'aquelle tempo não fossem todos... bons philosophos.

Chamava-se á taberna a casa do Carreira, por corrupção de carreiro. Faziam-se lá optimos petiscos: ameijoas, cadellinhas, chócos, lulas e eirós de caldeirada. E havia sempre, no tempo proprio, excellentes pêcegos para os amadores de conserva repentina.

Duas lindas raparigas, cujas bochechas pareciam feitas dos fructos que ellas vendiam, eram as caixeiras. O vinho vendido pélas suas mãos tinha fama de ser delicioso! Se era o patrão quem servia, o freguez pedia só meio quartilho; se eram as caixeiras, bebia meia canada; e não era raro deixar-se ir atrás do gosto até adormecer entre as ma-

deiras de azinho, sôbro e carvalho, que pejavam o vasto armazem.

N'uma das esquinas da rua Nova da Palma morava uma capellista, que tinha uns olhos negros magnificos, e uns charutos detestaveis; mais negros ainda!

Do lado opposto ostentava-se outro armazem de vinhos e petiscos; mas não tinha duas caixeiras, como havia no do Carreira, e essa circumstancia tornava-o menos celebrado do que talvez merecesse.

O acaso fez com que em 1847 eu fosse residir por cima da loja de chapéus, n'um casebre a que davam o pomposo titulo de primeiro andar, favor devido á posse injustificavel de uma janella de sacada com grades de madeira!

N'aquelle tempo os ares andavam carregados de *bernardas* e de *bernardices*; e foi acossado por essas senhoras que me acolhi á loja do meu pobre amigo Miguel Butler, que Deus haja em gloria, o qual teve a simplicidade de acreditar que eu poderia ganhar o que comia, ajudando-o a fazer os seus chapéus! Depressa se desenganou, coitado!

Ao cabo de alguns mezes, quando eu basofiava já de não ter achado difficuldades

para aprender o officio de sombreireiro, fui intimado por elle para que fizesse quantos versos maus ou quanta prosa me parecesse, mas que não tornasse a pôr a mão em cousas da sua chapeleria!

Excellente Butler! Antes queria que eu lhe estragasse o papel do que a pelucia de seda!

Como eu começava então a imprimir os meus primeiros versos, o publico chamava-me o *poeta operario;* e eu desvanecia-me tanto com a alcunha, que assim me assignava! Porém os freguezes protestaram tão energicamente contra o meu genio sombreiral, que não houve remedio senão attender-lhes o capricho e perder eu tão honorifico titulo!

O anno em que se provou a minha incapacidade *artistica,* para os chapéus, foi, por muitos motivos, memoravel. Abstendo-me por agora de referir o que me é pessoal, e como consegui pela primeira vez vender as aparas que me saíam do cepilho poetico, direi só que os dois acontecimentos mais notaveis d'esse tempo foram pôr-se o vinho a quatro vintens a canada, e apparecer no bairro em que eu habitava o homem que serve de titulo a estas memorias.

Um veiu trazido pelo outro.

Foi no largo do Jogo da Pélla, ou de S. Vicente á Guia, em frente da rua das Atafonas, que se abriu a primeira casa para vender vinho a oitenta réis. Este bom povo de Lisboa, que não detesta o sumo da uva, no que mostra não ser inteiramente destituido de bom senso, deve lembrar-se ainda das gratas sensações que experimentou, ao espalhar-se pela cidade a surprehendente noticia.

Acreditou-se que uma brilhante aurora boreal, que se tinha visto dias antes, annunciava o estupendo acontecimento. Verdade ou não, a sua côr tinha uns longes avinhados, que pareciam auctorisar o prognostico. O diabo a quatro era dito vulgar então; mas o vinho a quatro foi phrase que enterneceu os bebedores e os levou em massa para aquelle bairro, já de si populoso!

Começou uma especie de romaria para a nova capella de Baccho. A multidão affluia ás ondas, vinda da rua Nova da Palma, das escadinhas do Jogo da Pélla, das ruas do Soccorro e Atafonas, e da de S. Vicente á Guia. Uns iam com garrafas, outros com garrafões; este com uma bilha, aquelle com um barril; e alguns com potes, preferindo terem vinho

nas cozinhas em logar de agua! Os mais discretos levavam apenas uma vasilha, modestamente escondida, mas solida, vasta e incommensuravel, capaz de assustar a propria pipa e de a seccar! Era o estomago.

Temendo que aquella veia de felicidade fosse pouco duradoura, as creaturas sinceramente dedicadas ao culto da boa pinga trataram de alugar casa nas immediações. As que o não conseguiram, installaram-se na taberna.

Dentro em pouco principiaram a ver-se frequentemente no sitio pessoas desconhecidas, de trajo descuidado, com casacos quasi no fio, sebentos, empoeirados, que nunca viam escova; chapéus lustrosos com o suor e os oleos do cabello, amassados, arripiados, russos, postos á banda; caras vermelhas e alegres; narizes apiteirados, redondos na extremidade, intelligentes, capazes de dar mais depressa com um tonel do que uma verruma artesiana daria com uma nascente de agua; olhos pequeninos, piscos, lagrimejantes, avermelhados, distillando tanino; labios seccos e esbranquiçados; barba por fazer; uma ou duras madeixas de cabellos, caindo sobre a testa e tapando-lhes por vezes um olho; bo-

tas velhas, tortas e por engraixar; andar pouco seguro e falla nem sempre clara... Taes eram os individuos, que o vinho de quatro attrahiu e espalhou profusamente no bairro, onde eu tinha residencia provisoria.

Angelo Cardoni, logo ao abrir da primeira pipa, foi estabelecer-se com loja de barbeiro, sangrador, dentista e artes correlativas, na rua de S. Vicente á Guia, poucos passos adiante da casa em que eu morava. Era viuvo; de estatura mediana; nem gordo, nem magro; cara vulgar, mas que revelava bondade. Teria de quarenta e tres a quarenta e seis annos, e dizia-se italiano, apoiando-se no appellido. Andava sempre severamente vestido de preto, com o fato um pouco rapado pelo uso, mas escovado; e completava o trajo com um *bonet* de palha, que tirava cortezmente a todas as pessoas, conhecidas ou não. Affavel e urbano, tão palavroso como ignorante, sabia dar-se um ar de distincção que encantava os freguezes; e fazia discursos, que lhe angariavam o respeito das pessoas, que o ouviam sem o entender.

A loja era n'uma barraca velha, crivada de buracos, mal caiada e sem solho. Se fosse possivel olhar para cima, sem risco de en-

tupir os olhos com a terra que os ratos e os gatos deitavam sem cessar dos telhados, poder-se-iam contar as estrellas! Cardoni era philosopho a valer: como não achára outra casa melhor, contentou-se com aquella.

Felizmente a mobilia de que elle dispunha, estava perfeitamente á altura do estabelecimento e dos freguezes. Seis cadeiras, todas mais ou menos coxas, sendo duas forradas de oleado no logar onde se encostavam as cabeças; uma banca, coberta com uma toalha; e um espelho, rachado, por cima da mesa—eis tudo!

Pendurou á porta um enorme dente de pau, que se parecia mais com um banquinho do que com um queixal; mas toda a gente percebia a intenção e acceitava a idéa com benevolencia. A parte superior do banquinho era pintada com alvaiade, para fazer suppor a brancura do marfim; e os quatro pés, que fingiam de raizes do dente, foram convenientemente barrados de vermelhão, que figurava ser sangue.

O ferro, que servia de escapula para pendurar o descommunal distinctivo do dentista, era o boticão de que usava Cardoni para tirar dentes! Os homens mais intrepidos es-

tremeciam de horror, só de olharem para o medonho instrumento, que ostentava a sua fórma de torquez n'uma junta da cantaria! Os vizinhos ou conhecidos, quando não viam o dente pendurado á porta, ficavam sabendo que a tenaz estava em exercicio, e empallideciam pensando nos tratos por que estaria passando um dos seus similhantes.

Cardoni ignorava a existencia dos instrumentos modernos. Não os conhecia nem lhe faziam falta. Estava sempre tão seguro de si, e operava com tanta serenidade, que tranquillisava as proprias victimas, ainda mesmo depois de lhes ter arrancado dois ou tres dentes antes de acertar com o que queriam tirado!

## II

Um dia, em que eu lá estava, entrou uma pobre mulher de capote e lenço, para elle a livrar de um queixal careado.

Cardoni, que tinha phrases suas, excepcionaes e originalissimas, sorveu a pitada, que tomára momentos antes da caixa do sacristão vizinho, e disse:

—Recobre os espiritos, mulherzinha. Não se atarante, que a arte vae dar-lhe o regalo do allivio desejado. Isso é um instante.

Tirou da porta a formidavel torquez, e agarrando a victima pelo queixo, encaixou-lh'a pela bôca dentro. A infeliz soltou um grito doloroso, e eu, que me tinha afastado para não assistir ao seu tormento, acudi a correr, julgando que ella engulíra o boticão!

—Funga-lhe a venta!—gritou Cardoni enthusiasmado, e levantando o instrumento do martyrio.—Já cá está!

—Ai! ai! ai!... ai! que não era esse!—berrou a mulher.

—Não era este?! Que importa? A arte e a sciencia são eternas. Funga-lhe já a venta ao outro, que o leva seiscentos diabos! Olhe que não doe nada agora: como já tem praça para metter a chave ingleza (impostor!) vae que é um gosto!

Outro grito annunciou que a desgraçada perdêra segundo dente.

—Ai, Jesus! Tambem não era este!

—Como se entende isso? Então a senhora dizia que era, e agora diz que não é... Ah! já sei! Metteu esses dois adiante do ferro,

em vez de metter o que lhe doia!... A culpa foi toda sua... Porém, não se afflija, filha. Esse não ha de lá ficar. O artista está por sua conta.

—Valha-me Deus! Nada: eu não quero mais! Já não posso. Ai! os meus ricos dentes! os meus ricos dentes!

E a misera chorava, ensopando o lenço no sangue, que lhe saía da bôca, e diligenciando ao mesmo tempo livrar-se do dentista. Porém Cardoni, inflexivel, como verdadeiro apostolo da sciencia, consolava-a, mettendo-lhe á cara o terrivel boticão, e dizendo-lhe suavemente:

—Oh! menina, tem paciencia! É preciso tirar esse perfido insidioso, que duas vezes me abateu os brios e te redobrou as penas. Deixa-me com elle um instante. Juro que te não farei doer! Anda, filha; faze-me isto, que ficas logo alliviada.

E teve taes artes de insinuar-se no animo da victima, que lhe apanhou o consentimento, e arrancou-lhe o terceiro e ultimo dente d'aquella collecção!

Depois forneceu-lhe generosamente uma chicara com sal e vinagre, para lavar a bôca; e quando a infeliz desdentada perguntou

quanto era a despeza, respondeu bizarramente:

—Seis vintens, pelo ultimo: dos outros dois não paga nada.

Quem não ficaria contente?!

N'outra occasião foram alguns sargentos de infanteria n.° 10 acompanhar um amigo, que pretendia desfazer-se de um mau dente. Cardoni gostava dos militares. Primeiro fez a barba a um d'elles, mettendo-lhe o dedo na bôca, á antiga. O sargento quiz resistir, mas com Cardoni era impossivel.

—Os tecidos adiposos—dizia elle ao victimado—estão demasiadamente flaccidos, em consequencia do calorico. É conveniente retezar de vez em quando os musculos faciaes, e promover as secreções mucosas da membrana, por meio de zaragatoas embebidas em hydrogenio. As pessoas que eu barbeio estão mais isentas de complicações acephalas, em virtude d'este uso do dedo tacteador da bochecha.

Já se vê que não havia partido com um homem d'estes!

Quando se tratou do dente, Cardoni, segundo usava quasi sempre, tirou dois, que estavam perfeitamente sãos, e deixou ficar

o doente! D'esta vez, porém, as cousas não se passaram tão placidamente como era costume. Os sargentos, ao segundo erro do dentista, deitaram-se a elle, e ter-lhe-íam dado cabo da pelle se eu não interviesse.

O charlatão, que, áparte estas judiarias, filhas da sua ignorancia e vaidade, era um pobre diabo, e me divertia muito por se persuadir que eu acreditava na sciencia que elle dizia possuir, gritára por soccorro, quando se sentiu zurzido. O unico meio, que eu tive para o salvar, foi dizer aos militares, que a culpa de Cardoni flagellar os seus similhantes não era do dentista, mas de quem se lhe mettia nas mãos: que bastava ver a casa, os arranjos d'ella, o dente á porta, e o temeroso boticão para ninguem de bom senso caír em lá entrar.

Os militares concordaram e desistiram de o punir mais severamente. Porém, o que parece inacreditavel, é que antes d'elles saírem Cardoni conseguiu dominar a situação com as suas phrases campanudas e bombasticas; e arrancou por fim o dente dorido ao amigo dos sargentos!

Era invencivel com a sua mansidão insinuante e com os seus discursos vazios de

sentido. Depois da saída dos taes sargentos, queixou-se-me de que eu lhe carregára a mão, quando o livrára da tunda.

—Prefiro morrer no meu posto—concluiu elle—victima da minha dedicação pela humanidade (!) a ser mal apreciado e deprimido pelos que tantas vezes teem presenciado os meus triumphos. Pobreza não é vergonha.

Via-se que sabia punir pelo seu credito, o que era louvavel.

Os seus trabalhos não tinham preço fixo. Deixava quasi sempre a paga ao arbitrio do freguez, procedendo n'esse ponto como verdadeiro artista. Recebia desde um pataco até uma libra em oiro (se alguem caía em dar-lh'a!) com a mesma expressão de serena superioridade. Comtanto que lhe deixassem alguma cousa para elle levar ao Carreira, á esquina da rua Nova da Palma, ou ao vinho de quatro, pouco lhe importava se era muito ou pouco.

— Isto de sangrar ou de tirar dentes— me dizia Cardoni, quando eu assistia ao pagamento das suas operações—não é o mesmo que fazer umas botas. Se o operado tem intelligencia sufficiente para comprehender

o emprego scientifico do tempo, retribue largamente: se é obtuso e confunde o rasgo de genio (que tira apenas um ou dois dentes quando podia levar o queixo todo) com o trabalho de deitar uns fundilhos, não se lhe ha de exigir o impossivel. Já lá disse o Bocage, que só quem sabe a arte é que a estima...

—Foi Camões quem disse isso, pouco mais ou menos.

—Ou Camões. É a mesma cousa.

Poucos homens aguentavam tanto vinho como elle. Mas o que assombrava todas as pessoas, que o conheciam, era que nunca o tinham visto pegar n'um copo de meia canada, como faziam os seus amigos Avelino, Rodrigues, Simeão, Chellas e outros bebedores distinctos!

Cardoni bebia apenas meio quartilho de cada vez!

É verdade que ninguem, nem elle proprio, sabia o numero prodigioso de meios quartilhos, que o seu estomago abysmava n'um dia. Mas ao menos salvava as apparencias, tomando só um de cada vez! Era um fidalgo no beber, porque sabia fazel-o com distincção e nobreza.

Accusavam-n'o de dar o seu gilvaz nas caras dos gallegos, quando estava entre as dez e as onze. Mas quem os mandava ir barbear-se em taes occasiões? Ser gallego não é desculpa para se não conhecer quando um bebedor tem mais da sua conta.

Dizia-se tambem, que elle sangrava ao acaso, porque não entendia nada de veias; que empazinava os moços da fabrica de sebo com drasticos capazes de rebentar parelhas de cavallos... Calumniavam-n'o, provavelmente; não constou nunca que os moços rebentassem.

Tinha dois filhos, um de dez, outro de onze annos. Não affirmo que tivessem sido sempre modelos de educação; e recordo-me perfeitamente que até fugiram uma vez de casa, depois de terem corrido o pae á pedra. Rapaziadas!

Em que se haviam de entreter os pequenos, e como podia o pobre Cardoni dar-lhes melhor ensino, se no tempo em que não estava a trabalhar tinha de ir beber os meios quartilhos, que lhe faltavam para a sua conta? Era impossivel fazer-se mais do que elle fazia. De vez em quando dava uma boa sova em cada um, e mandava-os passeiar depois.

Em casa poucas vezes se fazia comida. Quando o vinho se poz a quatro, veiu Cardoni morar para perto da pechincha; e, nos primeiros tempos, dava aos filhos meio quartilho a cada comida—sem comida, entende-se. Quem bebia, que necessidade tinha de almoçar ou de jantar? Mais tarde, pareceu-lhe que seria pôr os pequenos em mau costume e supprimiu a ração. Desde que os rapazes fugiram, sentiu-se mais á vontade. Tinham-se ido os cuidados com os filhos!

D'ahi em diante repartia as horas sabiamente, entre a taberna do Carreira, o armazem da esquina da rua Nova da Palma, e a casa de José Avelino, que era a de vinho de quatro. Foi elle quem deu áquelle vinho, aliás excellente, a alcunha de mata-ratos. De vez em quando ia á capellista buscar rapé, e dava um salto á horta das Atafonas, se ouvia lá bater o fado, que era uma das suas paixões.

## III

Do chinquilho não gostava. Achava improprio da sua gravidade amarrar as abas

do casaco ao lenço de assoar, que elle usava pouco, e atirar a malha como qualquer frequentador da Rabicha ou do Alto do Pina. Preferia tratar pontos de sciencia. Fallava sem cessar no hydrogenio, no oxygenio e no azote: esclarecia os freguezes, que saíam encantados de o ouvir discorrer sobre cousas que elles não tinham a pretensão de querer aprender. Entendia de politica, de litteratura, de arte, de tudo... segundo elle proprio affirmava, com ar modesto e grave.

Não se acobardava diante de ninguem. Ainda que tivesse uma academia por auditorio, conservava o mesmo sangue frio com que fallava diante dos seus amigos da fabrica de sebo; e assombrava com os seus discursos os ignorantes e os sabios! Persuadia-se que era eloquente ao fim de seis meios quartilhos, e depois de doze, acreditava sinceramente que todos lhe reconheciam a superioridade intellectual!

A unica vez em que o vi um pouco atrapalhado foi na occasião de assignar um papel. Custou-lhe bastante a escrever Agnello Cradoni, em vez de Angelo Cardoni. Era um descuido bem desculpavel n'um homem de tantos recursos!

Um dia, depois de ter comido uma excellente caldeirada de congro, na taberna do Carreira, foi á esquina da rua Nova da Palma beber meio quartilho. Pelo seguro metteu uma castanha assada na bôca, e preparava-se para a mastigar, quando viu entrar o filho mais velho, perseguido por um cabo de policia. O seu primeiro impeto foi esconder o rapaz, apesar da vontade com que lhe estava, por elle o ter apedrejado antes de fugir; mas não teve tempo. Suspendeu, por dignidade, os movimentos do queixo e deixou estar a castanha inteira na bôca, até ver em que as cousas paravam.

O rapaz foi preso.

— Meu pae — disse elle para Cardoni — cá vou para o Limoeiro.

Cardoni esteve para responder:

— Que te levem seiscentos diabos!

Mas pareceu-lhe mal cabido o epiphonema, sem o discurso que devia precedel-o, e limitou-se a mudar silenciosamente de uma para outra bochecha a castanha, que tinha na bôca.

O filho approximou-se mais d'elle e acrescentou, com modo tragico:

— Todos os paes teem obrigação de sus-

tentar e educar seus filhos: o meu não teve tempo senão para me ensinar a bebedo, porque passa a vida nas tabernas. Tive fome, roubei e vou para a cadeia, onde já está meu irmão por igual motivo. Esse homem que ahi está é meu pae: se eu acabar no degredo ou na força, devo-lh'o a elle. Vamos lá embora!

Toda a gente que estava no armazem ficou assombrada e commovida. Os copos pararam no ar, a meio caminho dos labios; e a assadeira de castanhas, suspendendo os movimentos do abano, ficou com elle erguido, na attitude de uma sibylla antiga, que por meio dos seus esconjuros visse approximar tremendas catastrophes, e tivesse de fazer o vaticinio d'ellas aos povos que a consultavam!...

Dir-se-ia que o proprio vinho, gelado de horror, cessára um instante de correr pela torneira, que o caixeiro tinha aberto para encher um quartilho!

Logo que a terrivel creança saíra do armazem, acompanhada pelo cabo de policia, todos os olhares se fixaram em Cardoni.

O rosto do philosopho dentista, que era bastante branco, havia passado alternada-

mente por todas as cores do arco iris. Primeiro fizera-se vermelho, parecendo annunciar a visita proxima de uma apoplexia; depois tornou-se amarello, indicio certo de que lhe não seria indifferente ver um filho degredado; em seguida mudou para azul; e a idéa da forca tornou-o a final côr de couve! Era uma mudança tão successiva e variada que lembrava as transformações do camaleão!

O copo de meio quartilho ficára intacto sobre o balcão; e a castanha parecia ter-lhe adormecido na bôca.

O dono do armazem, que assistia a esta scena, parecendo-lhe agourenta para os creditos do seu vinho a prolongação do silencio sepulchral que ali reinava, exclamou, para fortalecer o animo de Cardoni:

— Creancices, sr. Angelo! Quem é que faz caso do que dizem rapazes?! Vá o meio quartilho, que está esfriando.

O barbeiro, apenas ouviu fallar, despertou da especie de torpor em que se achava; e, afastando brandamente com a mão o copo, que o taberneiro lhe offerecia, pagou o vinho e quiz sair.

Mas a commoção que sentíra fôra dema-

siado forte. Não havia senão dois meios de mudar a situação: chorar ou rebentar com a apoplexia, que o estava namorando. As lagrimas acudiram-lhe a tempo, e salvaram-n'o.

Ao receber o troco das mãos do caixeiro, inundaram-se-lhe os olhos de pranto e caiu a soluçar sobre o banco. Todos os circumstantes se apiedaram d'elle, excepto o taberneiro, que, com as mais amigaveis intenções, persistia em querer impingir-lhe o meio quartilho, introduzindo-lhe o copo por entre as mãos com que elle cobria o rosto.

— Vá! — dizia o excellente homem — tome isto, que tudo lhe esquece logo. Não ha melhor remedio para as afflicções d'esta vida! Deixe-se de chorar! Então?! O caso não é para esses escarcéus!...

— Oh! homem! — gritou a castanheira indignada, e acudindo a Cardoni, que se ía enternecendo mais com o discurso do taberneiro — deixe a creatura chorar á sua vontade!

— Faz-lhe mal.

— Mal faz o vinho, que vossê lhe está a querer metter á força na barriga! Quando

a gente tem paixão devéras, o unico allivio é chorar.

— Historias! — teimava o incorrigivel dono do armazem. — Eu não conheço nada capaz de se comparar á boa pinga, quando uma pessoa tem alguma aquella que o magôe.

— Arrede para lá o copo!

— Não arredo! Vossê a modo que vae saíndo fóra da ordem com os seus pitafes! A casa é minha, e vossê está ahi á porta por favor que eu lhe faço.

— Grande favor! Ora não ha! Eu é que lhe arranjo a venda da sua zurrapa com as minhas castanhas, e o magrizella ainda em cima rosna?!

— Zurrapa!? Magrizella!? Ponha-se lá fóra!

— Não quero! Estou n'uma casa publica!

— Mas não faz despeza! E eu tenho o direito de expulsar os emprazadores.

— Bote lá meio quartilho, seu Manel! Quero ver agora se o seu patrão me põe na rua.

— Não botes! Cá não se vende vinho a essa mulher.

— Ha de vender, que o meu dinheiro tem tão boas cruzes como o dos outros.

— Fóra d'aqui, zabaneira!

— Cachorro! Patife!

E, zás! traz! Assentou-lhe um bofetada em cada bochecha. O homem agarrou-se a ella com o louvavel intuito de lhe retribuir a dadiva, e rolaram ambos sobre Cardoni, entornando-lhe no cachaço o meio quartilho de vinho!

Sentindo o liquido frio escorrer-lhe pelo pescoço e peito, e achando-se profundamente sensibilisado, o dentista consubstanciou n'um berro o mixto de magua e colera, que o inundava por dentro do mesmo modo que o vinho o inundára por fóra. A castanha, que elle tinha ainda na bôca, aproveitando-se do ensejo, escorregou-lhe para a garganta e ali ficou entalada tapando-lhe a respiração.

— Uah! uah! uah!

Urrou o desgraçado, tentando vomitar e fazendo-se roxo com a suffocação.

— Acudam ao sr. Angelo, que vae rebentar! — gritou o caixeiro, atirando-lhe á cara com um quartilho de Bucellas, persuadido de que assim lhe facilitaria a entrada do ar nos pulmões.

As pessoas que estavam presentes, andavam aos tombos com riso, desde que a castanheira e o dono da casa se haviam engalfinhado. Ouvindo o reclame do caixeiro, voltaram-se todos para Cardoni. O freguez que tinha pedido o Bucellas, vendo-o applicado ao rosto do barbeiro, exclamou contristadissimo:

—Mal empregado! uma pinga tão boa!

—Foi cousa que lhe deu!—gritou o taberneiro, desembaraçando-se da vendedeira para acudir ao dentista.

—Embuchou com a pena!—observou a mulher, approximando-se igualmente.

—Se eu lhe tivesse dado o vinho ha pouco, já elle não sentia isto—replicou o taberneiro.

## IV

—Talvez não—volveu a castanheira fazendo as pazes.

—Pois dê-lh'o agora, que ainda aproveita—aconselhou outra pessoa das presentes.

—Uah! uah! uah!

Rugia Cardoni, mettendo os dedos na guela.

—Ah!—gritou a assadeira.—Já sei o que é: enguliu a castanha, e está com a garganta entupida! Batam-lhe nas costas.

Todos os circumstantes se atiraram com grande zêlo e dedicação ás costas do misero. A castanha, chocalhada por trinta murros generosos, passou logo para baixo; mas o barbeiro foi forçado a fugir precipitadamente, para não ficar ali estendido, victima das demonstrações de sympathia, que lhe distribuiam com tanta prodigalidade.

Saíndo da taberna foi desabafar commigo. Eu estava então fazendo ensaios para derreter a gomma lacca, usada no fabrico dos chapéus, por meio de um agente menos dispendioso do que o espirito de vinho. Antes de chegar aos resultados que mais tarde obtive com a potassa, estive por vezes em risco de ser victima da minha ignorancia. N'aquelle dia experimentava não sei que alcali, e tinha sobre um fogareiro ao pé da janella uma caldeira cheia de gomma a ferver. Cardoni interessava-se muito por estas tentativas; porém, entendia tanto de chimica como eu, ou ainda menos. Vendo o appa-

rato scientifico de que eu me rodeára, brilharam-lhe os olhos de alegria, e distrahiu-se um instante das desagradaveis recordações que trazia da taberna.

Pegou n'um folle e começou a assoprar o lume, ao tempo em que eu ía despejar na caldeira o liquido contido n'um frasco de bôca larga. Apenas o alcali batêra de chofre na agua a ferver, teve logar uma explosão. Panella, fogareiro, lume, folle, tudo foi pelos ares. Eu caí para traz, n'uma cama que ficava a dois metros de distancia; e Cardoni atirou-se ou foi atirado como um foguete pela escada, que havia proxima, gritando-me immediatamente, já do outro lado da rua:

— Funga-lhe a venta, com seiscentos diabos! Estás ferido, menino?

— Não estou. O sr. Angelo saíu pela janella ou pela escada?

— Eu não sei bem: parece-me que vim pela escada. Funga-lhe a venta!

— Não está ferido?

— Qual historia! A cousa foi para o ar: se vae para dentro, estavamos ambos promptos. Irra! que lhe fungou a venta devéras!

Pela uma hora da madrugada do dia se-

guinte, ignorando ainda os desgostos por que elle passára na vespera, lembraram-se dois amigos, que estavam conversando nas vizinhanças, de lhe irem pregar uma peça. Um metteu-se na cama, e o outro foi chamar o barbeiro, que estava no melhor do seu somno, para ir sangrar Simeão Ribeiro, que adoecêra repentinamente. Simeão era um valente bebedor d'aquelle tempo, e grande amigo de Cardoni. Este acordou, e sabendo do que se tratava, saíu a correr com as lancetas.

—Funga-lhe a venta! Ora o pobre Simeão!... Eu já o arranjo. Com uma sangriasinha ponho-o melhor do que estava quando tinha saude perfeita.

Entrou no quarto do fingido doente, que, logo que o sentiu, principiou a soltar gemidos assustadores, pondo-se de bruços na cama, para occultar o riso.

—Aonde te doe, filho?—interrogou compadecido o sangrador.—Deixa cá ver o pulso.

Pegou-lhe no pulso, que o outro lhe deu berrando cada vez mais.

—Eia, com os diabos! Parece um cavallo na carreira! Precisa sangrado immedia-

tamente. Isto foi bomba cerebral! Pobre rapaz, cóitado! Elle àtira-lhe demasiado pelo sino grande. Meia canada de cada vez é muito! Arranjem-me ahi umas tiras, para servirem de ataduras. Qualquer bocado de panno... até um suspensorio serve.

Simeão, vendo-o já de lanceta em punho, a arregaçar-lhe a manga da camisa, parou de rugir, e sentou-se placidamente na cama, dizendo-lhe com a maior seriedade:

— Muito boa noite, sr. Angelo; como passou?

Cardoni recuou dois passos, murmurando:

— Endoideceu! Bem me parecia que à cousa era toda cerebral!...

O outro, que o ouviu, soltou uma formidavel gargalhada.

— Agarrem-n'o! — exclamou Angelo. — Está doido furioso; e se não o sangro immediatamente, estoira como um morteiro! E até se póde atirar a nós!... Ajudem, que eu já o arranjo!

E, armando a lanceta á maneira de estylete, ia avançar denodadamente e ferir, fosse onde fosse, o supposto louco; porque a questão, para elle, era fazer-lhe sangue!

— Isso agora é mais serio! — gritou Si-

bedos. Alguns d'estes iam de vez em quando desafial-o para beber meio quartilho; mas perdiam o tempo.

O estabelecimento começou tambem a ganhar com a mudança de habitos do proprietario. Deitou mobilia nova, toalhas lavadas e dois espelhos decentes. Os moços da fabrica de sebo foram pouco a pouco substituidos por freguezes, que condiziam mais com os trastes de polimento.

Passado um anno mudou-se Cardoni para outra rua; abriu loja de luxo; e, cousa assombrosa! deixou de sangrar e de tirar dentes, o que, segundo diziam os invejosos da sua prospera regeneração, foi um grande lucro para a humanidade.

Dos termos scientificos e dos discursos campanudos não se pôde privar inteiramente.

—Os corpos gazosos, os solidos, o oxygenio, o hydrogenio e o azote—dizia elle—dilatam as porosidades da materia e preenchem o vacuo dos mundos infinitos. A electricidade, mixto infusorio da natureza candescente, subjuga com a sua ferrea potencia todas as forças dynamicas; e prepara o espirito para as conquistas do ignoto e do impossivel.

Não revelava outra fraqueza; e todos lhe perdoavam esta, attendendo a que ninguem tinha como elle a arte de encaixar tantas asneiras em tão poucas palavras.

Foi homem honrado sempre; e educou depois os filhos o melhor que soube, fazendo-os homens de bem. Quando chegou ao termo da existencia acabou como um justo.

— Já cá a sinto a trepar-me pelas pernas! — me disse elle, ao tempo em que eu lhe entrava no quarto, momentos antes do seu fallecimento. — Deixal-a vir, que não lhe tenho medo!

— Isso não ha de ser tão grave como lhe parece. Animo!

— Olhe, olhe como ella me deita a mão ás guelas para me esganar! Funga-lhe a...

Não pôde terminar a sua phrase favorita. Tentou ainda levar o dedo á venta, para completar com o gesto o pensamento; mas apenas conseguiu erguel-o até á altura da bôca e n'ella o introduziu, agarrando na bochecha, como antigamente fazia aos freguezes!

Assim expirou, manifestando comicamente a idéa de que a morte lhe estava fazendo a barba... á garganta.

# IV

# SAUDADES

---

AO Dr. J. P. B.

De te fabula narratur.

HORACIO.

# I

Reside n'uma das mais ricas e formosas ilhas do archipelago açoriano um medico, illustre pelo saber e grande pelo coração, que pratica a virtude com a simplicidade antiga, e que professa a medicina por amor do genero humano.

Antes de ser medico, tivera tempo de cultivar a litteratura; conhecêra as musas de perto; amára a musica e o canto; estudára as linguas sabias; e a sua memoria prodigiosa permitte-lhe, ainda hoje, recitar cantos inteiros dos mais celebrados poemas, nos proprios idiomas em que foram escriptos. Nenhuma das obras notaveis dos poetas antigos e modernos lhe é desconhecida; e a variedade dos seus conhecimentos torna a

sua conversação, agradavel e instructiva, um elemento auxiliar da cura para grande numero dos seus doentes.

A' enfermidade assaltou-o tambem uma vez com desmedida violencia. Morrer, no vigor da idade, deixando uma esposa e tres filhinhas idolatradas sem arrimo, seria doloroso e terrivel!

Apesar de estoico, elle era bom, e amava com a energia que Deus dá ás almas fortes. Fez, pois, voto de que, se escapasse da doença, nunca mais deixaria de acudir aos desgraçados, que encontrasse no seu caminho, quaesquer que fossem as circumstancias em que elle ou estes estivessem. Melhorou. O seu coração de oiro, passado pelo crysol da dor, tornou-se como brilhante lapidado por artista divino!

Um dia, ha muitos annos, aportou áquella ilha abençoada um homem, que já no outomno anterior lá fôra procurar, n'uns banhos afamados, o allivio de antigos padecimentos. O medico affeiçoou-se ao doente, porque o achou desgraçado; e tentou fazer o milagre de uma cura, que outros praticos distinctos consideravam impossivel.

Infelizmente, o doente peiorou com os ba-

nhos, e caiu moribundo no leito de uma hespedaria. O seu estado tornou-se tão melindroso que não podia ouvir o menor ruido. Bastava o murmurar de uma fonte, ou o carpir de uma rola para o fazer desmaiar!

O medico solicito acudiu logo, mudou-o para casa particular, e andou, de porta em porta, pedindo á vizinhança que se abstivesse de fazer bulha, que fosse perigosa ao misero enfermo.

—Eu não posso deixar de bater o meu linho!—observou uma linheira, pouco resolvida a ser amavel.—Toda a vida o temos malhado, e os nossos doentes morrem sem se queixarem! Que especie de homem é esse, que tem tantas exquisitices?!

—É um doente que não póde ouvir bulha nenhuma. Bata-lhe o linho, quasi debaixo da cabeça, que, se elle morrer, eu direi que foi vossemecê quem o matou.

—Credo! Pois a creatura acabaria por tão pouco?! Ora vae-te confessar! Quem o mata é Deus.

—E vossemecê... se não se calar, e se não for caridosa.

—Pois que viva lá o sujeito com as suas tolices, que eu, visto o sr. doutor dizer

isso, não quero concorrer para a sua morte. Ora não ha uma cousa assim! Os taes senhores de Portugal teem boas doenças! E então veem com ellas cá para o meio da gente!

E, rosnando, foi-se para grande distancia com o seu tráfego.

Outros enxotavam e faziam calar os animaes, voltavam para trás com os carros e suspendiam todos os trabalhos ruidosos, estranhando sempre a extravagancia e originalidade de um enfermo, a quem aquellas cousas innocentes perturbavam o repouso, e jurando que nunca nenhum dos seus parentes manifestára, antes do seu fallecimento, similhantes escrupulos de ouvido.

Todas as pessoas distinctas, e eram muitas, que estavam a banhos no sitio, interessavam-se pelo pobre estrangeiro. Umas lhe enviavam fructos; outras, doces; d'aqui, um mosqueteiro; d'ali, almofadas e colchões mais confortaveis... e todas íam ou mandavam á sua porta pedir noticias d'elle, a toda a hora do dia e da noite.

O medico, antes de recolher-se, ía muitas vezes escutar-lhe a respiração, examinar se elle dormia, e se era absoluto o silencio em torno da sua residencia.

Quantas lagrimas de gratidão sincera não derramou, sentindo-o alta noite, no meio das suas dolorosas vigilias, o doente reconhecido?!

A morte, vendo tantos desvelos e solicitude, hesitou e recuou por fim da cabeceira do viajante, permittindo que elle podesse ser transportado para a cidade, onde havia mais recursos e commodidades.

No meio do caminho, os cavallos, que levavam a carruagem, não poderam subir com ella a enorme ladeira, onde se deu uma das memoraveis batalhas da guerra liberal. O doutor apeou-se, e mandou o cocheiro buscar outra parelha. Era solitario o sitio; a estrada, entre duas barreiras profundas, não offerecia nenhuma distracção aos olhos; o doente sentia-se fatigado, e mal podia suster-se no fundo do vehiculo. Vendo a inefficacia dos meios, com que se tinha prevenido para reanimal-o, o medico desappareceu e revelou-se n'elle o mais perfeito homem de sociedade. Inclinando-se para a portinhola, começou a entreter o enfermo com bons ditos, anecdotas e poesias escolhidas. Aos mais bellos versos de Castilho, de Garrett e de Camões succediam-se os mais graciosos

de Ariosto e de Ovidio. Os cavallos chegaram, quando menos se esperavam, entre duas eclogas de Theocrito e Virgilio!

Na cidade foi o doente installado em casa do doutor, e entregue aos cuidados de duas filhas d'este.

II

Não é de todo infeliz aquelle, que, ao cair no leito da agonia, vê á sua cabeceira a imagem da caridade, representada por uma mulher.

As filhas do doutor foram dois anjos de consolação para o triste enfermo. Eram em tudo dignas de tal pae: educação esmerada, corações ternos e affectuosos, e sentimentos nobilissimos. Uma chamava-se Maria. Era um pouco debil, e o medico estremecia com a idéa de perdel-a. Na cidade citavam-n'a, com rasão, como exemplo e modelo de bondade e perfeição moral. Tinha vinte annos.

A outra chamava-se Amelia, e tomou o sobrenome de Sophia, como demonstração de sympathia por uma filhinha do doente confiado aos seus cuidados. Tinha dezoito an-

nos. Os seus olhos azues, cabellos loiros, e rosto de suave brancura, recordavam as virgens de Ossian. Boa como Maria, tentava seguir-lhe os passos em tudo, e adoravam-se mutuamente. O homem a quem ellas serviam de enfermeiras, amou-as como irmãs; e, tendo tambem filhas, considerava aquellas duas a realisação do ideal de um pae.

Tres mezes depois, ao apartar-se para sempre d'essa familia adorada, publicou o viajante a seguinte carta em todos os jornaes da ilha:

«Sr. redactor. — Proximo ao momento de seguir viagem para Lisboa, venho pedir-lhe o favor de me conceder um cantinho do seu jornal, para eu dar publico testemunho do meu sincero reconhecimento, pelas muitas provas de affectuoso interesse, que recebi durante a minha residencia n'esta bella ilha.

«O doloroso estado, em que vou partir, impede-me de agradecer pessoalmente os favores com que me honraram, e tira-me toda a esperança de tornar a ver os que m'os fizeram; mas creiam todos aquelles a quem devi um cuidado ou um affecto, que a minha memoria e o meu coração lhes serão fieis emquanto eu viver.

«Os banhos das Furnas, propicios para tantos males, não me foram favoraveis; e a não serem os estremecidos cuidados com que me rodeou a mais pura, a mais caridosa, a mais fervorosa affeição, eu teria achado, no meio das formosuras d'aquelle valle, um logar de repouso eterno, em vez do allívio que buscava.

«Não o quiz Deus assim. Ao lado da desventura, que aggravou os meus padecimentos, surgiram logo milagres de zêlo, grandes affectos, uma nova familia, que Deus mandava para me substituir a que eu tinha longe: tudo, emfim, quanto o favor do céu produz na terra! Se a saude fosse possivel, eu tel-a-ía recobrado. De todos os lados me amparavam mãos abençoadas pela providencia; e, ao partir, eu não posso deixar de derramar sobre todas ellas as lagrimas da minha gratidão e da minha saudade.

«Se me não é permittido citar nomes, nem dirigir mais claramente os meus agradecimentos áquelles a quem mais devo, e a quem mais amo, tenho-os todos no pensamento, ao dizer este ultimo adeus á terra que os viu nascer.

«Adeus, pois, formosa e querida ilha!

Adeus, patria dos bons corações! Que Deus te dê sempre d'esses bellos fructos, e pague por mim as dividas que eu aqui deixo.

«Ponta Delgada, 28 de setembro de 1863.»

## III

Pouco tempo depois da ausencia do estrangeiro, uma doença gravissima prostrou a mais velha das suas enfermeiras. Amelia Sophia, que vivia tanto da vida da irmã como da sua propria, julgando aquella perdida irremediavelmente, começou tambem a definhar-se. O affecto profundo, que ella tinha por Maria, não era um fanatismo cego e apaixonado; era uma necessidade da sua organisação, resultante da identificação e consubstanciação de duas almas gemeas. Talvez menos perfeita do que a irmã, completava-se com ella, e tinha gravada no coração a crença de que lhe era impossivel sobreviver-lhe! Dotada de extrema sensibilidade, diluia a existencia com as lagrimas, que lhe arrancava o soffrimento alheio, e ia-se finando lentamente com aquella que era uma parte de si mesma.

Ao fim de dois annos de soffrimento operou-se um milagre, produzido por affectos incomparaveis, e a doente melhorou. Mas ao mesmo tempo notou-se que a impressão produzida em Amelia Sophia, pela doença prolongada da irmã, deixára n'ella terriveis vestigios! Emmagrecêra extraordinariamente; não comia quasi; e as suaves feições, que a faziam comparar ás virgens dos poemas da Scandinavia, estavam profundamente alteradas.

Immediatamente se voltaram para ella todos os cuidados. Rodeou-a a mais terna solicitude. O amor do pae, da mãe, da irmã querida, de todos os parentes e amigos, como que lhe serviram de egide momentanea.

Julgaram-n'a restabelecida. Um medico moço, de grande talento, sympathico e affectuoso, aspirou á sua mão e alcançou-a. Maria tinha já casado tambem e era mãe.

A alegria parecia entrar por todas as portas na casa d'aquelle bom doutor, que hospéda e trata gratuitamente os viajantes enfermos, e dá aos pobres metade do que recebe dos ricos. Mas, ai! a felicidade não é duradoura na terra! E todos os bons teem

rasão de se assustarem, quando a vêem permanecer ao lado d'elles.

O ultimo vapor dos Açores veiu enlutar com a noticia do fallecimento de Amelia Sophia o coração do triste valetudinario, que a ella e aos seus deve talvez o estar ainda vivo para choral-a!...

## IV

As flores que por sua esplendida belleza e maravilhosa fórma excitam mais o enthusiasmo e a admiração de quem as cultiva ou contempla, são quasi sempre tambem as menos duradouras. Longe do terreno, onde nasceram, sem o ar propicio do patrio clima, debalde o botanico apaixonado e o jardineiro intelligente se esforçam para prolongar-lhes a existencia e conservar-lhes as graças primitivas. Astros ephemeros, resplandecem uma noite ou um dia; e, ao fim de breves horas, inclinam a fronte, e ficam pendentes da haste emurchecida, para nunca mais se erguerem!

Assim as almas escolhidas, que veem á

terra ostentar as mais sublimes formosuras celestes, são as que mais rapidamente desapparecem da vista d'aquelles, que as consideram medianeiras entre Deus e os homens.

Os maus, como as hervas damninhas, que infestam todos os terrenos, estendem-se á vontade pelo mundo, sem que a morte se apresse a livrar d'elles as suas victimas. Os bons, pelo contrario, passam quasi todos, como rapidos meteóros, aos olhos da humanidade afflicta, que a sua presença consolava! Parece que Deus se compraz em revelar-nos essas personagens sympathicas do seu assombroso poema da creação, para que mais sintâmos perdel-as depois de as termos conhecido e amado!

Diz-se que Elle *escreve direito por linhas tortas.* Não tentemos pois penetrar os seus mysteriosos designios, nem blasphememos, quando nos ferirem as suas sentenças. Contemplemos os bons como as plantas raras, que os sabios não conseguem aclimatar satisfactoriamente fóra do paiz, onde foram nascidas.

As almas dos que mais amámos pelas suas virtudes, innocencia e bondade são flo-

res do céu, transplantadas para a terra, que conservam ainda o aroma dos lyrios celestes, mas não resistem por muito tempo á influencia do clima mortal. Um dia as pobres desterradas sentem que lhes falta o ambiente sidereo, e o contacto dos anjos seus irmãos; apodera-se d'ellas a nostalgia da eterna patria; estiolam, e, despojando-se de toda a materia, que se havia aggregado á sua essencia divina, sobem, como um perfume, ás regiões gloriosas da felicidade immaculada.

## V

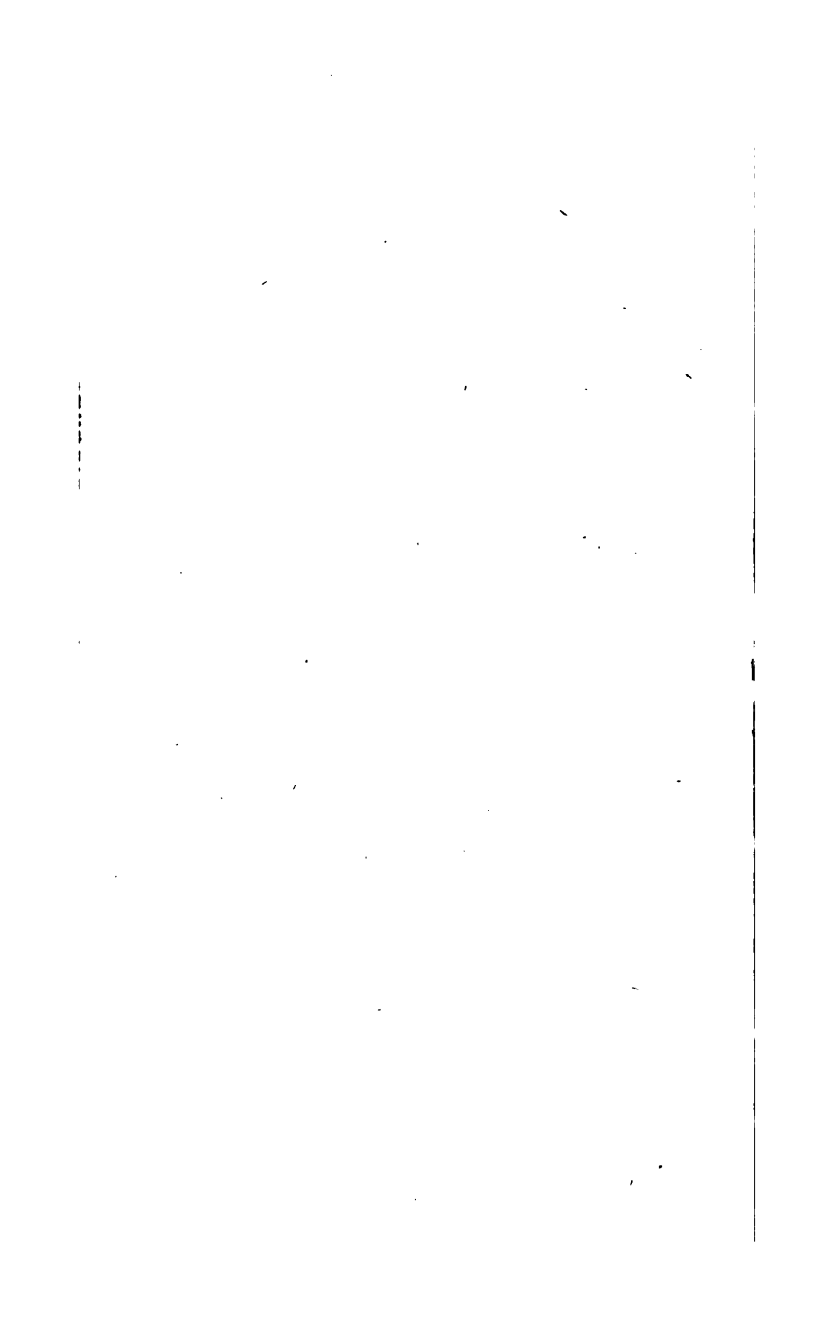
Boa e querida Amelia Sophia, tu foste um d'esses entes privilegiados, e ninguem devia chorar-te por isso... Mas, com a nova da tua morte, até olhos que nunca te viram se inundaram de lagrimas! Como não te chorará pois aquelle de quem foste caridosa e santa enfermeira?! Ai! se Deus permittisse que a tua alma volvesse de vez em quando á terra, para receber as offerendas do amor e da piedade, nem o ruido do mar, que entôa perpetuamente funereos cantos ao pé da tua

sepultura, nem o bramir do vento, agitando o cyprestal que cobre os teus restos mortaes, impediriam que ouvisses a minha voz agradecida, pedindo por ti, como tu, outr'ora, á cabeceira de um pobre enfermo expatriado, pedias a Deus por elle!...

Lisboa, outubro de 1872.

# V

# SCENAS DA IDADE MÉDIA

A JOSÉ FREDERICO LARANJO

# I

N'um dia de março do anno de 1246, ao cair da tarde, caminhava pelos campos do Mondego, proximo a Montemór, uma companhia de vinte cavalleiros, que parecia tomar as maiores precauções para se desviar dos povoados fortificados e dos castellos, que então se encontravam a cada passo em Portugal. Adiante de Montemór, a cavalgada, saíndo de improviso da sombra dos choupaes, que orlavam a margem do rio, deu de rosto com algumas donzellas, que atravessavam um campo. A quinhentos passos dos cavalleiros avistava-se o castello e povoação de Arriel, até então encoberta aos viajantes por um outeiro plantado de viçosos olivedos.

— Formosa caça! — exclamou o chefe do bando.

— Caçaremos d'ella? — interrogou um dos cavalleiros.

— Não, Rui Gomes — lhe tornou gravemente o outro; — a empreza a que vamos não nos permitte distracções.

E os viajantes íam já passar adiante, dirigindo-se para a porta do castello, quando nova personagem os veiu deter.

Uma joven formosissima, vestida ao uso da nobreza de então, descia lentamente a encosta, para ir ao encontro das outras, provavelmente suas servas, ao tempo em que deu com a vista na cavalgada. O seu primeiro pensamento fôra fugir, reentrando no castello, d'onde saíra; mas, reparando com mais attenção nos recemchegados, pareceu-lhe reconhecer cores e divisas que lhe eram familiares; e, mudando de proposito, encaminhou-se á pressa para os cavalleiros.

O capitão, que ía na frente, parou, deslumbrado por tão singular belleza. Os seus companheiros imitaram-n'o, grupando-se em torno d'ella, como para a ver melhor. As aias approximaram-se tambem de sua ama; e esta, vendo-se objecto de admiração e exame, quedou-se, enleada e confusa.

— Á fé, que ainda não vi atė hoje for-

mosura igual a esta! — gritou com rude franqueza o commandante da hoste.

Ouvindo aquelle ardente protesto de enthusiasmo, a bella tornou-se côr de cereja, sem por isso deixar de sorrir-se e de erguer os olhos, com manifestos signaes de reconhecimento, para o auctor de tão rasgado elogio. O cavalleiro, homem moço ainda, de aspecto marcial e sympathico, agradeceu-lhe a demonstração com igual sorriso; e, auctorisado pelos usos barbaros mas sinceros do tempo, em que se desconheciam inteiramente as delicadezas e requintes cortezãos de agora, perguntou-lhe de quem era filha e o que fazia só com suas donas, por aquelles descampados perigosos, em tempos de tamanha guerra civil.

— Como assim?! — interrogou por sua vez e com desconfiança a donzella. — Por ventura não vindes da parte de Vasco Gil, para auxiliardes meu pae e senhor na defeza do seu castello de Arriel, se acaso a gente de Leiria vier sitial-o por ordem do infante D. Affonso?

Perturbou-se o cavalleiro com a pergunta e ficou por momentos calado. Os seus companheiros olharam-se mutuamente, aguar-

dando com visivel inquietação a resposta d'elle.

— O castellão de Arriel não é Lourenço Viegas? — perguntou a final o capitão do bando. — Desculpae-me a perturbação!... Eramos um pouco parentes, e eu ignorava que elle tivesse uma filha encantadora...

— Jesus, que são inimigos! — gritou a joven, querendo fugir.

— Não somos, bella dama — replicou o guerreiro, fazendo um leve signal aos seus, que lhe tomaram cuidadosamente o passo, atravessando os cavallos entre as donzellas e o carreiro que conduzia á ponte levadiça. — Nós viemos mandados por Vasco Gil... de Soverosa. Bem vêdes, se o conheceis, que usâmos as suas cores. Mas dando-me ordem para correr a toda a brida com vinte cavalleiros...

A donzella fez um movimento de espanto. E o capitão, parecendo adivinhal-a, proseguiu, sorrindo-se:

— Parecemos-vos poucos? Não nos avalieis pelo numero: somos todos homens de guerra, costumados a pelejar vinte contra mil. Alem de que, ámanhã nos chegarão novos reforços. Vasco Gil não teve tempo

de nos explicar ao que vinhamos, nem nos disse o nome do senhor de Arriel, que era antigamente meu primo Lourenço Viegas... hoje meu inimigo, se, como dizeis, se passou para o lado do infante.

A joven dama tranquillisou-se inteiramente com estas explicações.

—Lourenço Viegas—tornou ella—era o senhor de Arriel; mas como elle e todos os seus atraiçoaram a causa real, seguindo as partes do conde de Bolonha, veiu meu pae, com os seus homens de armas, combatel-o; e, tomando-o vivo, enforcou-o nas ameias do castello, que el-rei lhe deu depois como recompensa de seu feito.

Os vinte cavalleiros iam revelar, por uma demonstração unanime e ruidosa, o partido a que pertenciam, quando um gesto supremo do seu chefe lhes fez expirar os gritos nas gargantas, e descaír as mãos, com que tinham acudido aos punhos das espadas como se vissem já o inimigo na frente. Após ligeira pausa, que o moço guerreiro julgou necessaria, para acalmar os sentimentos que podiam atraiçoal-o, fazendo-lhe tremer a voz, disse á filha do castellão:

—Recordo-me agora de ter ouvido va-

gamente referir o successo... E vosso pae chama-se?...

—Estevão Rodrigues Sanches.

—O irmão do bispo de Vizeu!—interrompeu o cavalleiro, comprimindo a custo a raiva, que lhe quiz saír do peito n'um rugido.

—Esse mesmo.

—Ah! é o irmão do bispo de Vizeu... Do... do mais leal bispo que tem el-rei D. Sancho!... E... vós, bella dama, que nome haveis?

—Sancha Rodrigues.

—Receia então vosso illustre pae, que o ataquem os homens do infante, e não tem a força necessaria para defender-se?

—O castello está desguarnecido ha tres dias; todos os seus homens de armas foram com os de el-rei ao encontro das hostes do principe traidor, que, segundo se diz, queriam vir de Leiria para Montemór. Meu pae ficou, por estar um pouco enfermo. E nosso primo Vasco Gil promettêra prover-nos com gente sua, logo que chegassem a Coimbra as tropas que seu irmão Martim Gil mandára levantar no norte do reino.

—Agora vêdes, senhora, como elle co-

meçou a cumprir sua promessa, mandando-nos a Arriel. Levae-nos, pois, á presença de vosso nobre pae, se vos praz servir-nos de guia.

O moço guerreiro trocou com alguns dos seus um olhar de intelligencia; e a maioria dos cavalleiros partiu a trote largo, entrando no castello, e tomando posição do lado de dentro da porta, como para defendel-a ou para fazer as honras aos que entrassem depois d'elles.

Ouvindo o tropear dos cavallos no grande pateo de entrada, assomaram ás janellas os poucos habitantes da praça. Eram elles alguns velhos, creanças e mulheres; gente inutil para a guerra, que ficára encarregada de ter as portas sempre abertas, para que os seus podessem entrar a toda a hora, se acaso voltassem fugitivos e perseguidos.

Apenas damas e cavalleiros passaram a porta principal, ordenou o chefe aos seus homens que a fechassem, erguessem a ponte levadiça, e fizessem ali boa guarda dez cavalleiros. Elle e os outros dez foram subindo, adiante das donzellas, a larga escada de pedra, que do atrio conduzia á sala de armas. No cimo da escadaria appareceu o

castellão, que, suppondo serem os recem-chegados os amigos e auxiliares que esperava, vinha desarmado e alegre ao seu encontro. Dando, porém, com os olhos no capitão, que levava erguida a vizeira, exclamou, recuando:

— Raymundo Viegas Portocarreiro!

Sancha Rodrigues, ouvindo o nome terrivel de um dos mais afamados campeões do infante, do filho de uma familia que nutria contra a sua antigos odios, caíu desmaiada nos braços de suas donzellas. Seu pae, em vez de acudir-lhe, correu para a sala de armas e tentou pegar n'um montante; mas, apesar da sua agilidade, que os cincoenta annos e um ligeiro incommodo de saude não tinham diminuido, a mão de Porcarreiro foi mais rapida que a sua e agarrou-lhe no braço.

— Que quereis fazer, nobre castellão? D'esse modo acolheis os que veem visitar-vos! Mais avisado andareis, ordenando que se dê honesta ceia e commodo agasalho aos meus vinte cavalleiros e a mim.

Estevão Sanches sentou-se sem responder.

As donas passaram por diante d'elle, le-

vando Sancha nos braços, meio desmaiada, sem que o velho cavalleiro fizesse um movimento.

— Formosa filha tendes! — disse Raymundo Viegas, seguindo-a com a vista.

O castellão estremeceu, e fitou o olhar no do seu hospede, como quem queria penetrar-lhe os designios.

— As nossas familias são inimigas desde longo tempo — disse elle pausadamente. — Quereis vingar a morte de Lourenço Viegas? Esse infame, indigno de vestir armas de cavalleiro, atraiçoou o seu rei, e tentou raptar a filha do seu melhor amigo. É proprio de homens que seguem a causa do principe deshonrado, que se rojou abjectamente aos pés de bispos infames e desleaes, vir affrontar os que não pactuam com elles. E é digno sobre tudo dos partidarios d'esse infante ambicioso e hypocrita andar assaltando donzellas e velhos inermes, em castellos desarmados! Quando eu tomei Arriel, não o entrei á traição, aproveitando-me de que elle tivesse a porta aberta e entregue á guarda de mulheres e creanças: acommetti-o á luz do meio dia, contra as hostes, traidoras mas valentes, que o defendiam; e

abri caminho com o meu montante até ao cimo das ameias, onde pelejava o meu inimigo.

Raymundo Viegas Portocarreiro sentia a verdade d'aquellas arguições; mas a guerra, travada entre o infante D. Affonso e seu irmão D. Sancho II, era a todo o transe; e os odios, entre os parciaes dos dois principes, eram implacaveis.

Não se commoveu portanto o cavalleiro; e após breve silencio, replicou:

—A morte de Lourenço Viegas foi um feito cobarde.

—Menos cobarde, todavia, do que o de virem hoje tomar vingança d'elle vinte contra um.

—Como quizerdes. Detesto o vosso rei Capello, que, embora fosse bravo contra os sarracenos, parece agora mentecapto: deixa administrar o reino por ladrões e assassinos, e premeia a quem enforca os nobres cavalleiros que protestam contra o seu odioso governo. Ando em serviço d'aquelle que quero para rei: todos que forem seus inimigos, tomo-os como inimigos meus.

—Seja. Podeis assassinar-me, visto que não me é dado tomar as minhas armas para

morrer pelejando como quem sou. É mais um castello que alcançaes pela traição e pelo assassinato, como todos os outros que possue o vosso infante.

Assistiam silenciosos a esta discussão, que principiavam a achar fastidiosa, os cavalleiros de Raymundo Viegas. O seu chefe, apesar de poder auctorisar-se com os selvagens costumes de então, para vingar immediatamente a morte de seu primo, hesitava, comtudo, em matar a sangue frio o hospede, já seu prisioneiro, visto que o castello estava inerme. Detinha-o, provavelmente, alem da sua superioridade moral, um sentimento inexplicavel, que lhe fazia bater o coração e volver com frequencia a vista para a porta por onde Sancha desapparecêra.

O castellão, sem deixar de espreitar-lhe todos os movimentos e gestos, conservava a presença de espirito com que vulgarmente os homens d'aquelles tempos encaravam a morte; e reflectia com o socego de quem tivesse ainda diante de si uma longa existencia.

— Dae-nos de ceiar — disse Portocarreiro, notando e julgando interpretar os signaes de impaciencia dos seus cavalleiros.—

Que nos sirvam as donas de vossa filha, e que a bella Sancha se digne fazer-nos graciosa companhia.

Estevão Sanches ergueu-se, e saiu pela mesma porta por onde passára sua filha. Raymundo Viegas foi então com os seus homens revistar as muralhas e fortificações do castello: convinha precaver-se contra qualquer cilada. Ao mesmo tempo ía pensando na resolução que tomaria. A sua generosidade, inspirada talvez pela paixão nascente, lutava contra os terriveis preconceitos, que na sua epocha se consideravam axiomas: de que quem matava devia morrer, e que não se perdoava jamais a um inimigo!

Depois de visitar minuciosamente todas as obras de defeza, e de combinar com os companheiros que uns velariam emquanto os outros tomassem alimento, determinou que ninguem saísse do castello, sob qualquer pretexto; e que após a ceia estivessem todos prestes para partir. Tomadas estas precauções, reentrou na sala de armas, seguido sempre por metade da sua gente.

Era já noite fechada; na sala reinava escuridão completa; e os cavalleiros tornaram instinctivamente para o topo da escada. Mas

o receio de alguma surpreza, que a todos assaltára, foi de pouca duração. Abriram-se ao fundo duas portas, e avistou-se por ellas outra sala illuminada. Os guerreiros de D. Affonso entraram e viram ao meio da casa uma grande mesa, tendo em cima um objecto volumoso, que suppozeram ser a ceia coberta com um panno para não esfriar. As quatro donzellas da castellã estavam sentadas, em cadeiras de espaldar, uma a cada canto do bufete, sustendo nas mãos grandes tochas accesas.

Raymundo Viegas, um pouco descontente por não ver Sancha Rodrigues, approximou-se da mesa, sentou-se, e esperou que as creadas levantassem a toalha que occultava as iguarias.

—Singular modo de apresentar uma refeição!—murmurou o cavalleiro.

Os seus companheiros, mais impacientes ou mais esfomeados, ergueram a cobertura, e todos recuaram petrificados de assombro. Portocarreiro, levantando-se de um pulo, recuou tambem, soltando um brado de raiva e espanto.

A supposta ceia era o corpo inanimado da formosa Sancha, tépido ainda, e mostran-

do no peito descoberto o sangue coalhado que o inundava e a larga ferida da adaga com que fôra commettido o crime. Seu altivo pae, julgando saber que sorte a esperava, em poder de adversarios implacaveis, teve a barbara energia de a subtrahir por esse modo cruel á violencia e deshonra, que imaginava ter-lhe destinado o seu inimigo.

Os convidados áquelle estranho festim, reparando então melhor nas quatro servas, que, empunhando as vélas accesas, guardavam pertinaz silencio e pasmosa immobilidade, soltaram um grito unanime de terror. Eram igualmente cadaveres, de cujos seios espadanava ainda o sangue fumegante. Ali as tinham sentado, talvez nas convulsões da agonia, para servirem de tocheiros!

— Horror!

— Infamia!

— Maldição!

— Inferno!

Estas e outras similhantes exclamações soltavam indignadas as testemunhas de tão lugubre espectaculo, quando as interrompeu uma voz terrivel, bradando:

— Illustre D. Raymundo Viegas: poupavas momentaneamente a vida a um inimigo,

persuadido de que na presença d'elle violarias sua filha! Mas, d'esta vez, nem tu nem os abutres que te seguem terão repasto de virgens innocentes. Vae referir ao vil e indigno principe, que pretende usurpar o reino, como são recebidos os seus salteadores pelos cavalleiros de Sancho II; e dize-lhe quaes as iguarias que lhes servem para os festins os castellões vencidos pela traição cobarde!

Todos tinham voltado os olhos para o lado d'onde a voz partia, e as espadas foram impetuosamente arrancadas das bainhas, logo ás primeiras palavras; mas o que as proferíra conservára-se invisivel.

—Morte ao verdugo!—clamou Portocarreiro, avançando para o fundo da sala, seguido por todos os seus.

Do angulo mais escuro, destacou-se então, vindo ao encontro d'elles, um cavalleiro armado com todas as peças, e empunhando uma enorme acha de armas. Antes, porém, que Raymundo Viegas e os outros se lhe approximassem, apagaram-se as vélas e fecharam-se todas as portas, ficando a sala ás escuras.

É impossivel pintar-se fielmente a luta

horrivel que se seguiu entre aquelles doze homens enfurecidos!

Apenas se extinguiram as luzes, cada um tratou unicamente de si, procurando cobrir-se dos golpes que os outros davam ao acaso, e distribuindo os seus do mesmo modo. Repetiam-se sem cessar os gritos de maldição, as pragas execrandas, os rugidos de feras bravas, que soltava cada um ao dar e receber cutiladas. O bater das espadas sobre os escudos; o tinir das esporas; e, de vez em quando, o martellar horrendo da acha de armas, que amolgava um casco, seguido da imprecação do moribundo, que soltava a alma n'uma blasfemia; o ruido dos moveis, em que esbarravam ou que mutuamente se arremessavam; o caír das donzellas, que estavam mortas nas cadeiras, indo umas rojar ao chão sem cabeças e outras com os craneos abertos, espalhando-se a massa encephalica pelas paredes do aposento, e salpicando as armaduras dos ferozes pelejadores; estes, tropeçando nos corpos palpitantes, esmagando sob os pés de ferro as cabeças, que rolavam pelo chão separadas dos troncos, ou escorregando no sangue, caíam por vezes e serviam-se então dos pu-

nhaes até poderem levantar-se... Era uma scena infernal e medonha!

Raymundo Viegas, que conhecia o castello e viera ali com o intuito de se acolher a elle, julgando-o ainda senhorio do seu parente, muitas vezes tentou correr ás portas, abril-as e pedir luzes aos homens que deixára de guarda; mas os acasos da peleja afastaram-n'o sempre para o centro da sala. Bem sabia elle, que para matar o castellão corria o risco de ver exterminados os seus homens, e que podia tambem ser morto; mas todos os esforços que tentava, para chegar a uma saída, eram vãos! De repente pareceu-lhe ver luz através de uma porta mal unida. Precipitou-se para ella, conseguiu abril-a e a sala illuminou-se com um clarão immenso. Era o incendio que lavrava no interior do castello com rapidez terrivel!

Fôra ainda outra precaução do senhor de Arriel, contra os invasores.

Os homens que tinham ficado de guarda, tardando-lhes o serem rendidos, para irem ceiar, ou ouvindo o rumor da peleja, entraram ao mesmo tempo na sala de armas. O combate cessou instantaneamente, porque entre os pelejadores que ficaram de pé não

se via o feroz castellão. Sobre o pavimento jaziam sem vida ou moribundos cinco dos combatentes. Raymundo examinou-os, e tambem não achou entre elles o seu terrivel inimigo.

— Ás portas! Ás portas! — bradou o rico-homem furioso.

Uma gargalhada, que parecia vir do meio do incendio, respondeu a esse bramido de colera.

Correram logo os homens de armas na direcção d'onde partíra o riso. Raymundo ía seguil-os, quando deu com a vista no corpo de Sancha e deteve-se.

Extraordinario acaso! D'aquella horrenda briga, travada na escuridão, em que não foram poupados mortos nem vivos, ficando todos os moveis quebrados, e até as paredes mutiladas, escapára intacto o cadaver da virgem, que conservava os olhos abertos!

Portocarreiro, notando esta ultima circumstancia, não pôde resistir a um movimento de supersticioso terror. Quiz fugir, mas parecendo-lhe indigno de um cavalleiro ter medo de defuntos, persignou-se, ajoelhou e cerrou piedosamente os olhos da morta. Depois levantou as mãos, rezou uma Ave

Maria, e depositou um beijo na mão pallida e fria do cadaver, exclamando:

—Barbaro pae! Eu tel-a-ía amado devéras; e tomando-a por esposa, diante dos altares, nunca mais os odios de nossas familias fariam correr sangue!...

Um profundo suspiro correspondeu a estas palavras. O cavalleiro voltou-se, não sem algum pavor, e viu, dois passos atrás de si, o senhor de Arriel, encostado á sua formidavel acha de armas, com a vizeira erguida e correndo-lhe dos olhos abundantes lagrimas.

Portocarreiro ergueu logo a espada em guarda; mas o velho, arrojando o machado para longe, cruzou os braços no peito, e disse-lhe profundamente commovido:

—Venceste-me, cavalleiro! Se te houvera conhecido melhor, e se soubesse que me farias ainda derramar lagrimas de arrependimento, não teria feito o que fiz. Pódes matar-me, que não me defenderei do homem que cerrou com tão devoto respeito os olhos de minha filha.

Raymundo Viegas, igualmente enternecido, embainhou a espada, murmurando melancolicamente:

—Mal haja a guerra! Mal hajam as paixões dos homens!...—E depois de curto silencio acrescentou:—Cada um de nós tem deveres a cumprir para com a causa que segue; permitta Deus, e rogo-lh'o por amor d'essa que ahi jaz, que nos não encontremos jamais como inimigos nos campos de batalha!

—Amen!—respondeu devotamente o castellão.

Os homens de Raymundo, que tinham voltado uns após outros, contemplavam com pasmo e curiosidade os dois cavalleiros, ha pouco inimigos crueis e agora quasi amigos!

—A cavallo!—lhes gritou o rico-homem. E emquanto elles íam saíndo, tristes e descontentes pelos successos da noite, que lhes roubára cinco dos seus, deixando o resto sem ceia, Portocarreiro olhava ainda com dolorosa saudade para o rosto, já livido, mas bello ainda, da infeliz Sancha.

—Anjo do céu, pede a Deus que se amerceie de quem te causou a morte!—disse elle, beijando-lhe outra vez a mão gelada.

—E de quem lh'a deu!—suspirou o arrependido e desconsolado pae.

Os dois cavalleiros deram-se as mãos em silencio e separaram-se. Estevão Sanches deixou-se ficar immovel ante o cadaver da filha, e indifferente ao incendio, que vinha rapidamente invadindo a sala. Portocarreiro desceu, sem olhar para traz, a larga escada de pedra, por entre um bando de mulheres, creanças e velhos, que fugiam do fogo.

O rico-homem, achando os seus compa nheiros a cavallo, saltou de um pulo sobre a sella, e mandando abrir a porta e baixar a ponte levadiça, gritou-lhes:

—A galope!

E a cavalgada partiu á redea solta na direcção de Coimbra, levando cinco dos cavalleiros, por cautela, os cavallos dos mortos á mão.

A noite ía quasi em meio. Não tinha ainda rompido a lua, nem fazia por ora falta aos viajantes. O clarão das chammas, que devoravam o nobre castello de Arriel, alumiava os campos até grande distancia.

## II

D. Raymundo Viegas Portocarreiro viera de Leiria, cuja villa e castello se haviam pro-

nunciado a favor do conde de Bolonha. Dirigia-se a Coimbra, onde estava a côrte, e fôra por Arriel, persuadido de que lá encontraria seu primo Lourenço Viegas, que era pelo infante.

Apesar de serem muito vulgares na historia portugueza os feitos heroicos e os actos de valor temerario, pareceria loucura, que Portocarreiro tentasse entrar com tão pouca gente na capital do reino. Considerado ali como traidor e rebelde, seria infallivelmente morto, com todos os seus, logo que fosse conhecido. Não lhe valeriam esforço ou destreza, nem o seu nome illustre e os seus fóros de cavalleiro impediriam que o enforcassem, como ao villão mais infimo, nas ameias da leal cidade.

Sabia-o por certo o audacioso caudilho, porque não quiz confiar unicamente do animo provado dos seus companheiros o successo da empreza mysteriosa a que se votára. Não desdenhou portanto recorrer aos disfarces, que n'esse tempo (e ainda hoje) se empregavam como ardil de guerra. Adoptou, para si e para os que o seguiam, as cores do valido D. Martim Gil de Soverosa, para suppôr-se que pertencia ao seu bando.

Com este meio illudira a infeliz Sancha, e do mesmo modo contava enganar os habitantes de Coimbra. Mas, com as manhas de capitão prudente, afastava-se sempre dos povoados; e quando se via obrigado a passar por elles, esperava a noite. Não queria deixar nada ao acaso; e só recorria ao combate, quando lhe era impossivel evital-o sem desdouro e sem prejuizo da causa que defendia.

Foi com taes campeões que Affonso III alcançou o throno.

É provavel que Raymundo Viegas, alem dos meios já citados, que lhe permittiam approximar-se da cidade com menos risco, tivesse tambem dentro d'ella quem o auxiliasse, para o bom exito da sua audacissima empreza, a qual era nada menos que raptar a rainha!

O papa Innocencio IV, movido pelas intrigas do clero portuguez e pela ambição do principe D. Affonso, conde de Bolonha, decretára a deposição de Sancho II, tirando-lhe toda a auctoridade, e encarregando o infante do governo do reino. Temiam, comtudo, ainda os inimigos do infeliz monarcha, que este viesse a ter filhos de sua mulher a rai-

nha D. Mecia, caso que, a succeder, desviaria D. Affonso da immediata successão á corôa. Para evitar o desastre possivel, impetraram uma bulla de Roma, determinando a separação dos esposos, sob o futil pretexto de que eram parentes. Faltando, porém, ao bolonhez a paciencia, para esperar os effeitos das ordens do papa, ordens que D. Sancho começava com rasão a desconsiderar, entendeu-se sobre estes assumptos com a propria rainha!

D. Mecia, que via ir-se afundando a corôa do marido no mar tempestuoso das ambições, odios e cubiça desenfreada, principaes paixões que então dominavam, e ateavam sem cessar a guerra civil; julgando que o partido do rei era insustentavel, tendo contra si a curia romana, a maioria do clero portuguez, e a deslealdade de uma grande parte da nobreza; assentou que não devia participar da sorte do desditoso principe, a quem não amava, apesar de ser loucamente adorada por elle, e com o qual casára por ambição, *dando-lhe feitiços para o apaixonar*, segundo affirmava o vulgo!

Tratou, portanto, com o desleal irmão do marido, para que se lhe pagasse larga e ge-

nerosamente o serviço de recusar ao reino um herdeiro directo e legitimo, subtrahindo-se ao commercio conjugal. E concordou em que a raptassem, como e quando podessem, prestando-se a auxiliar o rapto por todos os meios que d'ella dependessem!

Era, pois, Raymundo Viegas o encarregado de levar a effeito esta indigna combinação, e para esse fim o vemos ir galopando com os seus companheiros pelo caminho de Coimbra.

Parece que a fortuna o favorecia no intento, pois que ao tempo em que chegava perto da capital, sem saber ainda por que modo poderia introduzir-se n'ella, achou-se inesperadamente envolvido no meio de um corpo de tropas reaes, que recolhia a Coimbra; e, fazendo-se passar, a si e aos seus, por gente de Martim Gil, entrou sem causar desconfiança.

Apesar da fadiga e da fome, que deviam sentir Portocarreiro e os seus, após um dia e uma noite de marcha, sem terem tomado alimento algum, aquelles homens, de tempera igual ás rijas armaduras que vestiam, não procuraram comida nem repouso!

O bolonhez sabia a que vassallo tinha con-

fiado a empreza de raptar a mulher de seu irmão; e Raymundo Viegas escolhêra, com mão de mestre, os cavalleiros, que o acompanhavam para a levar ao cabo. Por isso, logo que entraram na cidade, separaram-se das tropas do rei e proseguiram, galopando sempre, na direcção dos paços reaes.

Eram duas horas da manhã, e os raptores precisavam de um pretexto grave para penetrarem a essa hora até junto da rainha. O chefe da expedição, afrouxando um pouco a carreira, explicou em breves palavras aos seus companheiros o plano que adoptára; e, alargando de novo as redeas, partiram de arrancada pelo atrio dentro, pondo em alarme a guarda e todos os habitantes do palacio.

— D. Martim Gil? D. Martim Gil? Dizei depressa onde está? — gritava Portocarreiro, subindo já as escadarias, apesar da resistencia que pretendiam oppôr-lhe alguns soldados do rei.

Ao mesmo tempo apeava-se e seguia-o uma parte dos seus companheiros, ficando os outros com os cavallos dos que se desmontaram á mão.

O capitão das guardas, despertado pelo

tumulto, acudiu, ainda mal acordado, resmungando:

— Que diabo de arruido é esse? Acaso o bolonhez entrou na cidade, para virem incommodar a taes deshoras um honrado subdito de el-rei D. Sancho?

— Cavalleiro! Vêde que vestimos armas e cores do nobre valido de el-rei, D. Martim Gil de Soverosa — observou severamente Portocarreiro.

O capitão, depois de verificar a verdade da asserção, tornou-se mais tratavel e replicou:

— N'esse caso, devieis saber que elle não dorme no paço.

— Viemos de fóra; trazemos novas que interessam o rei, e, não estando cá o nosso chefe, devemos communical-as immediatamente a D. Sancho. O castello de Arriel foi assaltado e queimado pelo infante rebelde, que marcha sobre Coimbra. Não ha tempo a perder; deixae-nos passar, ou ficareis responsavel pela tomada da cidade e pela prisão de vosso real amo.

O pobre capitão, aterrado com taes noticias, e, sobre tudo, temendo a responsabilidade de que era ameaçado, entendeu que

não devia impedir a entrada da gente do de Soverosa, como elle chamava ao valido.

É provavel que Raymundo Viegas tivesse certeza de que Martim Gil não estava no paço, aliás não o procuraria com tamanho desassombro. A presença do valido faria abortar o projecto, salvo o caso em que tambem elle tivesse parte na combinação do rapto. É igualmente possivel, que no interior do palacio estivessem abertas, ou mal fechadas, de proposito, todas as portas de communicação, até aos quartos de D. Sancho...

Fosse como fosse, o certo é que Portocarreiro e os seus entraram na camara real, fazendo tão pouca bulha, que só a rainha os sentiu, por estar acordada, ou talvez á espera d'elles; e perguntou em voz baixa, para não despertar o rei:

— Está ahi alguem?

— Bolonha e Roma! — respondeu no mesmo tom o enviado do infante.

D. Mecia ergueu-se devagarinho; vestiu-se com grande cautela e sem auxilio de suas damas, como quem se havia ensaiado por mais de uma vez n'aquelle exercicio; e saiu da camara, pé ante pé. Fóra da por-

ta, o raptor officioso imprimiu-lhe na mão, que tomou para a guiar, um beijo respeitoso; e caminhou com ella pelos mesmos corredores por onde entrára, seguido dos seus companheiros, todos silenciosos.

Tinham passado já os quartos e salas habitadas pela gente de serviço; e entravam na galeria, que conduzia á escada, quando lhes pareceu ouvir fechar-se uma porta após elles.

Apressaram o passo, e desceram as escadarias quasi a correr. No momento porém em que chegavam abaixo, a voz formidavel de Sancho II retumbou no vestibulo:

— Capitão das minhas guardas?! Fecha as portas e não deixes sair ninguem!

E ao mesmo tempo assomava o rei no topo da escada, em trajo de dormir, com uma adaga em uma das mãos e um archote de cera na outra.

Infelizmente para o pobre marido, o capitão das guardas adormecêra de novo. Pensára que não era a elle que cumpria tomar providencias que impedissem a vinda do infante; e talvez readormecesse calculando as vantagens de passar-se para o usurpador, como diariamente faziam outros cavalleiros mais illustres.

Alguns soldados correram para a escada, sem terem bem entendido as palavras de D. Sancho; e só quando o viram, foi que o reconheceram.

Entretanto, D. Mecia tinha sido como que arremessada pelos seus roubadores para cima de um dos cavallos, que elles traziam a mais; e a cavalgada partia a todo a brida, em direcção á ponte, antes que alguem tivesse tempo de impedir-lhe o passo.

O rei, dotado de nobre coração mas violento de caracter, bradou enfurecido, atravessando com a adaga o peito do primeiro soldado que topou no atrio:

— Villões! Cobardes! É assim que me obedeceis?! Não vêdes que me roubam a rainha? A elles! A elles! Que me sigam a galope todos os meus cavalleiros! Ao primeiro que alcançar essa mulher e m'a trouxer viva com o seu roubador, farei rico-homem e o maior do meu reino depois de mim! Sus! Sus! A cavallo e a galope!

E o desditoso principe, a quem roubavam a mulher e iam em breve despojar do reino, precipitou-se sobre um dos quatro cavallos, deixados pelos fugitivos, sem reparar que estava semi-nú, descalço, e com

a camisa salpicada do sangue de um vassallo!... Sentindo, de envolta com a raiva do ciume, os desejos de vingar-se de quem o ludibriava, feriu com a adaga o animal em que tinha cavalgado, e lançou-o, com a impetuosidade do odio, no caminho dos raptores.

Atrás d'elle seguiram o capitão dos terços e mais alguns cavalleiros, que se reuniram á pressa. Outros se foram armar, e dar aviso a quantos estavam na cidade; e dentro em poucos minutos, de todos os lados se ouvia o galope arrebatado de muitos cavallos, correndo após o rei, para as bandas da ponte.

Os raptores da rainha, chegando com ella ás portas da cidade, não se tinham lembrado do obstaculo mais serio. As portas estavam fechadas; e, como era natural em occasião de guerra, levavam seu tempo a abrir. Ainda d'esta vez aproveitou o disfarce dos da comitiva, que foram tomados por homens do valido. Mas a presença da rainha que todos conheciam, talvez pela odiarem, causou sua estranheza aos guardas; e muito mais quando repararam que ía n'um cavallo de guerra ajaezado para homem.

— Abride por uma vez essas malditas portas! — gritou Portocarreiro, que sabia quão preciosos lhe eram os momentos.

Os guardas, porém, andavam lentamente; fingiam não acertar com as fechaduras dos ferrolhos; erguiam as lanternas, como para as ver melhor, mas realmente com o intuito de observar os cavalleiros, que traziam as viseiras caídas.

— Por Deus! que se me acaba a paciencia para aturar estes villões! — tornou Raymundo Viegas, mais impaciente. — A manhã vem rompendo, e deviamos chegar a Montemór antes do nascer do sol!

— Aviae-vos, bons homens — disse por sua vez a rainha. — Tenho pressa de ir encontrar-me com meu irmão D. Diogo Lopes de Haro, que vem com o exercito de Hespanha em soccorro do meu senhor e rei D. Sancho...

Nada tiveram que objectar os guardas a esta declaração descida de tão alto. Em vez de se informarem se se podia vir de Castella por Montemór, sentiram-se penetrados de admiração por essa heresia geographica, e abriram emfim as portas.

Mas apenas D. Mecia e o chefe do bando

as transpunham, que o rei appareceu ao longe, clamando:

—Cerra as portas! Não deixes passar, que te faço alcaide do meu melhor castello!

Era tarde.

A onda dos cavalleiros precipitou-se como um turbilhão atrás da rainha, e desappareceu no caminho de Condeixa.

—Quero, no meu regresso, achar todos estes villões pendurados nas ameias da torre!—bramiu D. Sancho, passando como um relampago a porta da cidade. Uma duzia de cavalleiros seguia com difficuldade a corrida veloz do cavallo, que elle espicaçava incessantemente com a adaga!

Amanheceu. Ao levantar da nevoa, que dos valles se ia arrastando pelas encostas para os cimos das montanhas, avistaram-se os dois bandos, correndo á desfilada, a curta distancia um do outro. Dir-se-ia, ao vel-os como sobrenadando nas vagas do nevoeiro, que eram legiões phantasticas em porfia desesperada! Adiante, ia D. Mecia, com os vestidos levantados pelo vento da carreira, os cabellos em desordem, uma longa faxa vermelha, com que pretendêra resguardar-se do frio da madrugada, voando-lhe em

torno da cabeça, como nuvem de sangue. A seu lado, de espada desembainhada e vizeira caída, Raymundo Viegas Portocarreiro, vestido com pesadas armas, vae cingido ao seu cavallo, tambem coberto de ferro, como se cavallo e cavalleiro tivessem um só corpo.

Após elles, quinze guerreiros, todos armados e firmes como o seu capitão, igualmente de espadas em punho, levam os cavallos tão unidos uns contra os outros, e tão bem os manejam e guiam, que o galope cerrado de todos elles se poderia tomar pelo de um só, se não fôra o som immenso do golpe com que fazem tremer a terra!

Seis ou setecentos passos atrás corre a outra cavalgada, que, se não é tão notavel como a primeira, tem de certo mais originalidade. Na frente, um homem em cabello, que por unica armadura e vestimenta leva camisa de linho grosseiro, salpicada de sangue, que mal lhe cobre metade das pernas! Na mão livre da redea, empunha uma adaga ensanguentada, com a qual incita sem cessar o animal em que monta! O pittoresco do seu trajo primitivo contrasta singularmente com os jaezes e cobertura do seu cavallo de batalha. São estes de aço e ferro,

e não devem offerecer ao cavalleiro commodidades invejaveis.

Seguem-se-lhe uns poucos de homens de armas, esforçando-se por acompanhal-o em sua furiosa corrida. A uns faltam os escudos, a outros as couraças, áquelles os capacetes. Avistam-se, porém, ao longe, e de distancia em distancia, troços d'elles, já mais regulares e completamente armados, que pouco a pouco vão alcançando a comitiva do rei.

Quando o sol nasceu e alumiou esta extraordinaria luta, Sancho soltou um rugido de alegria. Na frente dos raptores via-se uma hoste real acampada.

— Soverosa! Soverosa! — gritou Portocarreiro, atravessando á redea solta pelo meio das companhias, que não esperando inimigos do lado de Coimbra, só deram pelos que passavam quando já não era tempo de os deter.

— Matae-os! — bradou Sancho II. — Darei a quem os matar o melhor dos meus castellos!

Inutil promessa! Ninguem conheceu o rei nem o esperavam ali áquella hora, em fralda de camisa, ao passo que todos reconhece-

ram as cores e divisas do senhor de Soverosa.

Quando o principe, livido de colera, passava por sua vez através do acampamento, ordenando em altos gritos, que todos os que ali tinham um cavallo perseguissem os fugitivos, foi tamanho o pasmo dos que o viram em similhante trajo, que, julgando-o doido, hesitaram em obedecer-lhe. Só quando souberam que a rainha ia roubada por homens do infante, disfarçados nos de Soverosa, é que comprehenderam a nudez de Sancho e se decidiram a seguil-o.

Mas D. Mecia e os seus iam já longe, porque não tinham que affrouxar a carreira para dar explicações sobre o motivo d'ella!

O plano de Portocarreiro não era, ao principio, seguir a estrada real. Tencionava metter-se, em Condeixa, pelo caminho de través e ir direito a Ourem, sem passar por Leiria. Sabia, que todos os corpos de tropas reaes, mandados contra o infante, iam por esta ultima estrada. As circumstancias não lhe permittiram, comtudo, realisar esse projecto, por ser muito pequena a dianteira que levava aos seus perseguidores, e por entender que os cavallos não supportariam por muito

tempo o mau piso. Preferiu portanto seguir a estrada militar, embora n'ella se expozesse a perigos maiores.

Á saída de Condeixa atravessou-se-lhe na frente novo obstaculo. Era um troço de cavalleiros, que saíram da villa e que pararam no meio da estrada, olhando com grande pasmo para aquelles corredores furiosos e para D. Mecia, que pareceram reconhecer. Raymundo Viegas, que já sabia por experiencia ser-lhe util o grito dos de Martim Gil, repetiu, como fizera mais atrás:

— Soverosa! Soverosa!

— Soverosa! — responderam os desconhecidos, dando passagem.

— Matae-os! — bradou o rei, apparecendo na curva do caminho. — Darei a quem os matar o melhor dos meus castellos!

Pobre Sancho! Ainda d'esta vez não foi obedecido! Os que abriram caminho aos fugitivos eram commandados por Vasco Gil, irmão do ministro valido, que ía, como promettêra a Estevão Sanches, leval-os a Arriel, cujo desastre ignorava. Reconheceu a rainha, é certo; mas vendo tambem as cores de sua casa, e ouvindo o grito dos seus, julgou, ou fingiu julgar, que a empreza, qualquer

que fosse, era dirigida por seu irmão; e absteve-se prudentemente de intervir n'ella.

—Vasco Gil!—exclamou D. Sancho, conhecendo-o.—Levam a rainha roubada!

—Quem, senhor?! Como podem leval-a sem ella querer?

—Os do infante—respondeu o rei;—vão disfarçados com as cores dos vossos homens. Darei o melhor dos meus castellos a quem me trouxer D. Mecia e o seu roubador, vivos ou mortos!

E o enfurecido principe continuou a correr e a offerecer em vão o melhor dos seus castellos!

A rainha ía roubada por sua vontade, como elle bem sabia; e os seus proprios valídos foram, talvez, coniventes no rapto, o que Sancho de certo ignorava.

Vasco Gil correu tambem com o monarcha depós os fugitivos, mas sem o enthusiasmo que denuncía a sinceridade de proceder. A unica demonstração de respeito, que ainda deu ao seu soberano o irmão do valído, foi offerecer-lhe um capacete e lançar-lhe o seu manto aos hombros, pedindo-lhe que o apertasse para se cobrir melhor.

Depois de outra hora de galope, em que todos, cavallos e cavalleiros, começavam a fraquejar, a estrada apresentou de repente uma ladeira extensissima, e no cimo d'ella avistava-se um novo troço de gente armada. D. Sancho começou, ainda de longe, a fazer gestos e a clamar:

—Matae os traidores! Matae os traidores! Darei o melhor dos meus castellos a quem m'os trouxer vivos ou mortos!

A comitiva da rainha julgou-se perdida. Os que estavam no alto da estrada viam perfeitamente, que os dezeseis cavalleiros e a dama fugiam, perseguidos pelos outros. Apesar de não ir o rei vestido e armado como convinha á sua dignidade, facilmente se percebia, pelo respeito com que o tratavam os seus, que era elle quem guiava os perseguidores.

Portocarreiro, considerando o novo perigo superior a todos os passados, mandou metter a rainha no centro e continuou a carreira sem affrouxar, disposto a abrir caminho com a espada, se d'esta vez falhasse o estribilho de—Soverosa! Soverosa!—Porém, quando se approximava do cimo da ladeira, pareceu-lhe que não eram tropas reaes as que esta-

vam ali paradas; e, renascendo-lhe de subito a esperança, perguntou-lhes:

—Por quem, cavalleiros?

—Por D. Affonso de Portugal!—lhe responderam.

Um immenso clamor de alegria acolheu estas palavras, e os fugitivos, arrancando as divisas e distinctivos de Martim Gil de Soverosa, deram-se a conhecer aos seus correligionarios.

Ao mesmo tempo o rei, que não tinha ainda conhecido os seus vassallos rebeldes, gritava pela ultima vez:

—Matae-os! Darei o melhor dos meus castellos...

Não póde concluir a phrase. O cavallo em que montava caíu morto para o lado, victima da violencia da corrida e dos mil golpes de adaga, que recebêra do seu impaciente e desesperado cavalleiro!

—Outro cavallo!—bramiu Sancho, erguendo-se.—Correi todos!...

—Senhor, que são inimigos!—observou Vasco Gil.

O rei olhou e viu o corpo de tropas, que era muito superior em numero aos da sua comitiva, tomando attitude hostil. Então,

aquelle homem, que tinha andado quatro leguas a galope, sem sentir que viera quasi nú, sobre a fria armadura de ferro do cavallo; que passára a vida inteira nos campos de batalha, para alargar os limites do seu reino, com gloriosas conquistas; e que teria sido um grande rei, se tivesse tido melhores e mais fieis conselheiros; vendo-se quasi despojado do reino, por seu irmão, e desamparado por sua mulher, chorou!... As suas lagrimas, porém, não acharam echo nos peitos desleaes dos que as presencearam! Só os gritos de triumpho cobarde, dos que lhe levavam a esposa, responderam aos seus gemidos; e Sancho sentiu vagamente, que chegava ao termo do seu reinado.

Todos os que o tinham visto, cego pela ira, correndo n'aquelle trajo em perseguição dos raptores, disseram que estava justificada a loucura, que lhe imputavam, e o titulo de curador do reino tomado por seu irmão!

Dois annos depois morria em Toledo o desthronado principe, assistido por pouquissimos amigos, entre os quaes não estava o valído Martim Gil, que, segundo a tradição, fôra um dos que mais contribuiram

para a sua ruina, e talvez connivente no rapto da rainha!...

Affonso III reinava em Portugal. D. Mecia Lopes de Haro vivia em paz, rodeada de parentes e amigos, no castello de Ourem, que, com o de Torres e outros, lhe fôra dado, em paga da sua ignobil renuncia aos direitos de esposa e de rainha!

No dia em que o alcaide de Coimbra, Martim de Freitas, depois de ter ido a Toledo certificar-se da morte do seu rei, abriu as portas da cidade ao exercito do conde de Bolonha, entrou ali, conduzido n'umas andas, em resultado de feridas recebidas durante o assedio, o nobre cavalleiro D. Raymundo Viegas Portocarreiro.

Sentindo proximo o termo da vida e pesando-lhe na consciencia muitos dos actos que durante ella praticára, fez como todos os grandes homens do seu tempo, que não recuavam diante de nenhuma especie de crime, confiados em que bastava a absolvição do confessor, dada á hora da morte, para que suas almas entrassem lavadas e consoladas no céu.

Raymundo Viegas pediu um padre, que lhe foram buscar a Santa Cruz, e confes-

seu-se devotamente, referindo quanto lhe pareceu que necessitava ser perdoado. Depois de ter concluido, estranhou que o confessor permanecesse mudo, como se esperasse ainda mais revelações.

— Acabei, meu padre — disse com voz fraca o moribundo.

O padre, conservando o capuz meio caído sobre o rosto, levantou-se, contemplou o doente longo tempo em silencio e murmurou:

— E são taes homens, que pretendem reformar os costumes do reino e curar os males publicos?! Como serão os outros, sendo este dos mais dignos?! Pobre Portugal! Infeliz Sancho!

E inclinando-se para Portocarreiro, tomado de repentina exaltação, gritou-lhe:

— Sabes que o incendio do castello de Arriel se communicou á povoação, e que não escapou uma só casa?!

O cavalleiro ergueu-se a custo sobre um dos braços, e interrogou-o com o espanto nos olhos:

— Arriel?!

— Sim; queimado tambem por tua culpa!

— Padre! — exclamou o moribundo — Quem sois?... Ai! Sinto-me morrer... Absolvei-me! Absolvei-me!

— Meu Deus! — suspirou, acalmando-se o religioso. — Nada custa tanto como perdoar!... E, todavia, se o pae se commoveu e perdoou, diante do cadaver da victima, com que direito pretende o confessor mostrar-se agora implacavel?! O mais criminoso fui eu... Oh minha filha! Oh meu rei!...

E deitando para trás o capuz, ajoelhou-se e lançou a absolvição ao moribundo.

— Elle! — exclamou, erguendo-se com supremo esforço, e ajoelhando-se tambem, Raymundo Viegas Portocarreiro. — Perdão! Per...

A palavra expirou-lhe nos labios. O movimento gastára-lhe o tenue resto de vida; e a alma, fugindo-lhe pelas feridas, deixou o corpo na posição que tomára, amparado pelas almofadas e travesseiros da cama.

O confessor curvou suavemente a cabeça sobre a borda do leito, como se estivesse orando. As pessoas que em seguida entraram no aposento, acharam ali dois cadaveres, ajoelhados um defronte do outro.

# VI

# SALVADOR ROSA

---

**Drama original portuguez em 5 actos por Bartholomeu de Oliveira Dias e Sousa**
**Lisboa, imprensa nacional, 1872**

Ha trinta e tantos annos que no velho theatro da rua dos Condes foi saudado o drama *Um auto de Gil Vicente* como bandeira de reunião de todos os talentos da nova geração litteraria. A recente creação do conservatorio, o começo da edificação do theatro de D. Maria II, a manifestação e educação de actores excellentes, e, sobretudo, a efficaz iniciativa do Garrett, que a tudo isso animava do coração, justificavam o apparecimento das numerosas peças, com que os bons engenhos de então se empenhavam em corresponder aos desejos do mestre, auxiliando-o na formação de um repertorio nacional.

Hoje, porém, não ha nenhum incentivo que attráia para a scena portugueza os novéis talentos. Morreu o grande poeta, cujas

obras primas tinham o poder portentoso de tornar indiscutivel a auctoridade do chefe: e após elle foram indo, lentamente, como que attrahidos pela sua sombra illustre, os grandes artistas que ajudou a fazer e que deram realce ás suas peças: Epiphanio, Soller, Sargedas, Tasso... genios gloriosos, substituidos depois, com rarissimas excepções, pela mediocridade empavezada e pela ignorancia vaidosa!...

Com os artistas desappareceram tambem os auctores. Os que não emmudeceram sob as lousas das sepulturas, sumiram-se nos campos das parcialidades politicas—sepulturas não menos reaes de tantas e tão viçosas vocações litterarias! Se algumas vezes se escuta ainda, de longe em longe, no palco profanado por traducções mascavadas, a voz impotente de um ou outro maniaco pelas glorias da scena nacional, raro acode alguem ao chamamento. Repete-se que não ha theatro portuguez, e consideram-se essas demonstrações de patriotismo incomprehendido como tentativas desesperadas, protesto inutil de soldados valentes, que depois da perda de uma batalha dão ao acaso os ultimos tiros antes de quebrar as armas!

Commemoremos o recente apparecimento de um d'esses poucos campeões generosos da desventurada causa da arte dramatica em Portugal; de um poeta, que não precisou de exemplo ou estimulo, e que sem saber até se ao menos lhe representariam a sua obra, a imprimiu em livro, para firmar as suas opiniões com mais solemnidade. A perspectiva do desdem ou da inveja, da calumnia e do odio, que a miude esmalta o caminho dos escriptores, não conseguiu intimidal-o, desviando-o do seu proposito.

Lastimemol-o, admirando-o.

É necessario que o amor das letras tenha penetrado bem fundo no coração d'esse homem: que uma vocação pronunciada, uma paixão das que cegam ás vezes os melhores espiritos, lhe tenha subjugado por tal modo as faculdades da alma que o prive de apreciar o tempo e a terra em que vive!... Saudemol-o, comtudo, esse novo Goetz de Berlinchingen, que tenta generosamente oppor-se á torrente de decadencia, em que o theatro portuguez vae rolando para o abysmo. Vão esforço será o seu; mas nem por isso é menos digno de ser celebrado, n'esta quadra de indifferentismo e de inercia!

O sr. doutor Bartholomeu de Oliveira Dias e Sousa é um moço de menos de trinta annos, que, depois de ter começado em Coimbra o curso de direito, se viu forçado a interrompel-o, para ir procurar fóra do paiz allivios de um padecimento asthmatico pertinaz. Filho de um homem distincto pelas suas virtudes e saber, que serviu o seu paiz nobremente com a espada e com a penna, o sr. Bartholomeu de Oliveira Dias e Sousa desejava possuir, como seu pae, um diploma dos que se não devem ao favor e ao acaso. Depois de ter percorrido diversas cidades da Europa, procurando um clima favoravel para a sua saude, fixou-se em Louvain e ali completou os estudos superiores, defendendo these brilhantemente, no anno passado, com geral applauso dos seus professores e admiração dos condiscipulos.

Consagrando, desde tenra idade, as horas vagas do estudo ao culto secreto das musas, que tambem outr'ora captivaram seu pae, ellas o aconselharam um dia para que se estreiasse como auctor dramatico, promettendo amparar-lhe a vocação.

Que melhor assumpto para um poeta do que a vida de um artista como Salvador

Rosa?! Estudar aquella existencia revolta, atormentada desde o berço pela miseria e pela fome; pela chamma do genio e pelo amor da gloria; pelo orgulho da riqueza e pela saciedade!....

Desenhar o caracter de um homem, que foi poeta, aprendiz de clerigo, musico, actor comico, salteador, soldado e pintor immortal; que principiára a sua carreira, dormindo pelos campos de Napoles, nos tumulos arruinados de Bauli, nas encostas do Vesuvio e do Pausilippo; que, depois de lutar longo tempo com a miseria e a inveja, conseguiu, emfim, tornar-se rico e universalmente respeitado; e que, quando a morte lhe roubou o fogo divino, o mais nobre dos templos de Roma, Nossa Senhora dos Anjos, edificado por Miguel Angelo nas thermas de Diocleciano, lhe offereceu um tumulo tão digno do seu genio glorioso como o fôra para o de Rafael o Pantheão de Agrippa!....

Era, com effeito, para tentar um quadro animado por essa poderosa individualidade, tendo por moldura o Vesuvio e a bahia de Napoles, os Abruzzos e Florença!

O auctor do drama apresenta-nos o seu

heroe nos Appeninos, estudando a natureza e sonhando com o futuro; vivendo entre salteadores animados pelo amor da independencia napolitana; querido por todos elles, e amado por Paula Grimaldi, filha do almirante genovez Maffio Grimaldi, disfarçado em capitão de bandidos.

Não corresponde o artista ao sentimento que inspira. Paula é requestada por outro homem a quem despreza; e esse, suppondo que o unico obstaculo, que o impede de ser acolhido, é Salvador, tenta assassinal-o, despenhando-o n'um precipicio. Milagrosamente salvo do perigo, o artista reapparece aos olhos do assassino, que desde esse momento lhe vota um odio implacavel.

Depois de varias peripecias, todas engenhosamente combinadas, o protagonista parte para Napoles, onde o chama seu pae moribundo, e acaba a exposição com o primeiro acto.

No segundo o pintor trabalha e padece.

A fome atormenta-o, conjunctamente com os sonhos de gloria. O seu quadro, representando *Agar no deserto*, que elle espera vender para com o producto dar honrada sepultura ao corpo de seu pae, é marcado

com uma punhalada pelo ciume d'aquelle que julga o auctor seu rival; e em seguida leva-o a apaixonada Grimaldi ao artista Lanfranc, então de passagem por Napoles.

A este tempo revelam-se as primeiras aspirações de Masaniello, para libertar a sua patria do jugo dos hespanhoes; e Salvador associa-se ao pescador de Amalfi, jurando-lhe que acudirá ao seu chamamento na hora do perigo.

No terceiro acto vemol-o na côrte do grão-duque Fernando II, em Florença, para onde fôra estudar, protegido por Lanfranc. Ahi o rodeiam os homens illustres do tempo, que os Medicis se compraziam em proteger e animar, para lustre e gloria do seu throno. Galileu, Torricelli, Viviani, Castelli, Cavalieri, Chiabrera, Pedro de Cortona, San-Giovanni—poetas, pintores, mathematicos—os nomes mais celebres nas artes, nas letras, nas sciencias e na nobreza do sangue, grupam-se á roda de Salvador. Uns admiram-n'o, outros deprimem-n'o, por inveja; e alguns, mais raros, o amam sinceramente.

Ahi se lhe reparte, emfim, o coração entre o amor da gloria e outro sentimento mais terno e suave; mas não é inspirado por

Paula Grimaldi, que tenta, sempre em vão, fazer-lhe comprehender que não é como irmã que o ama!

Lucrecia, uma notabilidade do theatro, modesta e virtuosa, domina a imaginação do artista e subjuga o homem. O grão-duque interessa-se pela felicidade de ambos; e, receiando talvez que fossem perdidos para a arte, os momentos consagrados pelo amante apaixonado para combater os obstaculos, que se oppozessem á sua união, pretende casal-os immediatamente. Ao mesmo tempo concede ao artista uma das salas do seu palacio, para que elle a immortalise com os pinceis.

Repentinamente, chega um aviso de Masaniello. O grito da patria afflicta, invocando o auxilio de todos os seus filhos, quebra o encanto e afasta para longe a perspectiva da proxima ventura do artista.

Assim como o amor da mulher vencêra o amor da arte, o amor da patria — o mais energico e tenaz de todos os sentimentos do homem — venceu o amor da mulher.

No quarto acto assistimos ao desfecho da mallograda revolução napolitana, que termina com a morte de Masaniello. Salvador, depois

de ter combatido como um heroe, vendo os seus compatriotas curvar novamente o collo ao jugo estrangeiro, exclama, arrojando a espada:

— «Desgraça e vergonha! Já não tem filhos a minha patria! Oh! arte, arte, d'ora avante todo a ti me entrego! Só tu não engeitas os que te amam!»

Regressa o artista á côrte de Ferrara, onde o achâmos, no quinto acto, já opulento, e respeitado até pelos que d'antes o deprimiam. O grão-duque honra-o com a sua amisade; os soberanos estrangeiros empenham-se para obter os seus quadros; a mulher que amava deu-lhe a mão de esposa.

Na sua felicidade ha apenas uma leve sombra; é o desapparecimento de Paula Grimaldi. Mas, como se a fortuna quizesse indemnisal-o das contrariedades que padecêra, no principio da sua carreira, tambem a triste repudiada reapparece por fim, resignando-se de o haver perdido.

Genovino, o traidor da peça, e amante desdenhado de Paula, é indultado por pedido do proprio que elle tantas vezes tentou assassinar; e o auctor deixa o protagonista, no momento em que a posteridade toma

conta d'elle para coroal-o com os louros do triumpho.

De proposito nos abstivemos de entremear n'esta rapida resenha algumas palavras de apreciação. Seria de mau effeito cortar o breve resumo, que fizemos do entrecho do drama, com as reflexões, que teem agora aqui mais natural cabimento.

Poderá considerar-se o *Salvador Rosa* trabalho perfeito, como composição theatral? Fôra absurdo affirmal-o: a perfeição absoluta não existe em cousa nenhuma feita pelos homens. Póde-se, porém, e é dever aconselhar o auctor a que aproveite a sua indubitavel vocação dramatica, visto que o não assusta o deploravel estado de abatimento a que chegou a scena portugueza.

Este seu primeiro ensaio tem defeitos de inexperiencia, que a observação e o estudo devem corrigir. Afigura-se-nos demasiado extenso; e as personagens secundarias, por muito numerosas, prejudicam por vezes o interesse, que deve accumular-se sobre as principaes. Conviria tambem que nos finaes de alguns actos houvesse maior movimento, mais rapido e mais dramatico. Nem sempre o que é excellente para se ler n'um livro

produz bom effeito no theatro; e não raro se sacrificam os pedaços mais bellos de estylo, e mais prezados pelo proprio auctor, ás conveniencias da scena.

Digâmos, porém, com Voltaire, que fazemos estas reflexões para interesse da arte e não para atacar o artista.

Verum ubi plura niteant in carmine, non ego paucis
Offendar maculis.

Disse o mestre; e nós traduzimos, com perdão d'elle:

Que importam leves defeitos
Onde ha tantas formosuras?

O auctor escreve quasi sempre em linguagem portuguezissima, estylo fluente, claro e agradavel. Lê-se com prazer o seu livro; e admira-se a facilidade com que sabe prender a attenção, sem recorrer ao auxilio de intrigas extraordinarias ou impossiveis. Os seus meios são simples e naturaes: a acção, matizada com os successos, que n'ella se encadeiam, está sempre em harmonia com o viver dos que a teeem; as personagens são, em geral, muito bem desenhadas. E é notavel n'este ponto o talento do au-

ctor, que logo desde os primeiros traços accentua vigorosamente as feições de qualquer figura. Salvador sobresáe, como é natural, acima de todos. Masaniello foi igualmente retratado com o esmero que requeria tão poetico revolucionario. Em todas as pessoas do drama, sem excepção das mais insignificantes, se vê a notavel qualidade que tem o poeta para o desenho dos caracteres. Lembram as aguas-fortes do seu protagonista.

São verdadeiros e possiveis os sentimentos e paixões, que jogam e se combatem n'esta peça; engenhosamente preparadas as situações, e bellissimos por vezes os contrastes que d'ellas resultam, desde o primeiro acto. O sublime sacrificio que Salvador faz á patria, no momento em que o amor da mulher amada e as honras ambicionadas lhe offerecem facil conquista, tem a grandeza epica dos tempos antigos, em que o patriotismo não transigia com qualquer outro sentimento humano. A indignação com que arroja a espada, vendo-se desamparado na luta contra os algozes do seu paiz, e com que protesta consagrar-se á arte, é naturalissima. O perdão, comprado para o seu im-

placavel inimigo, á custa de uma obra prima, que pouco antes recusára vender ao rei de Hespanha, completa admiravelmente a physionomia do grande artista.

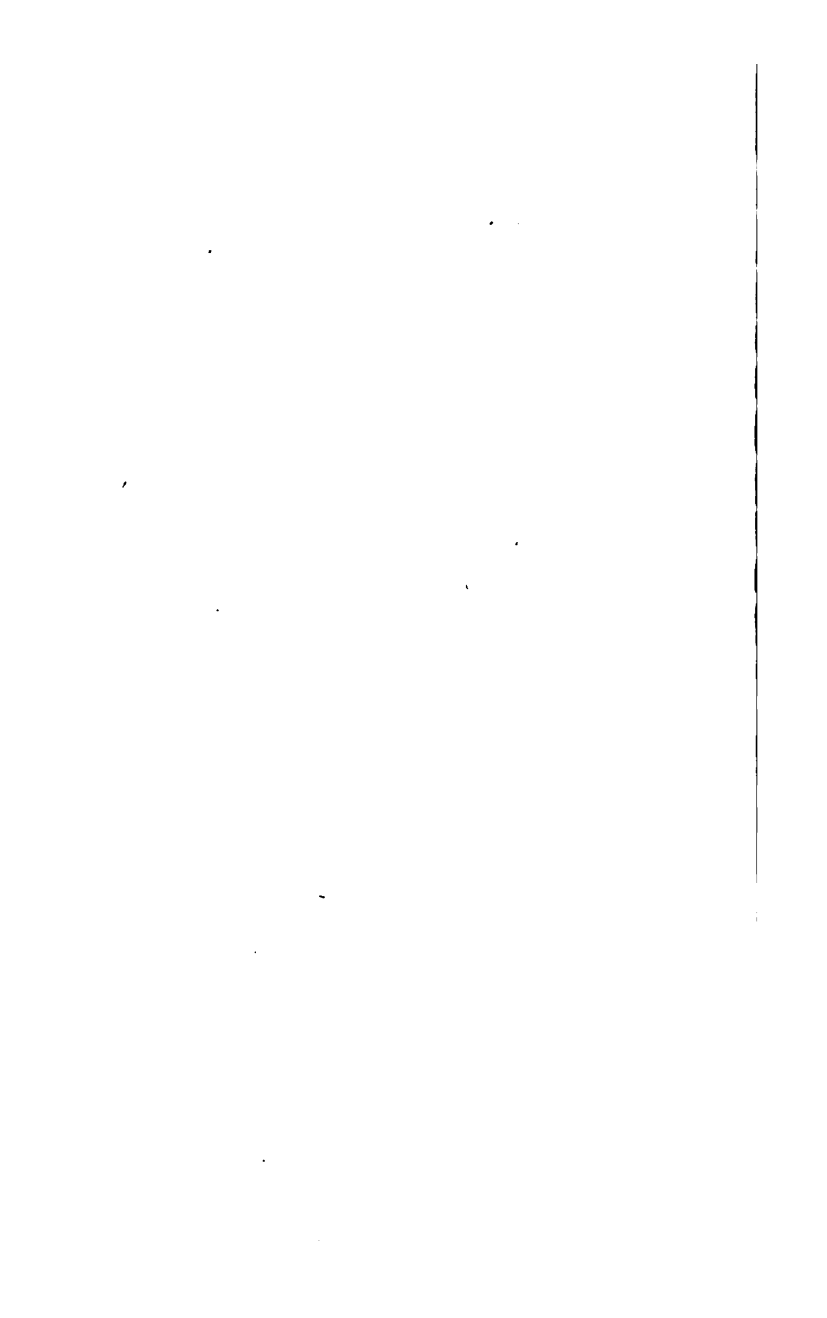
Apontar todas as bellezas do drama, seria quasi transcrevel-o. Concluiremos, pois, asseverando, que o *Salvador Rosa* é, na nossa humilde opinião, uma obra litteraria digna de ser lida e festejada por todos os que prezam as letras nacionaes. A esses ousâmos recommendal-a, para que o auctor, estimulado pelo acolhimento feito á sua primeira tentativa, não esmoreça no principio da carreira, privando o paiz dos bellos fructos que promettem os seus talentos.

1872, 27 de julho.

# VII

# AVENTURAS DE UM DEFUNTO

---

A HENRIQUE FERREIRA DE PAULA MEDEIROS

# I

João Izidro vendia carne secca e feijão preto no Rio de Janeiro. Tinha ido pequeno para o Brazil, e um dia, de repente, fez-se ambicioso. Assentou de nunca mais escrever á familia sem ter juntado dinheiro sufficiente para comprar os bens do Galante, quando voltasse á sua aldeia, e fazer um palacio, no sitio onde fôra a modesta casinha de seus paes. Estes magnificos projectos nasceram-lhe quando viu o patrão comprar um titulo e dispor-se a largar o commercio de seccos e molhados da rua do Rosario. João Izidro desembarcára no caes dos Mineiros com soccos de amieiro e calças de bombazina; mas fôra-se transformando pouco a pouco, e ao cabo de alguns annos já não consentia que lhe tosquiassem o cabello á maneira dos

frades leigos, e usava uma niza de ganga azul, que lhe não ficava de todo mal.

Ao tempo em que lhe acudiu a idéa de não tornar a corresponder-se com os parentes, antes de enriquecer, tinha vinte e cinco annos.

O patrão era pae de uma menina galante, a qual tocava piano, cantava e lia romances em lingua franceza. João Izidro, de tanto ouvir no armazem o piano tocado no primeiro andar, acabou por sentir-se profundamente apaixonado pela musica, e começou a arregalar os olhos para a joven sinhá. Os compradores achavam-n'o sempre distrahido. Pediam-lhe duas e tres vezes os generos, e saiam por fim aborrecidos, indo compral-os a outra parte. As vendas diminuiram; o feijão entrou a crear môfo, e a carne tornou-se ardida.

O visconde, resolvido a largar o estabelecimento, não descia já ao armazem senão por acaso e sempre de corrida; mas estava costumado a receber todas as semanas o producto do seu commercio, e notou com espanto que elle ia minguando n'uma progressão rapida e assustadora. Foi ao armazem e pediu explicações ao caixeiro.

João Izidro, que meditava desde muitos mezes um plano gigante, apanhou a occasião no vôo, e convidou cortezmente o patrão para que se sentasse, porque tinha precisão de lhe fallar.

Sentou-se o fidalgo do feijão preto, assombrado com os ares do seu famulo. Este, tomando uma attitude respeitosa, poz a mão direita no peito, como para affirmar melhor a sinceridade das suas expressões, e começou assim:

—Ha oito annos que tenho a honra de servir n'esta casa, sob as ordens de tão distincto e conspicuo patrão...

O visconde abriu enormemente os olhos. O estylo de João Izidro aparvalhava-o.

O caixeiro proseguiu:

—O sr. visconde está deslocado aqui. Depois da sua elevação á nobreza, não póde continuar com o ignobil trafico do feijão e da carne secca.

—Effectivamente...—gaguejou o patrão, cada vez mais abysmado.

—Ora eu—continuou João Izidro—tenho pensado seriamente no que lhe convem...

—Ah!

— É verdade. Ajudei-o a ganhar parte do seu dinheiro; fui sempre seu amigo e da familia; e aqui me tenho creado mais como filho do que como caixeiro.

— Não ha dúvida.

— Portanto, parece-me... visto que já estou de dentro... que podia ficar de vez...

— Como se entende isso?

— Entende-se que... não desgósto da menina Leonor; e casando com ella...

O visconde deu tão enorme salto, que foi bater com a cabeça no tecto, que era baixo, e tornou a caír na cadeira.

— Ah!... — rosnou elle — não desgostas?!

— Posso até affirmar, com palavra de cavalheiro, que gósto muitissimo. Isto explicará a v. ex.ª a pouca solicitude dos compradores pelos nossos feijões. Passo a vida a olhar para a sua encantadora filha. Depois do nosso casamento, o sr. visconde podia retirar-se para o reino, onde ha de fazer figura; e eu, que sou ainda rapaz, ficava cá, á testa do negocio, com a casa em meu nome, para que lá lhe não jogassem alguma chalaça...

— Não era mal lembrado...

— Se por ventura lhe custasse, como é natural, a separar-se da menina, por não ter outra filha e estar viuvo, iriamos todos.

— Tambem podia ser... Olha, eu não te posso dar agora a resposta; mas, á hora do jantar, fallaremos lá em cima.

— Pois sim, senhor.

O visconde saíu embatocado, e foi pôr-se a passeiar no caes dos Mineiros, esperando que o ar do mar lhe fizesse bem ao embatocamento.

João Izidro correu para os fundos do armazem, bateu as palmas, e disse á preta cozinheira, que no primeiro andar acudíra ao chamamento:

— A menina, que chegue ahi, depressa!

Veiu Leonor, e elle gritou-lhe:

— Fallei ao papá.

— Ah!... sim?... A respeito de quê?

— Do nosso casamento.

— Do nosso...? Que horror! Um lorpa!...

E caíu para trás com um chilique, tapando a cara com as mãos e gritando ás pretas, emquanto perneava:

— Fechem essa janella!

João Izidro ficou passado.

— Metti-me em boa! Lerpa?! Então para que se ria quando eu lhe piscava os olhos?! E está sempre ao piano, por saber que eu gósto de a ouvir! Nada.... isto agora foi brincadeira d'ella, para me assustar.... E que fosse ou não, em o pae querendo, a cousa faz-se. Elle não se mostrou muito avesso ao meu projecto. A sua admiração proveiu de me ouvir fallar bem, porque não sabe o que eu tenho aproveitado, depois que sou socio do Gabinete de Leitura.

Chegou a hora do jantar. O moço ambicioso subiu a escada, com a quasi certeza de que ia encontrar Leonor a rir-se do susto que lhe pregára. Mas não a viu á mesa, onde era costume estar quando elle entrava. O patrão tambem ainda não apparecêra no seu logar. João sentava-se, quando uma das escravas lhe veiu dizer que o pae senhor chamava por elle ao quarto.

— Estão ambos á minha espera, para se ventilar a questão — pensava elle, entrando no gabinete.

O visconde estava só. Era homem de quarenta e oito a cincoenta annos, robusto e solidamente constituido. Nunca tinha tido doenças, e no arruamento citavam-n'o pela

sua força colossal. Assim que o caixeiro entrou, o patrão fechou a porta e metteu a chave na algibeira. O rapaz notou esta circumstancia, como particularidade suspeita.

— Vossemecê não se lhe dava de casar com uma viscondessa, que póde aspirar á mão de um ministro de estado, hein?!

Antes que o pobre diabo tivesse tido tempo de responder-lhe, ou de se pôr em guarda, o desalmado fidalgo empolgou-o pela golla da niza; levantou-o do chão, e pegando com a outra mão n'uma canna da India, assás grossa, principiou a servil-o de boas bengaladas.

João Izidro apanhou as primeiras com dignidade; mas como o patrão não parava, perdeu a firmeza e deu gritos horriveis.

N'aquelle tempo ainda se podia desancar á vontade qualquer caixeiro. Por muito que elle berrasse, não se incommodava a policia, nem a justiça, para acudir ás afflicções alheias. Quem lhe doia, gritava. Era o unico direito das victimas. E esse mesmo, derivava de não haver quem fosse á mão aos algozes. O povo, que ouvia os brados e lamentos, parava, ás vezes, indignado, defronte das portas, onde se fazia a execução.

As auctoridades não intervinham, senão em caso de ser necessario dispersal-o, por elle manifestar, n'algum impeto de generosidade, a sua desapprovação.

— É o senhor a surrar o escravo — diziam uns.

— É o patrão a bater no caixeiro — emendavam outros.

E tudo estava dito.

Se o caixeiro tinha quem se doesse por elle, fazia-se-lhe corpo de delicto e intentava-se acção de querela. Era ainda um meio de aggravar as suas circumstancias. Gastava dinheiro inutilmente. O patrão sempre achava maior numero de amigos, e a cousa atabafava-se.

Entende-se que toda esta indifferença das auctoridades, tinha logar, principalmente, quando a pancadaria era em lombos portuguezes...

O visconde sovou, pois, muito á sua vontade o pretendente da filha; e só quando o sentiu sem accôrdo é que o largou, dizendo:

— Oh! com os diabos! parece-me que dei de mais!

O infeliz caixeiro foi levado em charola, pelos escravos, para a cama que tinha no

armazem. Não ousou o cruel patrão mandal-o para o hospital, nem pôl-o immediatamente na rua, com receio de que a cousa fizesse barulho e perigasse a reputação da filha. Ordenou portanto que um preto lhe servisse de enfermeiro e o substituisse ao mesmo tempo no estabelecimento.

Quando João Izidro tornou a si, cuidou que tivera um pesadêllo. Em breve, porém, se desenganou, querendo mexer o corpo e sentindo as dores atrozes das bordoadas. Abriu os olhos, e imaginou, então com maior fundamento, que sonhava devéras. A mulher, por amor de quem fôra tão barbaramente tratado, estava de joelhos a seus pés, com o rosto inundado de lagrimas!

João tornou a fechar os olhos; mexeu, com doloroso esforço, uma das mãos, para poder beliscar-se; e reconheceu, pela segunda vez, que estava acordado. Quiz fallar, porém a recordação pungente dos ultimos acontecimentos aconselhava-o a ser prudente e reservado. Limitou-se, pois, a olhar silenciosamente para a bella, que o contemplava com melancolico enlevo.

No dia seguinte desappareceu a filha do visconde, em companhia do... lorpa.

Feliz João Izidro! Por duas ou tres duzias apenas de bengaladas, apanhou aquella que até ali fôra rebelde aos seus esgares e tregeitos amorosos!

Singularidades do coração feminino.

Aviso aos paes: Nunca batam nos pretendentes, de quem as filhas não gostem.

Conselho aos amantes: Em caso de desdem, arranjem uma boa tunda, á vista da namorada.

O visconde vasculhou montes e valles, sem conseguir descobril-os.

Passado pouco tempo, recebeu duas cartas. A primeira continha estas palavras:

«Senhor visconde: Esqueçâmos o passado, e acceite-me por filho. Ninguem se devia lembrar mais do que eu... mas só guardarei memoria da sua bondade, dignando-se v. ex.ª perdoar-nos, e querendo abençoar em mim o seu genro=*João Izidro.*»

—Inferno!—bradou enfurecido o fidalgo do feijão preto.

E leu a outra missiva, que dizia assim:

«Meu querido pae: Sei que v. ex.ª pretendia casar-me com o ministro, e que as negociações estavam bem encaminhadas. Eu tambem gostava: sou mulher, e por isso

não destituida de vaidade. Mas a sua bengala de canna da India resolveu o contrario. A proposito: peço-lhe que a troque por outra mais maneira, porque póde matar algum preto, e diminuir d'esse modo os seus haveres. O João ainda tem algumas costellas fóra do seu logar, e está todo negro por detrás. Casei com elle por dever de equidade: não tive outro meio de pagar-lhe o que soffreu por amor de mim. Resgatei a falta de meu pae; e elle é assás generoso para lhe perdoar.

«Declaro-lhe francamente, que estou satisfeita por ter arranjado marido por tão extraordinario modo. Meu pae conhece-me, e sabe que nada detesto tanto como a vulgaridade. Ora os ministros são já muito vulgares hoje...

«O João Izidro é o homem que convem ao orgulho de meu pae e ao meu. De hora para hora descubro n'elle qualidades preciosas. O papá tem influencia; arranje-lhe uma commenda. D'aqui a pouco iremos para Portugal: mande-o lá eleger deputado, que é o caminho para ministro... O João tambem ambiciona...»

—O meu dinheiro!—gritou, fulo de

raiva, o visconde da carne secca.—Ah! cachorros!... Primeiro deitarei fogo á casa, á papelada, aos negros, ao diabo e a De...

Não pôde concluir; ía talvez dizer uma blasphemia, quando a morte lhe atirou á cabeça com uma apoplexia fulminante.

## II

O commendador João Izidro veiu para Portugal, dois annos depois, trazendo comsigo um filhinho de poucos mezes, um cão da Terra Nova, e uma aia mulata, que amamentava a creança. A pobre Leonor morrêra, dando-lhe aquelle filho. João Izidro tomou horror á terra onde a perdêra; liquidou os seus haveres; e veiu para a patria com esperanças de consolar-se da sua viuvez, entrando na vida politica.

Dos numerosos parentes, que deixára ao partir para o Brazil, apenas sua mãe vivia ainda. Mas a pobre velhinha estava entrevada e quasi muda. João Izidro ficou desapontado. Contava deslumbrar uma grande parentela, por meio do seu viver ostentoso,

e achava-se só com uma paralytica, meio idiota, que nem mesmo se recordava ás vezes de que tinha aquelle filho.

Era uma dos diabos! Porém o nosso homem tinha rasgos de genio capazes de atrapalhar os maiores sabios. Em vez de comprar os bens do Galante, e de edificar palacete na aldeia onde nascêra, tomou a resolução de escolher melhor localidade para se fazer eleger deputado. Com esse intuito foi alugar casa no interior da provincia, n'um dos concelhos mais populosos, e para lá transferiu provisoriamente a sua residencia, levando a mãe doente, o filhinho, a mulata e o cão Fiel.

Horas depois de installado, saiu a dar uma volta pelos arredores, com o fim de se mostrar aos habitantes, e começar a dispôl-os em seu favor com attenções benevolas e cortezes. Depressa adquiriu sympathias d'aquella gente, que se tem convencionado chamar simples, sendo aliás a mais manhosa em saber explorar o proximo.

Perto do jantar, voltava João contente do passeio, quando lhe pareceu ver através de uns castanheiros, carregados de videiras e cachos, o clarão de um incendio. Affirmou-se

melhor, e reconheceu com terror que era a sua nova casa que ardia. Arremessou-se, como se fosse atirado por um obuz, por cima de paredes e vallados, e chegou á porta no momento em que o cão Fiel saia a correr, com o pêllo chamuscado, trazendo na bôca, pendurado pelos envolvedoiros, o filhinho do commendador. A creança, como se podesse comprehender que o excellente animal a conduzia d'aquelle modo, para lhe salvar a vida, não gritava nem se movia. João Izidro tomou o filho nos braços, beijou-o avidamente, e não vendo a mãe nem a mulata, collocou-o no chão, sobre umas folhas, e precipitou-se para o meio das chammas que invadiam já a sala de entrada.

O cão olhou para o menino, lambeu-o no rosto, conchegou-lhe as folhas com o focinho, para que não rebolasse com algum movimento, e atirou-se atrás do dono.

O commendador conseguira romper até ao quarto da mãe, por entre as chammas que invadiam quasi toda a casa. A doente, meio suffocada pelo fumo, fazia os maiores esforços para levantar-se da cadeira, onde a doença a tinha como cravada; mas todos eram inuteis. A mulata, que momentos

antes viera ali, talvez para salval-a, caíra sem movimento á entrada da porta. João pegou na mãe ás costas e lançou-se, com a rapidez de uma torrente que se despenha, para a escada, já incendiada tambem. O cão agarrou-se á mulata pela roupa, e começava a movel-a para o lado da saída, quando o tecto abateu sobre ambos. Dois gritos terriveis, o da mulher e o do cão, confundindo-se n'um só, retiniram aos ouvidos do commendador, que, meio queimado, vinha novamente subindo, depois de ter depositado a velha paralytica ao pé do neto. Em frente de João havia uma janella; quando elle sêntiu abater a parte do telhado, que o impossibilitava de ir para diante, saltou por ella para o pateo.

Fiel, conseguindo, por prodigios de heroicidade, romper através da fornalha, onde ficára a mulata, precipitou-se após seu dono. Chegando abaixo e vendo este deitado e immovel, sentou-se ao pé d'elle e esperou, apagando com a lingua o pêllo que tinha ardendo.

As chammas continuaram rapidamente a sua obra destruidora. O incendio foi avistado pelos habitantes da aldeia, e pelos dos

casaes mais proximos. Todos acudiram logo com soccorros, mas era já tarde. O espectaculo, que se offereceu aos olhos dos primeiros que chegaram, commovia os menos sensiveis.

A casa estava reduzida a um montão informe de cinzas. No pateo, sobre uma caminha de folhas de milho, dormia um menino de seis mezes; junto d'elle, sentada, a velha paralytica olhava com dolorosa anciedade para seu filho, deitado sem movimento, a poucos passos da creança. O enorme cão da Terra Nova, que se limitou a rosnar quando viu pessoas estranhas, velava á cabeceira do dono. Como se comprehendesse que aquella gente ia com boas intenções, Fiel permittiu que se prestassem a seu senhor os soccorros, que lembraram ás pessoas presentes para restituil-o á vida. Porém João Izidro não tornou a si.

O lavrador, que lhe tinha arrendado a casa queimada, arrepelava-se e praguejava, em voz muito alta, por ter feito contratos com um desconhecido, que provavelmente ficára pobre como Job, e não podia ajudal-o a reconstruir o seu predio, se porventura não estivesse morto. Mas comsigo dizia que

o incendio tinha sido um bom negocio, porque o seguro tinha de pagar mais do que valia a propriedade. Para testemunhar á providencia o seu reconhecimento, ordenou que se agasalhassem na sua residencia a velha e a creança. E, como provedor que era da misericordia, expediu aviso aos irmãos, e ao prior da freguezia, para que no dia seguinte levassem o morto ao cemiterio. No cão ninguem pensou, e todos se foram embora.

Fiel continuou, pois, a fazer sentinella a seu dono, todo o resto da tarde e durante a noite, espreitando-o attentamente, e approximando-se d'elle cada vez que se lhe afigurava tel-o visto mexer-se. Dir-se-ía um cortezão esperando o acordar do soberano, para ser o primeiro que lhe rendesse lisonjas, assim que o visse abrir os olhos. Mas esperou em vão o nobre animal... Seu senhor dormia somno demasiado profundo.

Depois de se ter ido o povo, occorreu ao provedor que parecia mal deixar-se o morto ao desamparo. Chamou um irmão da misericordia, encarregou-o de procurar outro companheiro, e de ir com elle transportar o corpo para a choupana que havia na eira

da casa incendiada, determinando que o velassem de noite, revezando-se. Aquelle que recebeu as instrucções, julgando talvez que não valia a pena incommodar-se, ou parecendo-lhe o cão mais competente do que elle, para guarda nocturno, só no dia seguinte, depois de ter almoçado umas boas migas de bacalhau e bebido copiosa porção de vinho verde, se resolveu a ir com o outro metter o morto na choupana. Fiel víra levar a velha e a creancinha sem murmurar: comprehendêra que era para bem de ambas. Porém, quando quizeram pegar no amo, deu a entender que faria opposição a essa medida. Confiando os irmãos que se elle tivesse realmente alguma intelligencia, não podia deixar de mostrar-se rasoavel, quando visse o esquife, correram a buscal-o.

Entendiam os dois, e bem, que o cão ainda em cima devia agradecer-lhes o trabalho que íam ter, e que lhe cumpria approvar que se mettesse o corpo do amo dentro d'aquelle ataúde dos pobres, visto que não havia com que fazer-lhe enterro apparatoso.

Fiel, surdo a tão boas rasões, advertiu-os novamente, por meio de um rugido prolon-

gado, de que se achava ainda com as mesmas disposições de resistencia, e que seria imprudente e arriscado approximarem-se d'elle. Os homens insistiram, tentando afastal-o com um pau. O excellente guarda, indignado com similhante violencia, e temendo despertar seu amo com latidos inuteis, arrancou a arma ao aggressor, quebrou-a com os dentes, e, querendo fazer sentir bem aos dois temerarios quaes eram as suas opiniões em materia de fidelidade, rasgou as pernas das calças a um, e tirou meio collete ao outro. A sua intenção foi significar-lhes, que, por emquanto, se limitava áquelles actos de moderação; porém, que, se teimassem, ver-se-ía forçado a tratal-os com a severidade que merecesse a sua pertinacia.

Os desfeiteados foram perguntar ao provedor, se deveriam dar um tiro no cão.

— Nada — disse elle. — Um cão assim não ha dinheiro que o pague, e convem-me.

— É que não ha modo de enterrar o defunto...

— Eu lá vou. Chamem os outros dois que teem de pegar no esquife.

O provedor fôra n'outro tempo creador de gado, e vangloriava-se de saber atirar

um laço como mestre. Arranjou uma corda de cabello, metteu na algibeira um naco de brôa, e saiu com os quatro irmãos que tinham de conduzir o cadaver.

Chegados ao pateo, viram Fiel, firme no seu posto, na attitude contemplativa e affectuosa do pae ou da mãe, que se inclinam sobre o berço de um filho adormecido.

Mandou o provedor parar a sua gente, e approximou-se sósinho. O cão advertiu-o, com a consciencia com que o fizera aos outros, para que se abstivesse de qualquer tentativa de violencia.

— Anda cá, Leão! — gritou-lhe o provedor, em ar de festival conhecimento. — Anda cá, meu velho... Coitado!... coitado do Tigre!... Toma lá o almoço.

E atirou-lhe com a brôa.

Fiel deitou para o pedaço de pão de milho um olhar desdenhoso, e nem sequer se dignou ir cheiral-o. Estava sem comer havia mais de vinte e quatro horas.

Que severo exemplo para os que se vendem com a barriga cheia!

— Ah! patife! — murmurou o lavrador, armando o laço. — Querias talvez molléte? Espera ahi, que eu já t'o dou.

—Olhe que se o erra, elle dá-lhe cabo do canastro! —gritou um dos homens.

O outro voltou-se com orgulhosa superioridade para quem lhe fizera a advertencia e respondeu-lhe:

—Não tenhas medo.

Prendeu a ponta da corda a um esteio, e, aproveitando um momento em que Fiel erguia a cabeça, atirou o laço e apanhou-o pelo pescoço. A laçada, feita habilmente, para não afogar o cão, tinha um nó que a impedia de apertar mais do que convinha. Sentindo-se preso, o pobre animal rugiu, como tigre enfurecido, e tentou investir o homem que o prendêra. Mas este aproveitára-lhe a primeira impressão de espanto, encurtando a corda que o afastava do corpo de seu dono, e collocando-se rapidamente fóra do seu alcance.

—Mettam o morto no esquife.

Os irmãos executaram a ordem.

O padre, que chegava n'esse momento, engrolou as orações que se dão aos pobres, e o enterro partiu para o cemiterio. Fiel, vendo afastar-se o prestito, uivou dolorosamente, saltando desesperado, por não poder seguil-o.

o unico meio, que devia dar-lhe bons resultados. Deixemol-o trabalhar e sigâmos o enterro.

O cemiterio da aldeia ficava muito distante. A estrada, que para lá conduzia, não era das que facilitam a ida para as cidades dos mortos. Em Lisboa, por exemplo, a melhor rua e a mais formosa saida da capital dos vivos é a que conduz ao cemiterio dos Prazeres. Quando se contempla a magestosa avenida da morte, dá vontade de ser defunto. Que largura e que belleza em tudo! Calculou-se que era conveniente arranjar as cousas, de modo que os mortos se não enfastiassem com o caminho, nem encontrassem obstaculos, que lhes despertassem a idéa de voltar e vir causar surprezas desagradaveis. Arranjou-se-lhes uma rampa suave, inclinada naturalmente para o lado do cemiterio, com o fim de que por caso nenhum podessem tornar para trás; e construiu-se-lhes um portico tão grandioso, e com tal porta, que, uma vez fechada por fóra, nem mesmo os vivos, se lá estivessem dentro, seriam capazes de arrombal-a!

No sitio, onde ía ser enterrado o pobre João Izidro, é tudo ao contrario. A fregue-

zia rural compõe-se de varias povoações, e o cemiterio está na extremidade opposta á casa incendiada, distante quasi uma legua. O caminho é atroz, escabroso, por entre penédias e urzes, ora estreitando-se a ponto de mal caberem dois homens a par, e alargando logo por uma charneca extensissima e cheia de ondulações no terreno.

O prestito funebre, saindo da aldeia, metteu-se por um carreiro, onde, segundo a expressão popular, Deus nunca tinha passado. Aqui, subia-se uma ladeira quasi a prumo, que fazia descaír o cadaver para trás, saíndo-lhe os pés pelas grades do esquife, e indo bater nos rostos dos conductores, que davam o morto a todos os diabos e blasphemavam contra a misericordia: alem, começava uma descida tortuosa, e igualmente a pique: o corpo escorregava então para diante; e, de uma das vezes, o choque foi tão forte que a cabeça passou através do gradamento, ficando entalada pelo pescoço, com um olho aberto, entre os dois conductores, que estiveram para largar o esquife.

Era uma viagem horrivel! Quasi que se precisava tanta dedicação para ser defunto, como para o conduzir por taes caminhos.

A unica circumstancia, que attenuava a ira dos conductores, era esta reflexão com que se consolavam:

— Quando morrermos nos vingaremos de similhante massada, indo por aqui ás costas de outros, como este patife agora vae ás nossas.

Mas, apesar d'essa desforra em perspectiva, ninguem gostava de morrer n'aquella terra. Todos tinham medo dos perigos por que o seu corpo havia de passar, antes que chegasse ao logar do ultimo repouso, e acautelavam-se prudentemente.

Em vez de subirem ás arvores, para apanhar os fructos, derrubavam-nos á pedrada, succedendo, ás vezes, matarem algum vizinho, o que era triste; mas provava-se que fôra crime involuntario; o jury absolvia o accusado, e o systema continuava, porque tinha a seu favor não ser o que atirava a pedra quem morria. Os habitantes, como eram pobres, e por consequencia sobrios, estavam tambem livres de indigestões. Nunca brigavam entre si nem se encolerisavam. Se um furtava ao outro uma abobora, este vingava-se placidamente, sem barulho nem azedume, furtando duas áquelle. Se qualquer vizinho

mais pechoso dava duas pauladas no cão que o queria morder, o dono, longe de se ir pôr a tomar-lhe satisfações irritantes, que predispõem para apoplexias, contentava-se com desancar-lhe o porco.

Era tudo gente sensata e prudente, sabendo economisar a saude e a vida, pelo simples receio do caminho, que haviam de percorrer depois de mortos.

Citavam-se exemplos de terem alguns velhos da localidade ido suicidar-se ao cemiterio, para se livrarem dos boléus que apanhariam sem essa feliz precaução.

João Izidro fôra, pois, com manifesta imprudencia, metter-se n'aquella povoação, sem indagar primeiro todas estas cousas. Coitado! por isso ía agora pagando bem cara a sua leviandade. Os quatro irmãos da misericordia, que o conduziam, eram uns verdadeiros desalmados. Os de diante davam-lhe empurrões na cabeça, quando descaía sobre elles, a pretexto de que lhes arrumava o peso todo para lá; e os detrás, batiam-lhe murros nos pés, quando íam nas subidas.

Como o sol estava de abrazar, mettiam-se os conductores por baixo das ramadas dos pinheiros, e por entre silvados e espinhaes.

N'uns sitios se rasgavam as roupas, n'outros a carne, e mais adiante a carne e a roupa do misero defunto.

O padre ía adiante, de sobrecasaca e chapéu alto. O garrano em que elle montava tinha por costume rinchar em todas as descidas perigosas, fazendo coro com as pragas dos irmãos da misericordia, e escorregando a cada passo. Então, o abbade, vendo o morto prestes a saír pela cabeceira do esquife, gritava aos seus homens, ameaçando-os com um formidavel cacete que levava:

— Tomem conta n'esse diabo, não me cáia em cima!

O sacristão, que seguia no couce do prestito, de cruz deitada ás costas, á maneira de varapau, e levando enfiada n'ella a trouxa das vestes ecclesiasticas do prior, animava os conductores, dizendo-lhes:

— Vá, vá, rapazes! A venda já não está longe.

## III

O cemiterio e a igreja estão assentes na encosta de uma collina. Por um dos lados

passa-lhes ao pé uma estrada moderna, e pelo outro um dos mais notaveis rios de Portugal.

Quando o enterro saíu do trilho horrivel das montanhas, e chegou á estrada nova, todos os homens soltaram um grito de sincera alegria. Dir-se-ía que o proprio morto tomára a respiração e se estendêra á vontade no esquife.

A meio caminho da subida para o cemiterio havia uma casinha, com seu ramo de loureiro verde, pendurado por cima da porta. Um taberneiro solicito fôra ali estabelecer-se, para refrigerio dos funebres romeiros.

Os conductores de João Izidro pararam diante da venda, por consenso unanime, e arrearam o esquife, sem precauções, deixando-o caír de lado. O defunto, que rolára como se tambem quizesse entrar na venda, ficou preso por uma perna ás grades de trás, e com um braço enfiado nas de diante; entalou-se-lhe a cabeça entre dois balaustres, com o rosto virado para cima, tendo um olho aberto e outro fechado. A bôca, escancarada e á banda, fazia uma careta medonhamente comica.

O abbade atirou-se abaixo do garrano,

com a velocidade do bombeiro que visse arder a propria casa, e enfiou na taberna, clamando:

— Meia canada!

O sacristão, largando a cruz á porta, precipitou-se atrás d'elle, seguido immediatamente pelos outros quatro, e gritando todos ao mesmo tempo, como se foram echos da voz do padre:

— Meia canada!

O taberneiro, homem de cincoenta annos, baixo, bexigoso, de cara patibular, não se ria nunca. D'esta vez, porém, fez excepção á regra com uma visagem roubada aos defuntos.

Serviu os freguezes em canecas de louça vidrada e colorida, tirando dóse igual para si.

— Não se perdem os costumes velhos, hein, tio Simão? — perguntou-lhe o sacristão, piscando os olhos.

— Que remedio?! — rosnou o taberneiro. — Cada defunto paga a sua meia canada.

— Paga um diabo! — gritou o padre, limpando os beiços nas costas da mão. — Dê cá outra meia. O de hoje, talvez não deixe nada. Era firma desconhecida, perdeu

tudo no fogo, e o enterro, como vê, é á custa da misericordia.

—Deixe correr o tempo—tornou o sacristão.—O provedor diz que lhe cheira a homem rico, e que alguem ha de apparecer mais tarde, que nos pague bem a todos. Cá pelo meu voto, fazia-se-lhe enterro de estucha.... É verdade que o sêu prior depois lhe fará as contas. Encommendações, officios, cêra, irmandades e tal....

—Veremos—interrompeu o prior.—Em todo o caso, não adianto agora a meia canada, que costumo dar ao tio Simão. Ainda mais: não pago o que beber hoje, senão quando receber a esportula dos taes parentes, que não se sabe se existem.

O taberneiro deitou um olhar de revés ao padre, respondendo:

—Mau negocio!

—Tem dúvida em fiar?

—Não; mas...

—Sabe que se me veiu offerecer o João da Cerrada para coveiro?

—Ha de dal-as tezas! Com a gente que morre n'esta freguezia, deve fazer fortuna.

—Talvez faça. Não é só como coveiro, que se ganha aqui bastante pecunia.

—Em que mais?

—No negocio da taberninha.

—A casa trago-a eu de renda.

—Traz, sim senhor; mas é da misericordia, assim como a terra pegada a ella. E como o logar de coveiro não póde ser sufficientemente remunerado, é claro que só se renova o arrendamento a quem o estiver servindo.

O taberneiro fez-se pallido; e respondeu, depois de alguns instantes de silencio:

—Então o sr. prior deu o logar a outro?

— Ainda não.

—E tenciona dar?

— Conforme.

—Meia canada!—gritaram como um só homem os quatro irmãos e o sacristão, que, durante a conversa dos dois, haviam esgotado conscienciosamente as suas canecas.

O dono da venda serviu-os, e tornou para junto do abbade, que levava em meio a segunda dóse de vinho. O padre franziu o sobrolho, vendo-o abrir uma grande navalha dè ponta e mola, e pôr-se a embrulhar com ella um cigarro, que tirára da algibeira.

Estava agora mais pallido o vendedor de vinho, que, segundo já sabemos, accumulava tambem o horrivel officio de coveiro. Dava-se dentro d'elle uma d'essas batalhas terriveis, em que tantas vezes é vencida a consciencia do homem pelos seus maus instinctos. O padre olhava-o de soslaio. Sabia que accusavam aquelle miseravel de roubar de noite os vivos, na estrada, e os mortos, no cemiterio. Mas sentia-se ainda robusto e moço (tinha apenas trinta annos); era naturalmente destemido; e a canada de vinho, que levava quasi despejada, redobrava-lhe a bravura. Depois de ter estado como que a sondar os sinistros pensamentos do outro, pegou no pau, que deixára a um canto, e disse ao taberneiro:

— Previno-o, tio Simão, de que não gósto que se me falle de navalha de ponta aberta. O medo não é o meu fraco; e se vossê não sabe quem eu sou, melhor é ir-se para casa do diabo que o carregue, do que expôr-se a que eu lhe quebre a navalha e a cara com este cajado!

— Não é por mal, sr. prior — respondeu o admoestado, fechando a navalha.

— Seja pelo que for. Eu aprendi a jogar

o pau com um mestre celebre do meu tempo, e sou capaz de chegar a outros mais leves do que vossê. Aqui tem o dinheiro do vinho; e de hoje em diante não se faça fino commigo, senão deito-lhe os hombros abaixo.

—Perdoe, pelo amor de Deus! Eu não acceito agora a paga. Depois; quando receber dos parentes do morto... Essa caneca está vasia! Dê-me licença que a encha.

—Vá lá!... Eu nunca tive tenção de lhe tirar a casa, nem o logar de coveiro. Foi uma historia que lhe inventei, por chalaça. Sou seu amigo; e não me convem aqui outro homem senão vossê.

—Oh! sr. prior! Tantos favores! Permitta-me que tome mais uma pinga á sua saude.

E o velhaco, que momentos antes esteve tentado a assassinar o padre, e só mudára de proposito por cobardia, encheu outra caneca e emborcou-a, bebendo de uma assentada todo o liquido que ella continha.

—Meia canada! —gritaram, pela terceira vez, todos a um tempo, os outros cinco homens.

—Ó tio Simão, vossemecê já abriu a cova? —perguntou o sacristão, tartamu-

deando com os primeiros effeitos da embriaguez.

—Porque perguntas isso? Julgas-me capaz de faltar aos meus deveres?

—Nanja isso; mas é que vossemecê está-lhe atirando a valer, e se continuar, d'aqui a bocado não é capaz de levantar a enxada.

—Primeiro has de tu caír. Mas não te dê cuidado. Tenho sempre uma cova feita; e esta manhã, mal recebi aviso, tratei de a abrir, e lá está, que faz appetite. Baldeiem-n'o dentro, que eu, ahi pela volta das duas horas, vou cobril-o.

## IV

O cão Fiel, depois de muito trabalho inutil, reconheceu a impossibilidade de roer a corda de cabello, e deixou-se caír desanimado, com a bôca ensanguentada, junto ao pedaço de pão de milho, que o lavrador lhe deitára. Não podendo seguir seu dono, o nobre animal tomou a resolução de se deixar morrer de fome, para não sobreviver á perda da liberdade.

Havia já alguns minutos que estava pros trado, semi-morto, quando uma lufada repentina de vento, agitando as folhas á roda d'elle, o fez abrir os olhos. O seu olhar, ao principio amortecido e vacillante, foi-se reanimando gradualmente. Havia alguma cousa na sua frente, que produzia essa mudança imprevista. Era um pedaço de barrote que deitava fumo.

Fiel ergueu-se lentamente, e foi examinal-o de perto. Nova rajada de vento, sacudindo as cinzas, descobriu uma ponta da madeira esbraseada.

O cão cravou a vista no lume; e, como se tivesse concentrado toda a sua intelligencia n'esse mudo exame, ficou alguns instantes immovel. Passados poucos segundos, erriçou o pêllo, e soltou um rugido de alegria. Tinha achado o segredo da sua salvação. Raciocinára, ou tivera instincto (como quizerem), que o fogo queima, e que empregando-o a cortar a corda, recobraria emfim a liberdade.

Mas, cruel decepção! a corda não dava comprimento sufficiente: apenas com a bôca podia o captivo chegar á ponta da madeira inflammada! Que importa?! Para os que

querem devéras ser livres, não ha obstaculos invenciveis.

Após breve hesitação, tributo pago pela materia á fraqueza da carne, a força poderosa da vontade, em que ha o que quer que seja de superior e divino, impelliu-o para diante. Fiel abocou o pau abrasado, e puxou-o para si rapidamente.

O valor de que era dotado, não conseguiu abafar-lhe o unico gemido, com que manifestou, involuntariamente, a dor da queimadura. Por desdita sua o barrote não andára bastante; e a bôca ficára-lhe tão queimada, que lhe não permittia expol-a a segunda prova. Voltou-se, e tentou arrastar o pau com os pés. Vão esforço! A fatalidade exigia-lhe que fosse completo o doloroso sacrificio. Resolveu-se pois a começar o trabalho terrivel, encostando á brasa o laço que tinha no pescoço, por ser ahi unicamente que chegava o lume.

O acto de Mutius Scevola, diante de Porsena, foi cousa ridicula e insignificante, comparado com o tormento d'este generoso irracional. Aqui não se queimava a carne para incutir temor, nem por vã ostentação de estoicismo: era, simplesmente, para cor-

tar a corda que retinha o preso longe do cadaver do seu senhor. E isto sem testemunhas, que o applaudissem e celebrassem depois; sem amigos, que o coadjuvassem; e sem patria, ao menos, que o galardoasse!

De vez em quando, para respirar, afastava o cachaço do lume; não ousando comtudo arredar-se ou mexer-se muito, receioso de perder o logar começado a queimar na corda. Em seguida, tornava ao martyrio, gemendo, estorcendo-se, mas teimando sempre corajosamente!

Emfim, a fortuna, que cedo ou tarde premeia os que trabalham, coroou os seus esforços, deixando-o, é certo, cheio de feridas, moido, extenuado... mas livre! E elle comprehendia então que nenhum bem é tão precioso como a liberdade.

Apenas o laço fatal caíu, cortado pelo fogo, Fiel foi direito ao vaso da agua e bebeu copiosamente. Comeu o pão, deixado pelo provedor, mastigando bem, engulindo sem avidez, e bebendo gólos de agua a cada bocado. Depois, sacudiu-se com força, espojou-se duas ou tres vezes, esfregou-se nas folhas de milho, e partiu, trotando como os cães de caça, quando perdem o rasto. A

pouca distancia encontrou o caminho por onde viera para aquelle funesto logar, e seguiu-o, tomando os ventos, com o focinho alongado e a cauda estendida. Passados poucos segundos voltou para trás. Certificára-se de que não tinham ido para aquelle lado os roubadores de seu amo.

Percorreu duas vezes a aldeia. Foi á porta do lavrador, onde estavam a entrevada e o neto; mas não parou senão o tempo necessario para reconhecer que tambem não era ali o seu destino. Ao fim de alguns minutos, em que andou descrevendo circulos successivos, ligados uns nos outros, encontrou as emanações que desejava, e lançou-se a todo o galope no caminho do cemiterio.

Os irmãos da misericordia, o prior, o sacristão e o coveiro attingiam o periodo da ternura vinosa, quando Fiel avistou a taberna. As meias canadas tinham corrido com tanta celeridade, que o padre, apanhando o coveiro um instante fóra do balcão, entrou para dentro, e tomando o logar d'elle, principiou a servir os freguezes, com grande satisfação d'estes e do proprio Simão. Cantavam todos; apertavam-se as mãos; e até já se

davam beijos, ao tempo em que o cão chegou á estrada nova. Ouvindo a algazarra, que elles faziam, julgou o intelligente bicho que não havia grande perigo em approximar-se. Porém, como a desgraça o tinha tornado prudente, saltou para dentro de um vallado, estudou os terrenos circumvizinhos, para assegurar a retirada, e só depois de ter explorado um espesso cannavial, que havia ao pé da casa, é que se chegou a esta. Ainda assim, o circumspecto bruto, ia espreitando sempre por entre as cannas, e caminhava cautelosamente para que ninguem o sentisse.

Reconhecendo, porém, de repente o seu infeliz senhor, meio caido para fóra do esquife, todas as medidas de prudencia, tomadas anteriormente, lhe esqueceram. Mais feliz que o seu emulo, servidor de Xantippo, que vendo o dono partir para Salamina o seguira a nado e expirára attingindo o termo da viagem, o cão de João Izidro sentiu-se reviver á vista do amigo. Precipitou-se para elle, acariciou-o no rosto e nas mãos, e tentou advertil-o, por todos os meios que lhe occorreram, de que estava ali o seu guarda zeloso, e que agora só se o matas-

sem tambem é que o arrancariam de seu lado.

Como João Izidro não desse demonstrações de que o estava sentindo e entendendo, Fiel suspendeu as suas festas, agarrou-o pela gola do casaco, e com incrivel agilidade o foi levando após si para o cannavial, que ficava superior á estrada. Chegando ali, escondeu-o entre as cannas e poz-se á espreita.

Apenas o cão e o defunto se occultaram, saíu o sacristão, a cambalear, da porta da taberna, e encaminhou-se para o esquife, resmungando:

—Irra! Anda-me tudo á roda! Lá vae o esquife tambem fugindo... Se elle passar por aqui, deito-lhe a mão... e não me escapa, o cachorro! Eu não sei como hei de chegar hoje a casa n'este estado?!... Nem já me sinto capaz de subir ao cemiterio!... Que massada!... Ter de ir ainda lá acima!... E se me escapam os pés, rebólo pelo outro lado até o rio!... Fideles, toma tento... Que idéa! Se eu podesse metter-me no esquife, por baixo do defunto?... Elles levavam-me ás costas... e não era má partida! Pois vou... vou fazel-a, que

por meu pé já não dou rego. Eia, como tudo corre ao redor de mim!

A vertigem do vinho derrubou-o, e elle foi rolando até ao esquife, ao qual se agarrou, e depois de grandes difficuldades conseguiu encaixar-se dentro.

—Accommode-se ahi vossê, que nós cabemos ambos... e ainda sobeja!... Ora espera:—dizia elle, apalpando á roda de si—que diacho de historia é esta?! Vossê já cá não está?! Melhor! Com um só, podem elles; com os dois, duvido. É boa! Querem ver que nós já o tinhamos enterrado e eu não me lembrava?!... Pois é o que foi!... Que grande chalaça!... Pschiu! Caluda!... Elles ahi veem... E levam-me para casa!... Estão como cachos, e não dão pela cousa... Oh! Fideles, se lhes pregas esta, digo-te... digo-te... Accommoda-te e dorme, que é o que tu precisas.

E agachando a cara entre as mãos, o excellente sacristão adormeceu immediatamente, como se estivera na cama e em sua casa!

Os outros vinham effectivamente saindo da taberna, todos carregados de vinho como elle. Até nos feitios pareciam odres!

—Vá, sêus mandriões!—dizia o padre, desatando o garrano e abordoando-se no pau para não caír.—Peguem n'elle com alma, e marchem!

—Sêu prior, vossê quer casaca nova?!—perguntava um dos conductores, tentando tomar attitudes de pimpão de feira, e agarrando-se á porta com medo que ella lhe fugisse.

—Espera ahi, que eu te arranjo!—tornou o padre, querendo montar no cavallo, e caíndo de cabeça para baixo pelo lado opposto.—Este diabo não quer estar quieto!—gritou elle, erguendo-se a custo e amarrotando mais o chapéu com os esforços que fazia para tirar-lhe a amolgadella.

O garrano calumniado nem se mexia. Limitava-se a olhar compadecido para o dono, e dizia comsigo:

—Coitado! É tão atreito a isto!

—Não é possivel!—rosnava o prior.—Está a fazer-se mais alto de proposito! É para me não levar!... E talvez tenha mais juizo do que eu. A subida a cavallo é perigosa... Iremos ambos a pé...

Largou o garrano e pegou na cruz, que viu encostada á parede.

— Vamos lá, sêu sacristão de não sei que diga. Eu cá vou andando adiante com a cruz. Aviem-se vossês, depressa.

Os quatro homens, apesar de estarem todos excessivamente embriagados, conseguiram pegar no esquife, e acompanharam o prior, aos ziguezagues. O cavallo, notando que ninguem fazia caso d'elle, foi-os seguindo atrás; os conductores, que lhe ouviam os passos, tomaram-n'o pelo sacristão.

Assim chegou ao cemiterio aquelle singular e estranho prestito, composto de seis bebedos, um cavallo e um esquife.

Não foi sem grandes difficuldades que conseguiram dar com a cova. N'ella despejaram o esquife de chofre, ao som de umas rezas impias, misturadas de pragas, verdadeiro insulto á religião e á moral, com que ali se profanavam os mysterios da campa.

Sentindo-se caír desamparado da altura de metro e meio, o sacristão soltou uma imprecação medonha, que foi abafada pelo grito de um dos conductores a quem o cavallo esmagára um pé:

— Ai! chegue para lá a pata, sêu prior.

— Não fui eu, foi o sacristão — respondeu o interpellado, atirando com a cruz para

dentro do esquife, e fazendo um bordo enorme.

—Puxem para ahi este diabo d'este abbade, senão eu quebro-lhe a cara! —rugiu outro bebedo, dando murros nas ancas do garrano.—Está a empurrar-me para a cova!

—Esse não é o prior—tornava outro;—é o Fideles.

—O Fideles tem rabo?!—interrogava terceiro, pendurando-se á cauda do cavallinho, para não ir ao chão.

—Péga d'ahi, Fideles—dizia o padre, mettendo o cajado á cara do garrano.

—Olhe que é o cavallo!—observou um.

—Qual cavallo?

—O garrano.

—O garrano é o sacristão?

—Não; vossê é que é o chimbéu.

—Hein?

—Puxe para si a besta.

—Valha-os não sei que diga a todos! Corja de estupidos! Mettam o garrano no esquife...

—Sêu prior... vossemecê não está direito.

O padre deitou a mão a um dos irmãos e berrou:

— Ajudem!... Vamos metter o garrano dentro do esquife. Peguem d'ahi, que é boa partida.

— Vá feito! — gritou outro, agarrando-se ao companheiro, emquanto os dois restantes pretendiam pôr o esquife a geito. Mas como as bebedeiras eram enormes, e o que tomavam pelo cavallo escoucinhava, como se realmente o fosse, embrulharam-se todos uns nos outros e rolaram, agarrados ao esquife, pela ribanceira abaixo, na direcção da taberna!

O garrano, caminhando entre aquelle cacho de bebedos, dava provas da maior cordura e seriedade, conservando-se sereno, parando por vezes, para não ir a cavallo n'elles, e applaudindo-se pelos ver n'um estado, que promettia poupar-lhe o lombo por muito tempo. Não tendo o dom da palavra, exprimia a satisfação de que se achava possuido, por todos os meios imaginaveis. Affeiçoado ao dono, como era dever de fiel cavalgadura, festejava-o a seu modo, pegando n'elle pelas costas do casaco e largando-o sobre os companheiros. A estes, mordia-os amigavelmente, lambia-lhes as caras e deliciava-os com muitos outros gracejos, proprios de cavallo bem ensinado.

O prior e os irmãos da misericordia davam urros com estas familiaridades, sem perceberem que eram brincadeiras do garrano. Tomavam-n'as por judiarias que uns faziam aos outros, e moiam-se reciprocamente a murro, com o intuito de as retribuirem e galardoarem.

Foi o cavallo quem os fez parar á porta da taberna, atravessando-se-lhes na frente. Pareceu ao excellente animal, que teria tudo a ganhar, demorando-os ali, emquanto ía roer uns olhos de canna, que o estavam namorando na encosta vizinha. No sacristão, que apenas manifestára a dor da quéda por um grunhido, e continuára a dormir dentro da cova, ninguem pensou. Como haviam de dar pela falta d'elle, se uns aos outros se tomavam já pelo rossim do abbade?! E, comtudo, aquelle bando de borrachos conservava ainda um sentido apurado. Era o faro do vinho! Apenas o garrano lhes deteve o passo, gritaram todos á uma:

— Venha meia canada!

E passando de gatas por baixo das pernas do cavallinho, que teve a suprema generosidade de os não estourar a couces, entraram de cambulhada na taberna.

O coveiro dormia, encostado ao balcão. Por fortuna sua, houve n'esse dia grande feira n'uma das maiores aldeias do concelho, que attrahiu toda a gente, que de ordinario transitava pela estrada onde era a taberna. Sem essa feliz circumstancia, não lhe teria faltado quem se aproveitasse do ensejo para lhe beber o vinho de graça.

## V

Fiel tinha arrastado o corpo do commendador João Izidro para dentro do cannavial, escondendo-o ali cuidadosamente com folhas de cannas e com outras hervas. Pondo-se depois á espreita, viu afastarem-se os conductores do esquife, e adormecer o taberneiro encostado ao balcão.

— Para onde iriam aquelles homens? — pensava o cão do commendador. — É preciso vigial-os!

Saiu pé ante pé do seu esconderijo, e seguiu-os, de longe, até ao cemiterio. Encoberto com os cyprestes, observou o burlesco ceremonial do enterro; viu despejar

Fideles na cova; presenceou a saída dos borrachos, engalfinhados no cavallo e no esquife; e riu muito, á moda dos cães, com as picardias do garrano, emquanto desciam a collina. E logo que os homens reentraram na taberna, voltou ao cemiterio, e foi examinar a cova, onde o sacristão ficára deitado. Pareceu-lhe exquisito aquillo tudo. Após um momento de meditação, ou porque já tivesse assistido, no Rio de Janeiro, ao enterro de sua dona, ou porque a sua intelligencia o favorecesse, comprehendeu, a final, o que significava aquella cova com um homem dentro, e persuadiu-se de que o tinham mettido n'ella em substituição de outro. Esta circumstancia alegrou-o. Se a sepultura estava preenchida, era claro que acabára a necessidade de occultar o cadaver de que se constituira defensor e guarda. Tão exacto raciocinio obrigou-o a dar á cauda para manifestar o seu contentamento. É possivel que lhe occorresse a lembrança de tapar a cova, que, segundo elle, os homens deixáram aberta, sem duvida por esquecimento. Mas, reflectindo que quem ali entrava uma vez, não tornaria a sair, afigurou-se-lhe essa precaução inutil;

tanto mais, que lhe constava haver cães que não detestavam a carne humana, e repugnava-lhe praticar actos que prejudicassem de algum modo os individuos da sua especie.

Saía do cemiterio, contente de si, quando avistou um grande rio, que passava no sobpé da collina, do lado opposto á estrada. Uma recordação saudosa deteve-lhe os passos. Lembrou-se dos mares que tinha atravessado em companhia de seu senhor; de um grande rio, onde entrára o navio que o conduzira; e da sua viagem para a terra da catastrophe.

— Seria este o rio? — perguntava elle a si proprio, com uma rosnadura intelligente. — Se fosse, nada mais facil do que trazer até ás suas margens o meu desgraçado amo, atirar-me com elle á corrente, e, segurando-o na bôca, deixar-me ir até ao ponto onde desembarcámos, quando viemos do Rio de Janeiro. Recordo-me de que havia n'esse logar uma grande cidade, onde tinhamos amigos, e onde eu vi alguns insignificantes da minha especie, que se queriam fazer finos commigo!... Ficaram todos bem arranjados! Será muito longe, d'aqui lá? Que importa a

distancia?! As aguas de um rio não mettem medo aos filhos da Terra Nova. Eu posso, em caso de necessidade, entrar n'uma regata com qualquer bacalhau meu patricio. É verdade que a velha entrevada e o neto nunca mais saberiam do meu senhor... O melhor é tornar a mettel-o na caixa de grades, em que o traziam. Como a cova já tem outro, é provavel que o levem novamente para a companhia da familia?... E, em todo o caso, eu não os perco de vista, e hei de ter mais cautela com o mariola da corda de cabello.

Feitas tão judiciosas considerações, que nem parecem de cão, Fiel partiu a galope, direito ao cannavial. Esperava-o ahi uma surpreza desagradavel.

O garrano estava saboreando com delicias os olhos de canna. Sentindo mexer atrás de si, e temendo que fosse algum dos bebedos, que pretendesse prival-o de tão innocente regalo, atirou um couce ao acaso, sem voltar a cabeça. Era uma precaução para não ter de tomar a responsabilidade do acto praticado pela trazeira. O cão apanhou-o em cheio no lombo, indo caír a seis passos, distante do cavallo, e exhalando um

gemido doloroso. A occasião era impropria para represalias. Fiel contentou-se com tomar nota da divida, para mais tarde pagar capital e juros. . . . . . . . . . .

Ouvindo o grito abafado da victima, voltára-se o cavallinho consternadissimo, com a benevola intenção de significar ao aggravado, quem quer que fosse, que não tivera proposito de offendel-o, pois só fizera aquelle movimento para enxotar as moscas. Vendo porém um enorme canzarrão da Terra Nova, dardejando sobre elle olhares inflammados de colera, ficou passado. Para disfarçar o terror, continuou a ripar com os dentes os olhos das cannas. Mas já engulia a custo: não ignorava que o outro se vingaria d'elle, quando o visse bem carregado, de espora na barriga e sem poder defender-se, porque, na sua opinião, era esse o infame costume d'aquella indigna especie!

Fiel, tendo-o fulminado com a vista carregada de ameaças, pegou no corpo de João Izidro, e levou-o rapidamente para baixo da ladeira. Depois de alguns esforços, conseguiu mettel-o dentro do esquife, e voltou a esconder-se no cannavial. . . . . . .

O cavallinho, que observára tudo, pulou

de contente, julgando que o cão tinha commettido um crime. Da primeira vez, ficára amarrado, de costas para o esquife, e não o sentíra retirar de lá o defunto. Mas agora, solto, viu-o perfeitamente desenterrar um corpo de entre as cannas, e arrastal-o para a porta da taberna. Denunciando-o, o cão seria punido de morte, porque os homens não brincam, quando se trata de tirar a pelle aos irracionaes.

Mas como podia o justiceiro bruto, sendo cavallo e garrano, revelar a malvadez do outro e depor contra elle?! Faltava-lhe a palavra, que no seu conceito era a unica superioridade dos homens sobre os cavallos; e ninguem comprehenderia os seus gestos. Comtudo, urgia tentar alguma cousa. O garrano saiu do cannavial, correu para a venda, e enfiou por ella dentro, dando um rincho guttural e medonho, que queria dizer:

— Basta, beberrões! Olhem que se commetteu á porta um attentado, e eu sei quem é o criminoso!

A bebedeira tocava o delirio lá dentro, quando o cavallo entrou. O relinchar desusado da besta aturdiu e espantou a todos.

— Quem foi? — gaguejou o padre.

— Foi o garrano.

— Qual d'elles?

— O cavallo do prior.

— Cavallos são vossês todos.

— Apoiado! Apoiado!

— Esperem lá... O rincho quer dizer que são muito boas horas de irmos andando. O cavallito é um sabio!... Tem mais juizo que nós! E o tio Simão é um bruto, que já não tem queijo, nem almondegas de bacalhau, nem sequer uma sardinha do tempo! Forte burro!...

— Vossês comeram tudo, suas bestas!... Olha o outro! Faltava cá o cavallinho do padre!... Chó! Chimbéu do diabo!

E o coveiro, que estava menos borracho, começou a bater com a medida de meia canada, que era de pau, nas ventas do garrano.

O padre teve um instante lucido, e reconhecendo a sua cavalgadura, gritou:

— Não batas, coitadinho! Bem lhe basta ter de me aturar e carregar commigo!

E foi abraçar e beijar o cavallo, derramando, enternecido, lagrimas de puro vinho.

— Dá-lhe uma pinga! Dá-lhe uma pinga!

— A quem? a quem? — perguntaram os outros.

— Ao meu garrano.

— Vá feito! Meia canada para o garrano. Meia canada! Quem paga sou eu.

— Pago eu.

— Pago eu.

O garrano tarde conheceu em que mãos se tinha mettido. Penduraram-se todos a elle, e emborcaram-lhe sem grande resistencia a primeira meia canada, que não lhe soube de todo mal sobre o jantar de olhos de canna.

A segunda, ainda foi, por honra da firma. Lembrou-se que era cavallo de padre; e que parecia feio não imitar o dono. Mas á terceira, resistiu, e, já quente com as primeiras dóses, atirou uma parelha de couces, que escangalharam o balcão, e saltou para a rua, passando de salto por cima do esquife, e dando ao diabo a lembrança de querer denunciar o cão.

— Os homens são mais amigos de vinho que de justiça! — dizia elle, conversando com o albardão. — Elles ahi veem com a medida cheia! Se me apertam muito, metto pés ao caminho, e vou sósinho para casa. O

tolo do prior que vá por seu pé... e ha de fazer-lhe bem á gordura. Com aquella idade, e já barrigudo!... Está aceiado!... E eu ainda mais, que tenho de carregar com elle! Ah! que se a equidade valesse alguma cousa, não era eu o que havia de andar por baixo! Eil-os commigo!

Effectivamente, os irmãos da misericordia e o padre saíam da venda, com outra caneca cheia de vinho, para obrigarem o garrano a beber. Mas, chegando ao pé do esquife, caíram uns por cima dos outros, e entornaram o vinho sobre o defunto.

—Lá se foi o vinho!

—Ora esperem... Que diabo de historia é esta?! O defunto ainda aqui está!

—Não póde ser! Isso é vinho!

—É um diabo! Apalpem!...

Todos se deitaram sobre o esquife. Apesar de ser uma hora da tarde, não viam quasi nada! Apalparam e reconheceram o morto; não manifestaram porém o menor espanto. O padre, que á força de beber parecia ir-se desembebedando, fôra o primeiro que dera com o corpo.

—Porque estará elle aqui?! Nós não o fomos já enterrar?

— Oh! sêu prior!... Essa agora é sua! Se o tivessemos enterrado, como estaria ahi?!

— Sim... bem sei... a cousa... é exquisita! Eu havia de jurar que nós o fomos enterrar ha pedaço.

— Qual!

— Vossês teem certeza de que não estivemos hoje no cemiterio?

— Foi n'outro dia.

— Eu cá não estive.

— Nem eu.

— Nem eu.

— Então tambem eu não estive.

— Deem-lhe meia canada! — gritou um dos irmãos.

— Ao garrano?

— Ao diabo que o carregue! Ao defunto.

— Venha vinho!

Um, que conseguiu levantar-se, foi encher a caneca e voltou cambaleando. Os outros sentaram o corpo no esquife, inclinando-o para trás, abriram-lhe os labios e começaram a dar-lhe o vinho. O liquido, ao principio escorria todo pelos cantos da bôca, desenhando duas fitas arroxadas sobre o rosto pallido do morto. Os actores d'esta comedia singular, riam-se bestialmente, e já

um terço da caneca se tinha despejado, quando o vinho cessou de correr por fóra. O padre, que continuava a desembebedar-se, notou esta circumstancia; mas, obtuso ainda pelos densos vapores de uma carraspana monstruosa, não fez nenhuma reflexão sobre o caso.

Só quando viram a caneca inteiramente vasia, e reconheceram, apesar de meio aparvalhados pela embriaguez, que o vinho se não tinha entornado, foi que exclamaram todos á uma:

— Bebeu!

— Ora esta!

— Bebeu?!

— Venha mais!...

O que tinha a vasilha, levantava-se a custo para ir enchel-a novamente, quando o defunto, estendendo o braço e a mão aberta em gesto de recusa, disse com voz fraca:

— Basta!

— Hein? — interrogou o da caneca. — Quem é que disse basta?

— Foi elle — respondeu o padre aterrado.

— Quem?

— Qual?

— Eu — replicou o morto, abrindo o olho

que tinha ainda fechado, e voltando-se para o interrogador.

Todos o largaram a um tempo, e recuaram, quasi desembriagados com o espanto.

O padre limpou o suor, murmurando:

— Estará realmente vivo? ou estaremos nós mais bebedos do que parecemos?— Correu então a vista pelos companheiros e não vendo o sacristão, gritou: — Fideles? Ó Fideles?! — depois, como tomado de uma idéa subita, acrescentou: — Oh! diabo de vinho! Querem ver que enterrámos o sacristão?... O que vale é que a cova não está tapada!... Mas este?! Este?! Uma assim nunca me aconteceu!... Que eu cá não creio em almas do outro mundo. O defunto está vivo... e eu lembro-me agora perfeitamente de ter ido ao cemiterio levar outro, apesar d'estes tolos dizerem que não. Mas onde ficou este?!...

João Izidro estava com effeito vivo. Victima de um ataque de catalepsia especial, talvez promovida pela suffocação no incendio da sua casa, tornava n'aquelle momento a si, por effeito do vinho.

Fiel, que estivera sempre de atalaia, apenas o viu mexer-se e o ouviu fallar, ati-

rou-se c... leão para o esquife. Similhante ao c... Ulysses, parecia ter vivido vinte annos ausente do dono, e querer matar-se com a alegria de tornar a vel-o!

O padre e os irmãos, reconhecendo o cão e vendo o morto vivo, não sabiam que pensar de tão extraordinario successo. Apesar de crerem pouco em Deus, pelo seguro sempre se iam benzendo, ás escondidas uns dos outros, e dizendo com os seus botões:

—Se isto não foi feito por Deus, póde muito bem ter sido obra do diabo!

O ex-defunto, depois de pagar as festas ao seu cão, olhou á roda de si e ficou admirado, por não conhecer o sitio em que estava nem os homens que o rodeavam. Sem consciencia dos acontecimentos de que fôra victima, desde a tarde do dia anterior, estranhou não ver sua mãe e seu filho. Descendo a vista para o objecto dentro de que estava sentado, comprehendeu tudo, e deu um salto para fóra do esquife.

—Julgavam-me morto?!—perguntou ao padre.

—Se lhe parece!... O caso não era para menos.

—E iam enterrar-me?!

— Queira desculpar... mas... era a nossa obrigação.

— No esquife da misericordia! — exclamou dolorosamente João Izidro. — Um commendador, que possue mais de oitocentos contos!

— Oitocentos?! Então a despeza do enterro?... Oitocentos contos!...

— E minha mãe? E meu filho?

— Estão salvos, em casa do provedor da misericordia.

— Excellente homem! É longe d'aqui?

— É um bocadito... Mas ahi está o meu cavallo, que, apesar de pequeno, é seguro e sabe o caminho.

— Agradecido. O senhor é o abbade?

— Para servir a v. ex.ª

— Tomo nota do favor que me faz... e do que me fez, sem intenção de me ser agradavel... dando-me vinho, quando me julgava morto.

O prior fez-se vermelho; porém reflectiu logo, e disse mentalmente:

— Tolice ou não, salvámos-lhe a vida. Se o tivessemos levado logo para a cova, e se eu obrigasse o coveiro a cumprir o seu dever, estava elle morto de vez.

João Izidro montou no garrano e partiu a galope.

— Oitocentos contos! — dizia o padre aos irmãos da misericordia. — Já vêem que elle tem com que pagar as despezas do enterro.

— Mas nós não o enterrámos.

— Fizemos mais — replicou o prior — resuscitámol-o; e elle tem oitocentos contos.

— Então, venha meia canada! — gritaram os outros, querendo enfiar novamente a porta da taberna.

— Venha um diabo! Aqui ninguem bebe mais vinho. Vamos procurar o Fideles, que ficou, talvez, no cemiterio.... e depois, toca para casa com o esquife.

## VI

O garraninho não ía contente com a mudança de cavalleiro. O prior tinha emprestado uma espora de correia a João Izidro, e este não economisava o serviço d'ella.

Fiel trotava ao lado do cavallo, olhando-o de revez, porém poupando-o ainda, por não

ser aquella occasião, de tanto jubilo para elle, a que exigia a sua vingança. Passado já mais do meio caminho, o commendador dava signaes de impaciencia, que não escapavam á perspicacia do cão; e o cavallito sentia-se azedo com as esporadas, e andava cada vez com menos vontade. Por duas ou tres vezes, occorreu-lhe fingir que caía, e deitar o cavalleiro por uma ribanceira abaixo; mas, não podendo prever se elle escaparia em termos de o vir zurzir bem zurzido por essa falcatrua, absteve-se. Quando sairam do caminho dos montes e entraram na planicie que conduz á aldeia, João Izidro estava devéras encolerisado pela morosidade do garrano. O cão entendeu que era tempo de intervir. E, quando o cavallito respondia com dois couces a uma esporada, ferrou-lhe os dentes na anca, e obrigou-o com a dor a partir á desfilada. João Izidro gostou, Fiel percebeu; e d'ali em diante moeu o pobre garrano com dentadas até á porta do lavrador.

É impossivel descrever-se o effeito da apparição do ex-defunto, com a cara listada de roxo escuro, em casa do seu ex-senhorio. A mãe levantou-se para fugir; e, com o ter-

ror, expulsou a paralysia, que desde annos a tinha avassallado, e achou a voz que tinha perdido. Milagres do medo. O filhinho, fallando antes de tempo, dizia em altos berros, que tinha medo do papão. O lavrador e a familia refugiaram-se nos telhados, acossados pelo cão, que queria tambem saldar as contas do laço.

Ninguem acreditava que João estivesse vivo a valer. Foi necessario que elle explicasse, de longe e em grande grita, como as cousas se tinham passado, e que o padre viesse d'ahi a pouco, para *fazer a sua côrte* aos oitocentos contos, confirmar tudo o que o outro dizia. A final, todos se accommodaram; e disseram, que quanto Deus fazia era sempre para melhor.

João Izidro comprou a casa incendiada e construiu ali um palacete magnifico. A historia da sua resurreição tornou-se tão popular n'aquelle concelho, que, quando chegaram as primeiras eleições, todos os habitantes votaram n'elle como um só homem. E votariam com o mesmo enthusiasmo no Fiel, e no proprio garrano, se alguem os tivesse proposto.

O padre e os quatro irmãos da miseri-

cordia proclamaram-se salvadores do illustre commendador, que os recompensou larga e generosamente. Havia, comtudo, um ponto escuro na historia do enterro, que o prior nunca pôde esclarecer.

— Onde estava o defunto — perguntava elle a si proprio — quando o patife do Fideles se mettêra no esquife, para o levarem ao cemiterio, em logar do outro? Quem o tirou? Onde o escondeu, e como o tornou depois a trazer para que providencialmente lhe dessem o vinho? Não podia ter sido senão o Fideles com a bebedeira?!

Mas o sacristão negava o corollario do prior, dizendo, que, apesar de embriagado, bem se lembrava de estar o esquife vasio quando entrou n'elle. E era a favor d'esta affirmativa o facto de ter sido o sacristão encontrado a dormir na cova do cemiterio, onde o deitaram de chofre. O padre, cansado de indagar inutilmente como as cousas se teriam passado, deixou-se por fim de procurar o que era quasi impossivel descobrir-se. . . . . . . . .

O unico salvador de João Izidro fôra o cão. Porém... esse, não fallava. E, como acontece quasi sempre, os que não fizeram

os maiores serviços foram os que apanharam as melhores recompensas. O que valeu a Fiel, para não ficar esquecido ou posto de parte, como tem succedido a muitos, que, sem serem cães, se mostraram tão dedicados e fieis como elle, foi ser um animal não vulgar, em tamanho e belleza. O dono lisonjeava-se de o mostrar aos seus amigos, senão como um amigo leal, como bonito bicho!

João Izidro é visconde e enfeita-se para ministro; o prior, para conego; Fideles, para thesoureiro; e os quatro irmãos da misericordia, para sacristães de quatro igrejas das mais rendosas da capital.

O coveiro enriqueceu e vive dos seus rendimentos. O vinho que elle vendia adquiriu tal fama, com o caso do commendador, que d'ali em diante todas as pessoas doentes, de dez leguas á roda, o mandavam buscar como remedio. Adoptou-se tambem o costume de lá levar todos os defuntos, que faziam falta ás familias; e dava-se-lhes a beber meia canada. Mas não consta que resuscitasse mais nenhum.

Esta historia foi-me contada por um sujeito da localidade, que esteve um anno

doido em Rilhafolles, e que affirmava ter saído inteiramente curado.

No hospital chamavam-lhe o defunto João Izidro.

FIM

# INDICE

# ANNUNCIO BIBLIOGRAPHICO

## OBRAS DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

### VERSOS

**Cantos matutinos**, 3.ª edição — 1 vol., 8.º de 426 pag.

**Ephemeros** — 1 vol., 8.º de 424 pag.

### THEATRO

**Ghigi**, 2.ª edição — **A prohibição** — 1 vol., 8.º de 367 pag.

**Odio de raça** (com muitas descripções de viagens e costumes do Brazil) — 1 vol., 8.º de 365 pag.

**A abnegação** — **A viuva** — 1 vol., 8.º de 334 pag.

**Figados de tigre** (com copiosas notas) — 1 vol., 8.º de 305 pag.

**Aleijões sociaes** — **O casamento e a mortalha** — 1 vol., 8.º de 413 pag.

**Os incognitos do mundo** — **Os herdeiros do millionario** — 1 vol., 8.º de 340 pag.